

DAISY KIEKOW DE BRITTO RODRIGUES ALVES

**FAMÍLIA X INTERNATO MISTO
CONFESSIONAL: COMPREENSÕES DO
JOVEM INTERNO ACERCA DA
ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA
FAMÍLIA E NO INTERNATO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
2008**

DAISY KIEKOW DE BRITTO RODRIGUES ALVES

**FAMÍLIA X INTERNATO MISTO
CONFESSIONAL: COMPREENSÕES DO
JOVEM INTERNO ACERCA DA
ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA
FAMÍLIA E NO INTERNATO**

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador:
Prof(a). Dr(a). Elaine Pedreira Rabinovich

**SALVADOR
2008**

Ficha catalográfica elaborada por Cristina Alexandra de Godoy
Bibliotecária – CRB 5/1479

A474f Alves, Daisy Kiekow de Britto Rodrigues
Família X internato misto confessional: compreensões do jovem interno
acerca da abordagem da sexualidade na família e no internato / Daisy Kiekow
de Britto Rodrigues Alves. – Salvador: Universidade Católica do Salvador,
2008.

193 f. : il. ; 30 cm

Orientação: Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich.

Dissertação (Mestrado) em Família na Sociedade Contemporânea)
Universidade Católica do Salvador, - Salvador, 2008.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Orientação sexual – Jovens. 2. Família – Orientação sexual. 3.
Internato escolar confessional – Orientação sexual. I. Rabinovich, Elaine
Pedreira. II. Universidade Católica de Salvador.. III. Título.

CDD 306.76

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador Prof. (a). Dr. (a). Elaine Pedreira Rabinovich

1º Examinador (Prof. (a). Dr. (a). Anamélia Lins Silva Franco

2º Examinador (Prof. (a). Dr. (a). Marilena Ristum

Salvador, 18 de agosto de 2008

Dedico este trabalho a Deus, ao meu esposo e a todos os alunos internos que participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Sou agradecida a Deus, por ser meu companheiro de jornada e iluminar meus passos nesta vida.

Ao meu esposo João Antônio, pelo apoio, compreensão e contribuição durante a realização deste trabalho.

Aos meus filhos, pela compreensão e apoio, pois nas férias de julho de 2008 não tiveram uma mãe tão presente.

À Diretoria do IAENE ou FADBA,, pelo consentimento e apoio em cada fase da pesquisa e pela participação na mesma.

Aos Preceptores que, mesmo tendo tantos jovens para cuidar, tiraram um tempo para participar , respondendo aos questionários.

Aos amigos, que oraram por mim e me apoiaram em todos os momentos.

Aos alunos do internato, que compreenderam nosso objetivo e nos apoiaram, participando tanto da entrevista como respondendo ao questionário.

Aos colegas e amigos do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Foi prazeroso estar na companhia de colegas tão animados e dispostos a crescer intelectualmente.

A cada professor, por aulas tão inspiradoras; em especial, gostaria de mencionar a profa. Dra. Anamélia Lins e Silva Franco, pelo apoio com empréstimos de livros, sua simpatia, sinceridade, por nossos encontros como grupo de estudo e almoços grupais; a Profa. Dra. Mary Garcia Castro, por suas sugestões orientações de leituras, o sorriso franco e a disponibilidade constante para ouvir-me.

Finalmente, à minha orientadora, amiga, companheira de desconstrução das dificuldades apresentadas por esta pesquisadora e pela construção de uma pesquisadora mais distanciada de seu objeto de pesquisa, mais crítica e mais pronta a se deixar orientar, profa. Dra. Elaine Rabinovich – nada pode ser comparado com a nossa jornada!

“O que sabemos é uma gota.
O que ignoramos é um oceano.”

Isaac Newton
(1643-1727)

RESUMO

ALVES, Daisy Kiekow de Britto Rodrigues. Família X Internato misto confessional: compreensões do jovem interno acerca da abordagem da sexualidade na família e no internato. Salvador, 2008. 193f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2008.

Este trabalho buscou conhecer a compreensão da abordagem da sexualidade tanto na família como na instituição que o aluno de um internato misto confessional/educacional tem, desde sua perspectiva e vivências, levando em consideração o contexto e sua influência sobre o desenvolvimento do jovem de 15 a 24 anos. A abordagem teórica foi a teoria bio-ecológica de Bronfenbrenner. Os instrumentos utilizados foram: observação “in loco”, entrevistas com os jovens do SOS solteiros; questionários semi-estruturados para jovens, pai, mãe, diretoria e preceptoria, configurando os seguintes participantes: 36 jovens entrevistados e 64 jovens que responderam ao questionário; toda a direção e preceptoria disponível do internato; 54 questionários respondidos por pai (N=25) e mãe (N=29) separadamente. A análise está ancorada nas seguintes problemáticas oriundas dos instrumentos utilizados: razões pelas quais os jovens estão no internato; quais foram as primeiras impressões; como se sentem atualmente; como é a vida no internato; como percebem as regras; que regras são difíceis de serem cumpridas; se já quebrou alguma regra, se alguma vez rompeu com as regras concernentes ao namoro e que sentimentos prevaleceram; quais foram as primeiras mudanças corporais que indicaram que já estavam deixando de ser crianças; com quem compartilhou estas mudanças; a família aborda o tema da sexualidade; como é abordado o tema em família; o internato aborda o tema; como o internato tem falado sobre o tema; se já manteve relações sexuais antes de vir ao internato; se manteve relações no internato e quais os sentimentos prevalecentes; se os diretores fizeram algum curso preparatório para trabalhar na área em que atuam; se a direção considera que as regras estão atualizadas; o que vem a ser sexualidade; como são feitos os programas de educação e orientação sexual; como é a relação deles com os jovens; a direção está capacitada para responder sobre a temática; porque os pais trouxeram os filhos para o internato confessional misto; como é abordado o tema da sexualidade na família; como o pai fala da relação sexual com o filho homem e com a filha mulher; como a mãe fala da relação sexual com o filho homem e com a filha mulher;

se os pais conhecem a vida sexual de seus filhos. Concluiu-se haver concordância entre o que os jovens falaram acerca da direção, preceptoria e pais: ninguém aborda o tema da sexualidade. As descobertas nesta área têm sido feitas junto aos pares, sem a mediação da família e da instituição e de seus princípios e valores, verificando-se uma prática sexual ativa por parte de alguns dos que participaram do estudo, em locais inadequados e sem consideração pelas conseqüências.

Palavras-chave: Sexualidade. Jovem. Família. Internato.

ABSTRACT

ALVES, Daisy Kiekow de Britto Rodrigues. **Family X mixed parochial boarding school: Youth understanding of the approach to sexuality in the family and boarding school**. Salvador, 2008. 193f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2008.

This study attempted to know the understanding of the sexuality approach both in the family and in the institution in which the student of a mixed boarding school (parochial/educational) has from his perspective and experience, taking into account the context and its influence over the development of the young person, from 15 to 24 years of age. The theoretical approach was the bio-ecological theory of Bronfenbrenner. The instruments used were: observation "in loco", interviews with members of the group SOS Singles, and semi-structured questionnaires for the youth, his father, his mother, the school administration and deans. One hundred young people participated in the study, and from these, 36 were interviewed, and 64 answered the questionnaire. In addition, all the school administration and deans available on the boarding school participated, as well as 40 fathers and 40 mothers answered questionnaires separately. The analysis is anchored in the following problems found from the instruments used: reasons for which the young persons are in the boarding school; which were their first impressions; how they feel currently; how is the life in the boarding school; how they perceive the rules; which rules are difficult to be carried out; if they already broke any rule; if they sometime broke the rules concerning courtship and which feelings prevailed; which were the first physical changes that indicated that they were no longer children; with whom they shared these changes; the family approach the subject of sexuality; how the subject is discussed in the family; the boarding school approach the subject; how the boarding school has discussed about the subject; if the participants already had sexual intercourse prior to coming to the boarding school, or if they had sexual intercourse in the boarding school, and which are the prevailing feelings; if the deans had an academic preparation to work on the area they act; if the administration considers that the rules are up to date; what is sexuality; how the programs on education and sexual orientation are developed, and their relationship with the young people; is the administration capable to answer about the subject; why the parents brought their children to the mixed parochial boarding school; how is the subject of sexuality approached in the family; how the father talks about sexual intercourse with

his son and with his daughter; how the mother talks about sexual intercourse with her son and with her daughter; if the parents know the sexual life of their children. It is concluded that there is an agreement in what the students said about the administration, deans and parents: nobody talks about sexuality. The discoveries in this area have been with friends, without the family and institution mediation and their principles and values. Some participants have an active sexual life, in unsuitable places and without consideration to the consequences.

Key words: Sexuality. Youth. Family. Boarding School.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA		PG
01	Foto da vista da entrada do IAENE, 2007	59
02	Organograma completo, IAENE, 2007	65
03	Foto da vista interna do residencial masculino, IAENE, 2007	67
04	Foto da vista externa do residencial masculino, IAENE, 2007	67
05	Foto da vista interna do residencial feminino, IAENE, 2007	67
06	Foto da vista externa do residencial feminino, IAENE, 2007	67
07	Foto da vista interna da capela masculina, IAENE, 2007	68
08	Foto da visão externa do CAB, IAENE, 2007	69
09	Foto da vista interna do CAB, IAENE, 2007	69
10	Foto da vista interna da biblioteca, IAENE, 2007	69
11	Foto da vista interna da biblioteca, IAENE, 2007	69
12	Foto da vista interna do restaurante, IAENE, 2007	70
13	Foto da vista interna do restaurante, IAENE, 2007	70
14	Foto da vista da praça central, IAENE, 2007	70
15	Foto da vista da quadra poliesportiva, IAENE, 2007	70
16	Quadro amostral e procedimentos utilizados, IAENE, 2007	74
17	Quadro sobre as primeiras e atuais impressões sobre o internato, desde a perspectiva do aluno que desejou vir, IAENE, 2007	84
18	Quadro sobre as primeiras e atuais impressões sobre o internato, quando os pais trouxeram o aluno, IAENE, 2007	86
19	Quadro sobre as primeiras e atuais impressões sobre o internato, quando a mãe trouxe o aluno, IAENE, 2007	88
20	Quadro sobre as primeiras e atuais impressões sobre o internato, quando o pai trouxe o aluno, IAENE, 2007	89
21	Quadro sobre as primeiras e atuais impressões sobre o internato, quando outros membros da família trouxeram o aluno, IAENE, 2007	90
22	Quadro do que levou o pai e mãe a decidirem-se pelo internato. IAENE, 2007	144
23	Preocupações e temas da sexualidade abordados pelo pai e mãe de acordo com o gênero. IAENE, 2007	148
24	Os pais conhecem a vida sexual de seus filhos? IAENE, 2007	150

LISTA DAS TABELAS

01	Idade dos internos entrevistados, IAENE, 2007	80
02	Idade dos internos questionados, IAENE, 2007	80
03	Sexo dos jovens entrevistados, IAENE, 2007	81
04	Sexo dos jovens questionados, IAENE, 2007	82
05	De quem foi a idéia de vir para o internato. Entrevistados, IAENE, 2007	83
06	De quem foi a idéia de vir para o internato. Questionados, IAENE, 2007	83
07	Razões para vir para o internato. Entrevistados, IAENE, 2007	91
08	Razões para vir para o internato. Questionados, IAENE, 2007	92
09	O que aprecia na vida do internato. IAENE, 2007	94
10	As regras estão atualizadas? IAENE, 2007	100
11	Regras difíceis de serem cumpridas. Entrev. IAENE, 2007	101
12	Regras difíceis de serem cumpridas. Ques. IAENE, 2007	102
13	Já quebrou as regras com o sexo oposto. Questionados, IAENE, 2007	104
14	Já quebrou as regras com o sexo oposto. Entrevistados, IAENE, 2007	104
15	Sentimentos preponderantes quando quebrou alguma regra com o sexo oposto. Questionados, IAENE, 2007	106
16	Mudanças corporais que chamaram a atenção. Questionados, IAENE, 2007	113
17	Mudanças corporais que chamaram mais a atenção. Entrevistados, IAENE, 2007	114
18	Sentimentos diante das mudanças físicas. Entrevistados, IAENE, 2007	115
19	A família conversou sobre as mudanças físicas. Entrevistados, IAENE, 2007	117
20	A família conversou sobre as mudanças físicas. Questionados, IAENE, 2007	117
21	Como a família aborda o tema da sexualidade. Questionados, IAENE, 2007	119
22	Como a família aborda o tema da sexualidade. Entrevistados, IAENE, 2007	119
23	O internato aborda o tema da sexualidade desde a compreensão dos alunos. IAENE, 2007	121
24	Com quem os alunos entrevistados retiraram suas dúvidas acerca da sexualidade, IAENE, 2007	122
25	Já manteve relações sexuais antes de vir para o internato. Entrevistados, IAENE, 2007	124
26	Já manteve relações sexuais antes de vir para o internato. Questionados, IAENE, 2007	125
27	Já manteve relações sexuais no internato. Questionados, IAENE, 2007	126
28	Já manteve relações sexuais no internato. Entrevistados, IAENE, 2007	127
29	O internato aborda os temas da sexualidade. Entrevistados, IAENE, 2007	128
30	Como o internato tem abordado o tema da sexualidade. Questionados, IAENE, 2007	129
31	Sentimentos predominantes após a relação sexual realizada no internato. Questionados, IAENE, 2007	131

32	As regras estão atualizadas. Diretores e Preceptores, IAENE, 2007	136
33	Fizeram curso preparatório para trabalhar com os jovens. Diretores e Preceptores, IAENE, 2007	137
34	Quantas vezes ocorrem programas de educação sexual. Diretoria e Preceptores, IAENE, 2007	138
35	Deve haver programas sobre a sexualidade. Diretoria e Preceptores, IAENE, 2007	140
36	Está preparado para responder questões sobre sexualidade. Diretoria e Preceptores, IAENE, 2007	141

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 A PROBLEMÁTICA	19
1.2 TEORIA ECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER	22
1.2.1 Os quatro elementos da teoria de Bronfenbrenner	22
1.2.2 Estruturação do ambiente segundo a Teoria Ecológica	24
1.3 FAMÍLIA NA ATUALIDADE	26
1.3.1 Breve história da família no mundo medieval	26
1.3.2 Revisão da história da família no Brasil	28
1.3.3 A família atual em mudança	31
1.3.4 Definindo família e sua complexidade	32
1.3.5 A família atual e seus desafios	36
1.4 JUVENTUDE BRASILEIRA	40
1.4.1 Delimitação etária	40
1.4.2 Quem é jovem?	41
1.4.3 O jovem brasileiro e seus problemas	43
1.5 A SEXUALIDADE	44
1.6.1 A sexualidade segundo Foucault	44
1.6.1.1 <i>A scientia sexualis</i>	44
1.6.1.2 <i>A ars erotica</i>	45
1.6.2 A iniciação sexual	48
1.6.3 Como os pais têm tratado a prática sexual com os jovens	49
1.6.4 A sexualidade hoje	51
2 SUPOSIÇÕES NORTEADORES DO TRABALHO	54
3 OBJETIVO	55
3.1 OBJETIVOS GERAIS	55
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	55
4 MÉTODO	56
4.1 JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO MÉTODO	56
4.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA	58
4.2.1 Conhecendo o ambiente o o estudo foi realizado – IAENE	58
4.2.2 Aspectos legais para o funcionamento do internato	60
4.2.3 Fundamentos da educação adventista	61
4.2.4 Crenças adventistas em relação à sexualidade	62
4.2.5 O IAENE e sua função educadora	65
4.2.6 Vivendo no internato	66
4.2.7 Como chegamos a amostra para o estudo	71
4.2.8 Características da amostra	72
4.2.9 Procedimentos	74
5 ANÁLISE	77
6 RESULTADOS E ANÁLISES	79
6.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS JOVENS QUE ESTÃO NO INTERNATO	79
6.1.1 Análise	79
6.1.1.1 <i>Idade dos jovens entrevistados e questionados</i>	80
6.1.1.2 <i>Sexo dos entrevistados</i>	81
6.1.1.3 <i>De quem foi a idéia de vir para o internato</i>	82
8.1.1.4 <i>As primeiras e as atuais impressões dos alunos que desejaram ou não vir para o internato</i>	84

6.1.1.5 <i>As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelos pais para o internato</i>	86
6.1.1.6 <i>As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelas mães para o internato</i>	88
6.1.1.7 <i>As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelo pai para o internato</i>	89
6.1.1.8 <i>As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelo avô ou pelo tio para o internato</i>	89
6.1.1.9 <i>Razões para a vinda para o internato</i>	91
6.1.1.10 <i>O que aprecia nesta nova vida</i>	94
6.1.2 <i>Síntese parcial dos achados dos entrevistados e questionados, preenchidas pelos jovens acerca das razões para a vinda para o internato</i>	95
6.2 <i>A VIDA NO INTERNATO</i>	100
6.2.1 <i>Análise</i>	100
6.2.1.1 <i>As regras estão atualizadas para os entrevistados</i>	100
6.2.1.2 <i>As regras difíceis de serem cumpridas</i>	101
6.2.1.3 <i>Quebras das regras com o sexo oposto</i>	104
6.2.1.4 <i>Sentimentos ao quebrar as regras do não contato físico</i>	106
6.2.2 <i>Síntese parcial dos achados das entrevistas e questionários preenchidos pelos jovens acerca da vida no internato</i>	107
6.3 <i>DESCOBERTA DA SEXUALIDADE</i>	111
6.3.1 <i>Análise</i>	112
6.3.1.1 <i>As mudanças corporais que mais chamaram a atenção</i>	113
6.3.1.2 <i>Sentimentos diante destas mudanças</i>	115
6.3.1.3 <i>A família e a preparação para as mudanças que ocorreriam</i>	116
6.3.1.4 <i>Como o tema da sexualidade é abordado pela família</i>	118
6.3.1.5 <i>Como o internato aborda o tema da sexualidade</i>	120
6.3.1.6 <i>Com quem você tira as dúvidas sobre sexualidade</i>	122
6.3.1.7 <i>Já manteve relações sexuais antes de vir para o internato</i>	123
6.3.1.8 <i>Já manteve relações sexuais no internato</i>	126
6.3.1.9 <i>Sentimentos preponderantes após a relação sexual no internato</i>	130
6.3.2 <i>Síntese parcial dos achados nas entrevistas e questionários preenchido pelos jovens acerca da prática e abordagem da sexualidade no internato</i>	132
6.4 <i>A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO E SEU ENVOLVIMENTO NA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE</i>	135
6.4.1 <i>Análise</i>	135
6.4.1.1 <i>A diretoria e a preceptoria consideram as regras atualizadas</i>	136
6.4.1.2 <i>Fizeram algum curso preparatório para trabalhar com os jovens</i>	137
6.4.1.3 <i>Programação para educação sexual</i>	138
6.4.1.4 <i>Consideram que deveria haver programa sobre sexualidade</i>	139
6.4.1.5 <i>Consideram-se preparados para responder sobre o tema da Sexualidade</i>	140
6.4.2 <i>Síntese parcial dos achados a partir dos questionários respondidos pela direção e preceptoria acerca da abordagem da sexualidade</i>	142

6.5 POSIÇÃO DE PAIS E MÃES EM RELAÇÃO AO TEMA DA SEXUALIDADE	143
6.5.1 Análise	143
6.5.1.1 <i>O que levou os pais a decidirem-se pelo internato</i>	143
6.5.1.2 <i>O tema da sexualidade abordado pelos pais e mães com os filhos</i>	145
6.5.1.3 <i>Como pais e mães abordam o tema da sexualidade com seus filhos</i>	148
6.5.1.4 <i>Os pais conhecem a vida sexual dos filhos</i>	149
6.5.2 Síntese parcial dos achados a partir dos questionários respondidos pelo pai e pela mãe individualmente, acerca da abordagem da sexualidade	151
6.6 RESUMO GERAL DOS DADOS ANALISADOS	153
7 CONCLUSÃO	156
8 RECOMENDAÇÕES	160
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICES	172
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	173
APÊNDICE B – Questionário para o pai	176
APÊNDICE C – Questionário para a mãe	180
APÊNDICE D – Entrevista para alunos	184
APÊNDICE E – Questionário para os alunos	186
APÊNDICE F – Questionário para diretores e preceptores	189
APÊNDICE G – Carta aos pais	194

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMÁTICA

Este trabalho procura conhecer, desde a perspectiva do jovem que vive em um internato misto confessional, sua compreensão acerca da abordagem do tema da sexualidade, tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar-residencial onde o mesmo está inserido. A pesquisa foi realizada no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, localizada no município de Cachoeira, Bahia, cujo nome fantasia é o de Faculdade Adventista da Bahia.

O interesse neste tema surgiu da própria vivência, quando, na juventude, fui aluna de um internato semelhante. Ademais, minha vida profissional tem se desenvolvido e desenrolado, há vinte e quatro anos, na educação adventista, tendo exercido diversos cargos, em diversas escolas denominacionais, desde diretora, assistente da direção, educadora do fundamental menor e do ensino médio.

Nos últimos quinze anos, resido no campus do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE -, internato educacional/confessional misto, onde exerci cargos administrativos, de assistente da administração, e também assistente de coordenação de curso.

Nos anos de 1993-1994 tive a grata experiência de atuar como preceptora do residencial feminino, o que me permitiu conhecer mais de perto algumas necessidades das jovens internas, suas curiosidades, temores e dúvidas na área da sexualidade, bem como suas relações familiares e a forma como tal tema era tratado.

Atualmente, sendo docente da área de Psicologia, além de Psicóloga Clínica, na Clínica de Fisioterapia, tenho atendido alguns estudantes e residentes do IAENE, o que me permite conhecer e rever algumas das necessidades dos alunos internos, sua compreensão da estrutura física e administrativa oferecida, das regulamentações da Instituição e a responsabilidade da mesma ao se tornar tutora deles.

Como pesquisadora, pude perceber que os antigos regulamentos ainda estão vigentes e que as observações que ouvi no passado continuam bem presentes na vida dos atuais alunos internos. As problemáticas vivenciadas como estudante interna e, depois, como preceptora, continuam vigindo e causando distorções, más

compreensões, comportamentos distantes do desejado pela instituição, e que o relacionamento familiar, a forma da vinda para o internato, influenciam a compreensão sobre a instituição e sobre o próprio indivíduo.

O interesse pelo tema renovou-se, pois quando atuei como preceptora, já percebia haver uma lacuna entre o ambiente vivido pelo aluno interno e a realidade do mundo externo, pois a realidade vende a liberdade sexual, preconiza a prevenção e, ao mesmo tempo, todos os veículos de comunicação de massa, incentivam esta liberação. Já no internato, o foco está voltado para um encontro pessoal com Deus, um estilo de vida simples e normas de conduta que pregam a pureza de pensamentos e nos relacionamentos, onde a relação sexual só deve ocorrer após o casamento, tanto legal como religioso.

O interesse por este tema tomou corpo e robusteceu-se quando fui convidada por um grupo denominado “SOS – Só Os Solteiros”, composto por quarenta jovens, que desejava que lhes falasse sobre o tema da sexualidade em geral, e sobre a arte da conquista, em particular. O encontro seria realizado em ambiente fechado e a pesquisadora deveria dispor-se a responder a todas as perguntas que surgissem em dita reunião. Neste momento, percebi que, apesar dos muitos estudos já realizados sobre a juventude brasileira, estudos da juventude e da sexualidade, a violência, sua dificuldade no estudo e trabalho, ainda não havia nenhum estudo sobre este jovem específico, que vive recluso no internato confessional durante a maior parte do ano, e alguns por longos anos, em especial no que tange à compreensão da sexualidade e da forma como a tem desenvolvido.

Pela minha vivência, compreendo que esta juventude tem características bem próprias, pois vive diariamente com restrições a sua autonomia, em uma realidade distante daquela com que se depara a cada período de férias. Aí, considera-se a sexualidade somente como uma “ars erótica”, ou seja, a sexualidade somente vinculada à conquista, à sedução e ao ato sexual, sem considerá-la em todo o seu alcance, sem ter a visão também da sexualidade com “scientia sexualis”.

Diante desta constatação, aumentou o meu desejo de conhecer a compreensão que estes jovens têm sobre sexualidade, da forma como é feita a abordagem do tema tanto na família como na instituição e, se e quando ocorre a abordagem, a mesma satisfaz a necessidade deste grupo etário. Foi esta busca que tornou possível que um projeto tomasse corpo e se transformasse neste estudo.

Desejei, portanto, ampliar os estudos já feitos sobre internatos, buscando mostrar a compreensão que o jovem interno tem acerca das abordagens sobre a sexualidade, e como isto repercute em sua conduta frente ao sexo oposto, sempre partindo da própria ótica do jovem que vive no internato.

Para entendermos esta compreensão, faz-se necessário conhecer as bases confessionais sobre as quais são construídas as dinâmicas utilizadas pelo internato para o controle e para a abordagem do tema da sexualidade, as percepções construídas dentro e fora do internato, as dificuldades que os jovens apresentam nesta área e, finalmente, as razões pelas quais os pais, denominacionais ou não, buscam este tipo de educação.

Partindo destas questões e, com o desafio de manter uma distância que permitisse maior objetividade, apliquei questionários semi-estruturados que foram respondidos por 64 jovens residentes, com idades entre 15 e 24 anos, que foram selecionados de forma aleatória, a partir de um convite feito para participarem deste estudo. Por sua vez, os jovens 36 participantes do grupo SOS foram entrevistados, bem como foram questionados seus pais, além dos administradores da Instituição e os preceptores dos residenciais.

Esclareço que esta pesquisa não pretende rever as causas pelas quais os internatos surgiram, pois são bem descritas em outros trabalhos como o de Ariès (1960, 1962) e por Silva (2007). Também não tenho interesse em entrar nas controvérsias sobre as vantagens ou desvantagens do internato, como contexto de desenvolvimento para adolescentes.

Dentro deste contexto de internato, o ser jovem, desde minha visão, ganha características muito próprias: autonomia restringida, regras rígidas norteando o dia-a-dia, a convivência diária entre ambos os sexos, sem poderem se tocar, horários pré-estabelecido para toda e qualquer atividade, vigilância constante, raros momentos de solidão, onde as construções sociais da sua identidade e a questão da sexualidade estão relacionadas com o seu macro (Instituição como um todo) e micro sistema social (ambiente e momentos compartilhado com os companheiros de quarto).

Deseja-se, portanto, uma aproximação e compreensão dos efeitos deste tipo de Instituição sobre a identidade sexual e tudo que envolve a sexualidade, a partir da própria compreensão dos jovens que nela vivem e se desenvolvem. Também se procura conhecer a posição da administração sobre a abordagem da sexualidade

como parte do programa desenvolvimental, e se há uma percepção da necessidade ou não de se trabalhar sobre a temática. Para alcançar tais objetivos, buscaram-se elementos para poder analisar o internato, não só como uma escola que oferece habitação aos seus alunos, mas como um contexto de desenvolvimento da subjetividade, dos valores, da espiritualidade e também da parte intelectual. Para tal compreensão, também nos basearemos na teoria de Bronfenbrenner.

1. 2 TEORIA ECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER

1.2.1 Os quatro elementos da Teoria Ecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner

Considerando os efeitos que o internato pode ter sobre a subjetividade do sujeito que nele está e, a partir da abordagem de Urie Bronfenbrenner (1996), nesta parte da pesquisa seguimos a proposta de Narvaz e Koller (2004, p. 61), em que “o pesquisador se insere no contexto pesquisado”, o que possibilita contemplar os quatro elementos da Teoria Ecológica do Desenvolvimento (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998, p. 994 - 997): “o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, e a interdependência deles”. Segundo tal modelo, a inserção do investigador no campo a ser pesquisado facilita o processo de aproximação, permitindo uma interação facilitada entre pesquisador, pesquisados, objetos e os símbolos presentes neste ambiente, que é a base da pesquisa.

Este processo é “denominado *proximal*” (CECCONELLO & KOLLER, 2004, p. 269), pois se refere à interação recíproca entre um ser humano ativo com outras pessoas, objetos e símbolos que se fazem presentes no seu ambiente imediato, podendo ser contemplado tanto na família como na convivência diária do internato. Para que este processo proximal aconteça, devem ocorrer cinco condições: 1) “Participação da pessoa em alguma atividade”; 2) Esta atividade deve ser “por tempo prolongado e regular”; 3) Com o “passar do tempo esta atividade deve ser mais complexa”; 4) “Nas relações deverá haver reciprocidade”; e 5) “Os objetos e símbolos presentes no ambiente devem estimular a atenção, a manipulação e a imaginação da pessoa” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996).

A “pessoa”, segundo Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 996-997), é reconhecida como tal ‘devido aos fatores biológicos e genéticos no

desenvolvimento” e, segundo Ceconello e Koller (2004, p. 55), também com “sua interação com o ambiente onde está inserida”. De acordo com Tudge (2008, p. 216), as características pessoais são divididas em três tipos, as quais denominou de “*características de demanda, recurso e força*”. A primeira, as *características de demandas*, são as características de estímulo pessoal, agindo imediatamente para com a outra pessoa, tais como pela idade, gênero, cor de pele e aparência física. A segunda, o *recurso*, não aparece tão imediatamente, podendo ser considerada como dotes, sendo suas características os recursos cognitivos, emocionais, sociais e materiais. Já a terceira característica, chamada de *força*, está relacionada aos diferentes temperamentos, motivações, persistência, etc.

Na proposta teórica de Bronfenbrenner (1996, p. 18), o terceiro nível dentro da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano é o “*contexto*”, que é apresentado em quatro níveis superpostos que estruturam o ambiente e “se articulam mutuamente, onde o indivíduo é o produtor e o produto que interage constantemente com este ambiente”.

Para a pessoa que está em desenvolvimento, “o que o influencia não é tanto o conteúdo daquilo que é percebido, *mas como é percebido, desejado, temido ou adquirido* tal conhecimento”. Deve-se lembrar que este material psicológico está em constante mudança, devido às interações e exposições desta pessoa com o ambiente imediato ou remoto (BRONFENBRENNER, 1996). A partir desta perspectiva, podemos dizer que a forma como um aluno chega ao internato influenciará sua percepção do mesmo e, como consequência, seu comportamento frente às novas exigências.

O último elemento do modelo ecológico é “o *tempo*, também chamado de *cronossistema*”. Este elemento permite acompanhar as mudanças e as continuidades ao longo da vida, por meio de três níveis, denominados por Narvaz e Koller (2004, p. 59) de “*microtempo, mesotempo e macrotempo*”. O *microtempo* refere-se à continuidade e à descontinuidade, observados dentro de um episódio nos processos proximais; o *mesotempo* se relaciona com a periodicidade com que ocorrem episódios nos processos proximais, em intervalos maiores de tempo, tendo efeitos cumulativos que poderão afetar o desenvolvimento; e o *macrotempo* abarca as expectativas e os eventos em mudança dentro de uma sociedade através das gerações, e como estes eventos afetam e são afetados pelo desenvolvimento humano. “A análise do tempo dentro destes três níveis deve focalizar a pessoa em

relação aos acontecimentos presentes em sua vida, desde os mais próximos até os mais distantes” (NARVAZ E KOLLER, 2005, p. 59).

Na abordagem ecológica do desenvolvimento humano, segundo Narvaz e Koller (2004, p. 51-52), os processos psicológicos são “propriedades de vários sistemas e a pessoa é somente um dos elementos”. Seu foco principal são os processos e as interações. Em assim sendo, esta abordagem é propícia para investigar as percepções e interações que ocorrem no contexto do internato.

Observando esta abordagem podemos apreender que para o desenvolvimento humano normal, se deverá sempre considerar a pessoa, o processo, o contexto e o tempo e como eles interagem neste desenvolvimento.

1.2.2 Estruturação do ambiente segundo a Teoria de Bronfenbrenner

Na proposta teórica de Bronfenbrenner (1996, p. 18) são apresentados “quatro níveis superpostos, que estruturam o ambiente e se articulam mutuamente, onde o individuo é produtor e produto que interage constantemente com este ambiente”.

No primeiro nível, de acordo com Bronfenbrenner (1996, p. 18), encontra-se o “*microssistema*”, que é o ambiente com características específicas, “onde são desenvolvidas e experienciadas as relações diádicas”, ou seja, relações entre duas pessoas que podem compartilhar uma atividade, diferentes papéis assumidos, bem como a relação interpessoal existente entre eles. Neste nível se pode situar a família, a escola normal e o internato, com as suas várias situações que promovem uma interação contínua entre duas ou mais pessoas: quarto, refeitório, praça, pólo desportivo, escola, corais, namoros e amizades.

O segundo nível é o “*mesossistema*, que nada mais é do que um sistema com vários microssistemas”, onde há uma inter-relação entre dois ou mais ambientes, nos quais a pessoa participa ativamente. Para Bronfenbrenner (1996, p. 21), são importantes neste nível o “tipo, a qualidade, a continuidade e a intensidade destas inter-relações”, ademais de uma participação ativa da pessoa entre estes ambientes. O desenvolvimento das inter-relações que ocorrem no internato e nos seus variados microssistemas, onde se percebe a criação de laços que perduram para além do tempo que se vive no internato, a honestidade e sinceridade diária das relações

mantidas nos quartos, ambiente de estudo, cultos e outras tantas, também podem ser identificados neste nível.

No terceiro nível, encontramos o “*exossistema*, que é o ambiente que afeta ou é afetado pelos acontecimentos que ocorrem no ambiente onde a pessoa transita” (BRONFENBRENNER, 1996). Podemos perceber este nível na família, quando há problemas de ordem laboral, quando ocorrem separações, onde todos os membros são afetados por estas mudanças. Também é percebido no internato, quando o discente recebe o manual de regulamentos que vai dirigir seu andar diário, decisões que foram tomadas sem a sua participação, mas que influenciarão seu comportamento, suas atitudes, seu fazer e atuar.

O último nível é o *macrossistema*, que assim é chamado por dar “consistências, na forma e no conteúdo” aos sistemas anteriores, que podem existir ou vir a existir. Pode-se dizer que temos um macrossistema familiar, quando seus membros seguem um mesmo padrão cultural, comportamental ou religioso. Da mesma forma, os internatos, com todos os seus microssistemas, se tornam em um macrossistema ao influenciar comportamentos, culturas, religião, conduta diante da hierarquia, respeito ao direito do outro, etc. Podemos dizer, portanto, “que todos os níveis pertencem a um macrossistema, diferentes, porém coerentes entre si”, pois, conforme expressado por Narvaz e Koller (2004, p. 53-60), são estas diferenças nas crenças e estilos que influenciarão a pessoa que está em desenvolvimento e manterão os ambientes ecológicos.

Neste trabalho, portanto, procurou-se considerar estes quatro níveis de estruturação do ambiente, tanto no meio familiar como no internato, para poder contextualizar, compreender e entender as razões para as compreensões dos jovens internos, em relação à educação sexual recebida. Além do que, sempre se levará em consideração a pessoa, o tempo, o contexto e espaço, bastante inter-relacionados quando tratamos do internato. Nota-se que em alguns momentos a instituição pode ser percebida como macrossistema e, em outros momentos, em especial àqueles em que se dota de poderes de ordenar, vetar e liberar, poderá ser vista e compreendida como um exossistema.

Na abordagem ecológica do desenvolvimento humano, segundo Narvaz e Koller (2004, p. 51-52), os processos psicológicos são “propriedades” de vários sistemas e “a pessoa é somente um dos elementos”. Seu foco principal são os processos e as interações. Em assim sendo, esta abordagem é propícia para

investigar as compreensões e interações que ocorrem no contexto do internato e fora dele, como os alunos reagem frente ao novo estilo de vida: com normas, horários pré-determinados e, ao mesmo tempo, adaptam-se às novas demandas de pessoas desconhecidas, diferentes das famílias e amigos de origem.

1.3 A FAMÍLIA NA ATUALIDADE

1.3.1 Breve história geral da família no mundo medieval

Para que se compreenda o jovem que vive no internato misto, faz-se necessário contextualizar a família contemporânea, atualizando o sentido de família e, ademais, vislumbrando as mudanças que estão ocorrendo no seio familiar. No entanto, para se poder obter o espectro de tais mudanças, faz-se necessário ter uma rápida visão histórica da família.

A noção de família, tal como a temos hoje, foi sendo construída paulatinamente, no decorrer dos séculos, quando houve a interiorização da vida social e ocorreram mudanças tanto no conceito do que era a infância como do que vinha a ser uma família na sociedade ocidental (ARIÈS, 2006).

Na Idade Média, a noção de família estava fortemente relacionada ao grupo de produção, concomitante ao de reprodução, sendo que nas famílias mais abastadas, já havia a relação pautada na transmissão do sobrenome concomitante ao da propriedade. Deste modo, até o século XVII, o sentido de vida coletiva sobrepunha-se aos sentidos emergentes posteriormente de privacidade e intimidade (ARIÈS, 2006).

Segundo Ariès (2006, p. 193 -196), “a família não existia ainda como um valor, como lugar de pertencimento ou de intimidade. Isto foi se constituindo e se construindo paulatinamente”. A instituição família foi sendo constituída quando surgiu a sociedade de classes, no século XVIII, surgindo também o individualismo, não como afastamento do grupo social de pertencimento, mas como limitador do convívio social a dias e horas marcadas.

Àries (2006, p. 187-189), ao ir desvelando a história da infância e da família, afirma que, “conforme a infância assumia uma posição de destaque e consideração, a família também passava a se preocupar com sua educação, sua formação moral e, igualmente, de todos os seus demais membros, dando início ao moderno

sentimento de família”. Depois de séculos de um desinteresse pela criança como tal, sem laços de afeto exclusivos que unissem pais aos filhos pequenos, estes passaram a investir nos filhos, buscando educá-los tanto no lar como na escola, surgindo os internatos, que no século XVIII foi considerado o modelo ideal de instituição de ensino.

Nesta breve revisão da história da família, percebe-se que a mesma foi se estruturando em torno da criança, e os laços afetivos entre os pais e seus filhos foram se ampliando, até abarcar a todos os seus demais membros. Foi através da interiorização da família ao reduto do lar, de novos desenhos de casas (com quartos para cada membro), do desenvolvimento da intimidade entre marido e mulher, entre pais e filhos e da demarcação dos limites internos e externos (sociais), que foi se constituindo a identidade familiar (ARIÈS, 2006).

Em seus arrazoados acerca da forma em que ocorreu a educação da criança e do adolescente no século XX, Biasoli-Alves (2002, p. 244) afirma que o tema “família” sempre suscita, em primeiro lugar, a idéia de sua função: “agente socializadora primária e que fundamenta a formação dos indivíduos que nela estão”.

Entretanto, ao se pensar na socialização das gerações mais novas, percebe-se que o processo não foi o mesmo ocorrido com as gerações anteriores. Conceitos tais como: ideais de criança, ideais de adulto, valores, papéis da infância dentro do ciclo vital como determinante de futuras características, bem como as práticas do controle do comportamento, atualmente estão sendo questionados, discutidos e, muitas vezes, desvalorizados. Há uma oposição entre passado e presente, com uma busca constante de novos padrões de comportamento e uma rejeição crescente aos modos antigos (BIASOLI-ALVES, 2002).

Para Petrini e Alcantâra (2002, p. 131), atualmente a família passa por um processo de grande transformação, com uma busca por sua reorganização, pois está ocorrendo um “intenso processo de desinstitucionalização” e “uma desvalorização da família”.

Desta forma, torna-se possível perceber a passagem da família como parte de um grupo social, para uma concepção da família como sendo a célula primária para a constituição da subjetividade do ser humano, como lugar de proteção, de formação, de educação, de afetividade e de influência sobre a própria sociedade em que está inserida.

1.3.2 Revisão da história da família no Brasil

De acordo com Teruya (1989, p. 51-57), “a família tem sido abordada sob diferentes enfoques e definições”, levando a uma série e sérias discussões em torno de um referencial teórico mais compatível com a atualidade e métodos de análise mais próximos à realidade vivida pela família atual. Os diferentes enfoques sobre a família coexistem e se retro-alimentam por meio de diálogos ora amistosos, ora antagônicos, posicionando os pesquisadores em debates que confrontam teoria/ empirismo, análises econômicas/análises culturais, e abordagens "quantitativas"/ abordagens "qualitativas".

Estes debates polêmicos, longe de levarem a uma 'auto-destruição' da família, na verdade têm fortalecido seus laços e, como campo de pesquisa, têm proporcionado um crescimento ainda maior de todas as áreas envolvidas, principalmente ao rejeitarem os modelos simplistas de análise aplicados a uma instituição que é tão complexa (BASTOS, GOMES, GOMES, REGO, 2007).

Todos coincidem, porém, com diferentes ênfases, na idéia da família como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida às condições econômicas, sociais, culturais e demográficas, mas que também tem, por sua vez, a capacidade de influir na sociedade. Esta dualidade também tem marcado os estudos sobre a família (BASTOS, GOMES, GOMES, REGO, 2007).

“No Brasil, os historiadores da família também estiveram atentos, como afirma Teruya (1989, p. 57-67), ao debate teórico que se processava nos meios acadêmicos europeus e norte-americanos, a partir dos anos setenta”. Os historiadores trataram de preservar nossas especificidades históricas, adaptaram e criaram metodologias próprias para a leitura e compreensão da documentação disponível. Assim, nas últimas décadas, as pesquisas na área têm provocado revelações surpreendentes sobre o nosso passado e novas visões acerca da sociedade brasileira.

O estudo da família brasileira, para Corrêa (1982, p. 15-25), “está vinculado a dois posicionamentos conceituais específicos: um primeiro, que projeta-se a partir do modelo de família patriarcal como sendo um modelo a - histórico de família brasileira; e um segundo, onde este modelo histórico é revisto”.

Neste primeiro momento, a família patriarcal foi tomada como 'civilizadora', ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma ordem social que seria, de outra

maneira, desorganizada e anômica, sendo as outras organizações familiares possíveis “apêndices” e complementos daquela estrutura patriarcal. Esta idéia acabou ocupando também todos os espaços possíveis de compreensão da sociedade brasileira, e marcou todo um período de produção acerca do tema.

Segundo Corrêa,

A trajetória da ocupação do território natural brasileiro e de seu espaço social foi assim apresentada como uma linha cheia, central, homogênea, que percorreu a nossa história acompanhada de perto, nas margens, por linhas pontilhadas: ramificações, veredas, afluentes secundários de um caminho seguramente traçado do exterior para o interior do nosso mapa, do fundo do nosso passado para o presente, dos campos para as cidades. (CORRÊA, 1982, P. 7).

O segundo momento, é marcado pela percepção de que o poder absoluto da família patriarcal obscureceu outras formas de organizações familiares que se organizaram por todo o território nacional e refletiam as possibilidades de sobrevivência de uma população numerosa numa sociedade desigual. Constatou-se que, "ainda que a família patriarcal tenha existido e sido extremamente importante, é preciso sempre lembrar que ela certamente não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira", nem tampouco era uma parcela significativa no todo populacional (CORREA, 1987, p. 25).

Gilberto Freyre (1975) é o grande teórico da família brasileira. Todos os estudos sobre família sempre o tomarão como um referencial, ora para contestá-lo ou para ampliar suas hipóteses. Não se relaciona com nenhuma escola ou tradição específica, mas foi, certamente, o mais importante estudioso da cultura brasileira, abordando de maneira cheia de poesia o espaço, os odores, todas as cores e até os ruídos da casa grande e da complexa vida familiar. Através de sua fluidez conceitual, elaborou e difundiu um poderoso sistema ideológico em torno da família patriarcal que eliminou as contradições do processo histórico brasileiro em nome de uma pretensa harmonia social.

De acordo com Teruya (1989, p. 51-57), “os anos sessenta e setenta foram marcados pela entrada em cena dos historiadores, munidos de métodos mais específicos para a análise”, questionando o modelo hegemônico e revelando, através de suas pesquisas, os diferentes arranjos familiares existentes no Brasil, em todas as épocas e lugares, possibilitando então um re-conhecimento do passado.

“A noção de família ampliada diferenciou-se da noção clássica de 'família extensa' (*extended family*) expressa nos trabalhos de Gilberto Freyre e Antonio Cândido” que, de acordo com Bilac (1991, p. 75-80), já mostra um princípio de organização da sociabilidade das classes hierarquicamente dominantes em um determinado momento histórico e da organização das relações de produção, uma vez que nela as relações de parentesco (consangüinidade e alianças) mediatizavam as relações de dominação econômica e política.

A própria “idéia de uma família patriarcal como uma instituição imutável para todo o passado colonial” também foi questionada por estudos realizados por Nazzari (1991, p. 639-650), que apontou mudanças significativas na prática do dote entre os séculos dezessete e dezoito, e que refletem mudanças na estrutura do poder patriarcal/parental.

Para além do questionamento sobre a família patriarcal, há de se considerar o imenso número de diferentes e novas abordagens que surgiram sobre a família e que resultaram em estudos sociológicos e históricos de grande relevância. Dentre estes destacamos: ilegítimas e expostas (LEWIN, L. 1992), sobre as mulheres ilegítimas e expostas (LEWIN, L. 1992), só sobre as mulheres (DIAS, 1995), ilegítimas e expostas (LEWIN, L. 1992), casamento e concubinato (SILVA, M. B. N. da, 1992), e transmissão de fortunas (BACCELLAR, 1997). Todos estes estudos trabalharam com categorias específicas dentro deste universo chamado de familiar brasileiro.

A questão relacionada às transformações no interior da família mudou de: “qual foi o impacto da industrialização” para “sob que circunstâncias a família teria sucumbido, interagido ou rejeitado os processos externos que se abateram sobre ela?” A visão da família como um agente passivo é rejeitada por todas as ciências sociais, assumindo-se uma visão de uma família que vive um processo interativo.

Existem propostas de uma re-periodização histórica que dêem conta da organização do tempo histórico com o tempo vivido pela e da família (SMITH, D. S., 1995). Além disto, ainda há muitas questões a responder, tais como saber quais as estratégias usadas pelos indivíduos, se seriam estratégias de todo o grupo familiar e em que medida e de que forma os vários membros participariam das decisões coletivas que afetavam a vida da família como um todo, já que, dentro do grupo, tanto as idades como o poder de decisão eram diferenciados (BAUD, s/d). Olhando

para esta pequena revisão sobre a história da família brasileira, pode-se afirmar que ainda existem muitos caminhos a explorar.

1.3.3 A família atual em mudança

A família brasileira está em profunda transformação. Muitas pesquisas na área, realizadas a partir das perspectivas da psicologia, sociologia e antropologia, mostram a crescente desintegração da estrutura familiar tradicional, dando lugar a novos estilos e conformações familiares. De acordo com Silva e Anastácio (2008, p. 199), “estes novos estilos familiares surgem devido a uma série de fatores interconexos”: movimentos de industrialização e urbanização, aumento da diversidade cultural, distanciamento entre ricos e pobres, envelhecimento da sociedade, o movimento de igualdade e justiça para as mulheres, homossexuais, negros, e outros mais.

Dessa forma, tais variações - ocorridas em função da mudança de leis, da globalização, da tecnologia, da ciência, das novas configurações nas relações de trabalho e no mercado profissional, associados à importância da qualidade e da durabilidade da relação afetiva - acabaram por transformar a família, dando novos contornos e criando outras possibilidades de vínculos, impensáveis há algum tempo atrás.

Além da estrutura familiar tradicional, atualmente encontramos diversas constituições, como casais de dupla carreira (quando ambos os cônjuges possuem carreira) e de duplo-trabalho (ambos possuem um trabalho); famílias chefiadas apenas por mulheres; famílias reconstituídas (de casamentos pós-divórcio ou viuvez); casais homossexuais com filhos; famílias em que o pai possui a guarda dos filhos; casais sem filhos; famílias com adoções; famílias de mães solteiras com filhos de inseminações artificiais (incluindo de doadores anônimos) ou com filhos gerados em barriga de aluguel; e famílias de mães "tardias", que optam pela maternidade após os 35 anos (BELARDINELLI, 2007).

Olhando mais além, percebe-se que as empresas também estão adotando políticas mais compatíveis com a realidade familiar, e muitas oferecem horários flexíveis, creches, auxílio maternidade, ou ainda possibilidade de se trabalhar um tempo em casa, facilitando a proximidade da mãe com seus filhos pequenos.

De acordo com a interpretação de Orsi e Yaegashi (2003, p. 3-9), “a

tecnologia também tem contribuído para que todos os membros de uma família fiquem 'ligados', 'conectados' e sejam 'monitorados' o maior tempo possível". O telefone celular se transformou em equipamento de segurança para os pais dos adolescentes e muitas escolas e berçários deixam as crianças on-line para que os pais possam observá-las e até se comunicarem com elas durante o expediente de trabalho. Sem contar os e-mails, as mensagens nos celulares, os programas de comunicação instantânea como o Messenger, "tudo para suprir a falta de tempo para um contato físico mais intenso entre pais e filhos e vice-versa, demonstrando desta forma a preocupação, afetividade, atenção, carinho, presença na ausência, estar junto mesmo distantes".

Finalizamos com o pensamento de Petrini (2007, p. 209-216), segundo o qual "o ser humano pode, literalmente, diante de tantas facilidades, escolher como e quando quer, ou até se não quer, formar a sua família. E esta é uma tendência que jamais vai recuar". Esta realidade exige novas releituras das definições de família, e isto torna mais evidente a complexidade da estrutura familiar.

1.3.4 Definindo a família e conhecendo sua complexidade.

Se a vida é marcada por transições, de acordo com Bastos, Gomes, Gomes e Rego (2007, p. 162 e 190), "a família e a sua trajetória também são marcadas por transições desenvolvimentais, seguindo o seu percurso e experimentando transformações, manifestando matizes bem próprios".

Segundo Brandão (2005, p. 111), "no relacionamento entre os pais e os jovens" há sempre uma tensão entre a autonomia (autodeterminação juvenil) e a heteronomia (afirmação dos valores parentais), diante do "desafio de produzir uma pessoa individualizada".

Tem-se observado que não constitui uma tarefa fácil definir o que vem a ser família, uma vez que sua definição varia de acordo com a área de estudo utilizada, o contexto em que está inserida e dos valores sociais considerados relevantes em sua época.

Para Uziel (2004, p. 89), a definição de família constrói a realidade social e, portanto, ela seria "um conjunto de indivíduos aparentemente ligados entre si, seja pelo casamento, pela filiação, pelo parentesco ou ainda pelo fato de viverem sob o

mesmo teto”. Pode-se dizer, então, que a família é um princípio socialmente construído e transmitido por meio da socialização.

A maioria das definições para o termo família é encontrada em literaturas que têm como base os conceitos encontrados na Antropologia, na Sociologia e na Psicologia. De acordo com a antropologia (BERENSTEIN, 1988), a família é definida a partir do grau e da natureza do parentesco, com três tipos estruturas: entre irmãos – chamada de consangüínea; entre marido e mulher – de aliança; entre pais e filhos – chamada de aliança.

Desde a perspectiva de algumas correntes sociológicas, a definição de família está concentrada em sua tipologia: família nuclear – composta pelos pais e filhos; família de procriação – formada por uma pessoa, seu/sua companheiro(a) e os filhos. Também pode ser definida por número de membros e extensão, pois diante de nova reestruturação, pode ampliar-se ou ser reduzida (BERENSTEIN, 1988).

Tanto na sociologia como na psicologia, o grupo familiar é descrito como um conjunto de relações. A família poderá ser vista no seu todo, por seu sistema de funcionamento, e pela forma como o grupo está conformado: se é por parentesco ou por se considerarem pertencentes ao contexto. Uma família, dentro de uma construção idealista, seria aquela decorrente de uma união, influência recíproca, sendo intensa e duradoura (LAING, 1983).

No enfoque da psicologia sistêmica, a família é tida como sistema aberto, que está em constante transformação (MINUCHIN, 1982). As ações de cada membro sempre serão decorrentes das características do sistema familiar, mas estas características poderão ser mudadas diante de algum problema.

De acordo com o modelo ecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1996, p. 19-24 e 54-59), “a família é uma unidade funcional, isto é, um microssistema, no qual as relações devem ser estáveis, recíprocas e com equilíbrio de poder entre os diversos papéis”. Já no mesossistema há uma inter-relação de dois ou mais ambientes, nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. “O mesossistema é um sistema de microssistemas, onde interagem família, escola, vizinhança, trabalho e vida social”. O que se percebe neste modelo é que, sendo a família esta unidade funcional, é muito importante a formação de vínculos e a interação entre os membros, tanto para a estabilidade desta unidade como para o bom desenvolvimento de seus membros.

Resumindo o exposto, pode-se afirmar que as discrepâncias nas definições de família são apenas aparentes, pois é possível perceber uma convergência para uma mesma definição, na qual a família é apresentada como sendo um sistema integrado que, em diferentes épocas, procura manter sua unidade e equilíbrio, tanto nas relações internas como externas. Em outras palavras, diante das transformações culturais e sociais, a família luta para manter-se coesa e, gradualmente, vai fazendo suas adaptações (DE ANTONI e KOLLER, 2000).

Depois de questionar várias áreas relacionadas à família, Berenstein (2002, p. 15-25) enumerou algumas características que são invariáveis na instituição familiar, podendo influenciar em sua definição: “originar-se a partir do casamento, incluindo filhos, parentes, estando esta união assentada sobre laços que podem ser jurídicos, econômicos ou outros e, finalmente, a regulação do exercício da sexualidade”. Para ele, “as transformações que ocorrem no meio familiar e que podem gerar dificuldades nos relacionamentos são: a própria relação familiar, a construção psíquica identitária de cada componente, e a relação com o mundo social”.

Para Carvalho e Almeida (2003, p. 109-122), “a família sempre teve contornos multifacetados e complexos, mas continua sendo uma das instituições sociais básicas”, cujas funções são a proteção, a socialização dos membros, a transmissão cultural e a continência das relações entre gênero e gerações. Essas autoras ainda citam alguns “indicadores de modificações na estrutura familiar, tais como o aumento dos domicílios individuais, a redução no tamanho da família, o aumento do número de casais separados, de casais sem filhos, e da chefia de mulheres nos lares”.

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio, Heilborn (2004, p. 7) reconhece que “a estrutura familiar experimentou transformações, como o surgimento de novos modelos familiares” derivados de fenômenos sociais como a transformação da relação de gênero, controle da natalidade, inserção da mulher no mercado de trabalho e as mudanças ocorridas na esfera da sexualidade. Sua conclusão, entretanto, é que, “as muitas modificações não produziram um enfraquecimento da instituição familiar”.

Seriam também fatores responsáveis pelas alterações na conformação familiar, o avanço da urbanização, o aumento da industrialização, mudanças nas relações de gênero, maior liberdade sexual, a afetividade como condição para a

manutenção do casamento e uma relação entre pais-filhos bem mais flexível (CARVALHO E ALMEIDA, 2003).

Para Petrini (2003, p. 60), a sociedade atual, que “ainda considera a família com sendo ou tendo um valor ideal, já não pode negar que estão ocorrendo mudanças no meio familiar”, tais como: o modo de entender e viver o amor, a sexualidade, a fecundidade, a procriação, o vínculo familiar, a paternidade, a maternidade e, finalmente, o relacionamento entre homem e mulher. Belardinelli confirma tais afirmações (2007, p. 23), ao dizer que “estamos vivenciando uma crescente pluralização das formas familiares”.

Quando ocorrem estas mudanças, verifica-se uma perda de importância das funções tradicionalmente atribuídas à família, bem como o rol paterno e materno, que socialmente já haviam sido definidos. As relações são mais instáveis e flutuantes, decorrentes do dinamismo que as relações familiares assumem no mundo moderno (PETRINI, 2003).

Dentro desta família em mudança, com novas e diversas constituições, a adolescência pode ser vivenciada de diversas maneiras. Para Petrini (2004, p. 22), “os vínculos de pertença, que deveriam ligar os pais aos filhos tendem, na atualidade, a serem mais frouxos”. Há a reclamação dos pais sobre os seus filhos, pois os últimos afirmam que o mundo dos pais está ultrapassado, sendo ignorado este mundo, se pensa que os mesmos possam estar perdendo algo interessante.

Além dos aspectos mencionados, reconhece-se a falta de referenciais simbólicos entre pais e filhos, que terminam chegando às escolas e a toda a sociedade. Como resultado, as novas gerações encontram mais dificuldade para ter estabilidade psicológica, tão necessária para enfrentar os desafios da vida moderna (PETRINI, 2003).

Para Guimarães (2002, p. 60), dentro de uma imagem tradicional, a criança e o adolescente são socializados, em primeiro lugar, no seio familiar. “As percepções do adolescente, seu modo de encarar o mundo familiar e externo, estão diretamente relacionadas com as características e valores de sua família”. Podemos entender que “mesmo se não houver comunicação direta, a família representa o modo de vida e de educação de um grupo, porque compartilha seus códigos”.

Muitos estudos, de acordo com Petrini (2003, p. 63-77), têm indicado que há diversos problemas sociais relativos às crianças e adolescentes e ao bem-estar da família. Ele explicita que, apesar de todas as dificuldades da família na

contemporaneidade, “ela ainda constitui um recurso para a pessoa, proporcionando experiências psicológicas, sociais, éticas e culturais relevantes para o seu desenvolvimento pleno”. A família, portanto, ainda responde pelas necessidades básicas na formação do ser humano, sendo um recurso fundamental tanto para a pessoa como para a sociedade.

De acordo com Orsi e Yaegashi (2003, p. 01), a sociedade contemporânea, na medida em que vem obtendo ganhos com o rápido desenvolvimento tecnológico e científico, tem se deparado com uma grande transformação no desenvolvimento e na qualidade das relações humanas. “Quando os valores que regem a organização social e econômica se modificam, transformam-se também os ideais e o modo de pensar dos homens”.

No entanto, mesmo diante de tantas mudanças, novas configurações, ainda cabe à família produzir indivíduos autônomos, que possam reproduzir os valores familiares, mesmo quando estejam afastados do seu núcleo de origem. Quando um membro da família se afasta, não necessariamente se afastará dos valores transmitidos. E esta tarefa constitui apenas um dos muitos desafios enfrentados pela família atual.

1.3.5 A família atual e seus desafios

Desde o ponto de vista de Costa e Jacquet (2004, p. 62), “não se pode duvidar da importância da família no que concerne à formação dos gostos do indivíduo, dos filhos”. É na família que são construídos o estilo de vida, o tipo de educação, a opção religiosa e a formação dos valores morais.

Entretanto, as transformações impostas pelo mundo atual, em que novos valores vão se intensificando, onde o ter é mais significativo que o ser, tem contribuído para que a família contemporânea fique submetida a uma perda significativa de certos valores e de referenciais que antes norteavam o modo de educar os filhos.

Para Osório (1996, p. 47), “as novas formas de configurações familiares, que se esboçam no século XXI, fazem com que a família esteja constantemente adequando-se às novas demandas”, o que de certo modo traz insegurança, medo e busca de unidade identificatória da mesma, com novos valores e símbolos.

Na cultura atual, devido à velocidade das mudanças, se vive um momento crítico, pois se observa uma forte crise de valores, e esta crise tem sido determinante na modificação de referenciais que estão envolvidos com o comportamento humano, nas relações interpessoais e na vida em sociedade.

De acordo com o Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI (2000), etimologicamente, tanto a palavra crise como a palavra crítico têm a mesma origem: vêm do grego *krisis* e *kritikós*, e, de fato, o que se observa é uma paralisia por parte dos responsáveis pela educação, quer formal quer informal, pela checagem de valores até então aparentemente instituídos e que passam a ser colocados entre parêntesis, ou mesmo eliminados.

O capitalismo criou demandas para o consumo que não vão ao encontro das necessidades humanas essenciais, mas acarretam uma formação unidimensional, na qual o sujeito perde a dimensão de sua individualidade e de seus desejos (MARCUSE, 1981). Essa unidimensionalidade impede ou dificulta a formação de novos valores mais abrangentes, que dêem conta das mudanças em pauta.

Para Belardinelli (2007, p. 23), no início do século passado, o “movimento para a individualidade, próprio da sociedade industrial, tornou cada vez mais incerto os contornos familiares”. Na avaliação deste autor, pareceria que a família perdeu o status de “célula primária” da sociedade para se tornar em “célula primária da vida do indivíduo”.

Diante desta realidade, pode-se afirmar que a situação da família na atualidade está em jogo. Não podemos negar, no entanto, sua importância para o desenvolvimento pleno dos seres humanos, desde o desenvolvimento da confiança básica em um bebê até uma velhice íntegra (ERICKSON, 1976).

O ambiente familiar é um dos contextos em que o indivíduo vivencia o que Paul Bates (Apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006, p. 48-49) identificou como princípios fundamentais do desenvolvimento do ciclo vital: 1. *o desenvolvimento é vitalício* – cada etapa de vida é influenciada pela etapa passada e influenciará a etapa por vir; 2. *o desenvolvimento depende da história e do contexto* – cada pessoa se desenvolve dentro de um contexto específico, em um determinado tempo e lugar; 3. *o ser humano influencia e é influenciado pelo meio social onde está inserido*; 4. *o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional* – o desenvolvimento, durante toda a vida, envolverá um equilíbrio entre ganhos e perdas, crescimento e declínio; e

5. *o desenvolvimento é flexível ou plástico* – é a capacidade de adaptação diante do desempenho.

Considerando os princípios acima, as mudanças que estão ocorrendo dentro da família podem não ser consideradas negativas ou se refletirem negativamente em suas relações internas. A família contemporânea estaria refletindo o contexto histórico e social em que está inserida e, dentro destas novas possibilidades, se reestruturando. No entanto, será dentro da família que seus novos membros se desenvolverão física, cognitiva e psicossocialmente (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

A família, segundo Court (2005, p. 13), “apesar de todas as mudanças pelas quais vem passando, mostrará, a médio e longo prazo, que é uma instituição forte” por conservar um potencial de desenvolvimento para a história, não só dela, mas de toda a humanidade. Já Bastos, Gomes, Gomes e Rego (2007, p. 162) afirmam que as transições pelas quais passam à família podem resultar em uma reorganização qualitativa de vida interna e do comportamento externo. “Estas transições, normativas ou não, marcam a vida das famílias e podem resultar em situações diferentes e, algumas vezes, de risco”.

“Embora ainda ocupe espaço importante no imaginário sobre a família nas diferentes classes sociais brasileiras, o padrão de família idealizada (pai, mãe e filhos) confronta-se no cotidiano das pessoas com o perfil da família real e vivida, que é bastante diferente. As reorganizações familiares, a partir do divórcio ou da reconstrução de vínculos conjugais e de outras tantas mudanças nesse padrão, resultam em situações diversas a ser administradas pelas famílias, intermediadas por instâncias reguladoras, responsáveis, no fim, por garantir a convivência familiar e comunitária, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente” (ANDI/2001 - Situação da Adolescência Brasileira – p. 6).

Em uma pesquisa conduzida por Abramo (2005, p. 60), a juventude brasileira, em sua grande maioria, considera a família como fundamental para a vida. “A família seria a estrutura central, um referencial de vida afetiva, da ética, do comportamento, aparecendo como parte essencial para o amadurecimento do jovem”. Nesta mesma pesquisa (2005, p. 61 e 67), “o jovem brasileiro ainda percebe a família como a instituição mais confiável”, um lugar de apoio, e “a figura da mãe é sempre tida como fundamental”, independente da camada social a que pertença. Cabe ressaltar que a juventude brasileira, em sua grande maioria, é vivida no seio familiar, pois pode contar com apoio material e afetivo.

Para Wagner (2007), as funções e tarefas que são próprias da família, apesar de todas as mudanças, permanecem intactas. Aponta a educação dos filhos como tarefa fundamental, mas que se torna complexa por implicar diversos fatores neste processo. Ademais, na tarefa de educar, há a confluência de variados aspectos que devem ser considerados: auto-avaliação parental, as idéias que os pais têm sobre as demandas do mundo atual e como os pais percebem as características de personalidade de seus filhos.

De acordo com Brito (2006, p. 30), algumas vezes, “parece que o conhecimento que os pais têm acerca da realidade está desatualizado” e, por esta razão, “não são adequados para interpretar esta nova realidade”. Além disto, os jovens permanecem mais tempo em casa, devido à demanda de mais estudos e dificuldade de inserção no mercado de trabalho, criando um descompasso entre as dimensões essenciais para a sua individualização, autonomia e independência. “Isto leva a tensão entre pais e filhos”, pois os primeiros ainda não os conseguem ver como seres autônomos, uma vez que são dependentes financeiramente e ainda dividem a mesma casa (BRANDÃO, 2004, p. 63).

Brandão (2004, p. 63, p. 69) afirma que “este novo arranjo coloca os pais e os filhos em uma contínua negociação quanto às regras, obrigações e direitos de cada membro da família”. Essas negociações, no diálogo entre pais e filhos, são complexas, havendo constante tensão entre a heteronomia e o respeito à autonomia do adolescente.

Para Macedo, Kublikowski e Berthoud (2006, p. 39), depois que ocorreu um “afrouxamento das forças da tradição”, os seres humanos são constantemente levados a tomar decisões, o que por um lado é um risco e por outro um benefício: apossar-se do mundo social. Entretanto, “as imagens culturais negativas apresentadas aos jovens reforçam escolhas de risco”. As mesmas autoras consideram que o contexto atual é de falta e de excessos e, devido a isto, os limites desaparecem. “Esta situação faz com que os pais, adultos que transmitiriam os valores, se sintam inseguros e não consigam realizar um processo educativo completo”. Diante deste quadro, nem as autoras consideram possível prescrever um modelo ideal de família, de abordagem e de como demarcar os limites, levando os jovens a escolhas responsáveis.

Por seu lado, Kehl (2004, p. 100) afirma que a adolescência é, na atualidade, a idade do “mais-gozar”. A publicidade apela para o “sem-limites que seriam próprios

desta etapa da vida, vendendo uma imagem do ideal a ser perseguido por todas as demais idades, culminando na transformação dos adolescentes em ícones sexuais”. Neste ideal criado socialmente e, na falta de valores que sejam alternativos aos valores de consumo, os pais se sentem desautorizados a impor limites e barrar os excessos dos filhos jovens.

Levando em consideração o que foi dito, pode-se dizer que muitos pais trazem seus filhos ao internato porque não se sentem capazes de conduzi-los a escolhas corretas e responsáveis ou, quando seguem determinado padrão espiritual, trazem-nos porque desejam afastá-los da influência negativa da sociedade, das imagens culturais construídas, preservando, desta forma, seus valores idealizados. É nesta encruzilhada que surge o IAENE como opção para os pais.

1.4 JUVENTUDE BRASILEIRA

1.4.1 Delimitação etária

Segundo Novaes e Vannuchi (2004, p. 10), “nas sociedades clássicas greco-romanas, ser jovem correspondia às idades entre 22 e 40 anos’. Para estas sociedades, ser jovem seria estar “na plena força da idade” e, por esta razão, quando estes jovens passavam a ser cidadãos, era evocada a deusa *Juventa* para a cerimônia de passagem. Hoje, de acordo com todos os organismos internacionais, em especial a OMS e a UNICEF, ser jovem é estar na faixa etária entre 15 e 24 anos, mas não se pode negar que, em alguns casos, esta idade tem diminuído e, em outros, tem-se prolongado um pouco mais.

Para Leon (2005, p. 1), o aumento da população juvenil - de 15 a 24 anos (segundo a Organização das Nações Unidas - ONU), ou 15 a 29 , de acordo com a OIJ (Organização Iberoamericana de Juventude) e a OBJ (Organização Brasileira de Juventude), é motivo de preocupação, pois os dados do censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), “fala de um contingente de 34 milhões de pessoas na faixa etária entre os 15 a 24 anos, ou ainda, de 47 milhões de jovens entre os 15 a 29 anos”.

De acordo com a OMS e a UNICEF, pode ser considerado jovem todo indivíduo que se encontra na faixa etária compreendida entre os 15 e os 24 anos. Esta etapa também é chamada de *juventude*, segundo o conceito adotado pela

Secretaria Nacional de Juventude. Esta mesma Secretaria, vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, afirma que juventude abarca as pessoas entre 15 e 29 anos. E ainda de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência inclui “todas as pessoas entre 12 e 18 anos incompletos”.

Como as categorias “adolescência” e “juventude” ainda estão em discussão, pois dependem do contexto político, cultural, histórico e legal, adotou-se, no atual trabalho, a designação jovem ou juventude conforme a definição da OMS e da UNICEF, para os indivíduos que estão na faixa etária dos 15 aos 24 anos.

1.4.2 Quem é jovem?

Podemos observar que os(as) jovens pertencentes à faixa etária entre os 15 e 24 anos apresentam algumas características em comum: do ponto de vista educacional, as pessoas nesta faixa etária já deveriam ter, ao menos, terminado o curso fundamental e, do ponto de vista laboral, poderiam ter ingressado no mercado de trabalho de acordo com a legislação vigente.

Com relação às jovens, 15 anos era o marco clássico, em quase toda literatura sobre desenvolvimento humano, do início da idade fértil.

Na avaliação de Kehl (2004, p. 90), o prestígio da juventude é algo recente. Informa que “em 1920 a paisagem era de velhos”. Era uma época em que o jovem tinha que ser responsável e sério, sendo que todo jovem desejava ser conhecido por sua respeitabilidade e seriedade. “Com 25 anos, todos portavam bigodes, usavam roupas escuras e guarda-chuvas”. Os homens e as mulheres eram respeitados e valorizados quando entravam na época produtiva e reprodutiva da vida, e não quando eram apenas jovens, uma etapa entre a infância e a vida adulta.

Atualmente, em alguns países, o conceito de adolescente se estende até o final da juventude. Isto “tem uma origem e uma história”, coincidindo com a chegada da modernidade e da industrialização. Neste período, a adolescência era vista como um tempo de espera: deixar de ser criança e poder ser considerado um adulto. O aumento do período para formação escolar, a alta competitividade no mercado de trabalho e a escassez de empregos, têm levado os jovens a viverem cada vez mais tempo na casa dos pais e deles dependerem. Neste momento, a adolescência passou a ser um período crítico. (KEHL, 2004).

Com o objetivo de conhecer o jovem brasileiro, foi realizado o *Projeto Juventude*, que promoveu a mais abrangente pesquisa quantitativa nacional sobre o tema. “Este projeto tornou possível a todos os brasileiros conhecerem as necessidades da juventude brasileira em suas mais variadas dimensões”: trabalho, educação, saúde, cultura, lazer, esportes, vida turística, sexualidade, direitos, participação e vários outros. “Este trabalho foi encerrado em junho de 2004 e serve de subsídio para todos os que desejam conhecer as necessidades e os anseios da juventude brasileira” (NOVAES E VANNUCHI, 2004, p. 8).

Quase todos os autores que falam e pesquisam sobre o jovem, afirmam que esta etapa foi constituída arbitrariamente pela sociedade, determinando por meio de rituais, a passagem de uma etapa vital para a outra.

De acordo com Domingues e Alvarenga (1997, pp. 32-33), “a adolescência é entendida por alguns estudiosos como um fenômeno da sociedade atual, surgindo no final do século XIX e início do século XX”. Mas, principalmente no século XX, é que a condição do adolescente foi “ampliada, passando a ser englobada por outros sistemas sociais, se diversificando, transformando seus significados e formas de aparição, seus referenciais e limites etários”.

Já a juventude é descrita por Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 476), segundo a perspectiva da visão da psicologia desenvolvimental, como “um período de crescimento e desenvolvimento em todas as áreas: biológica, social, psicológica, sexual, espiritual e emocional”. A juventude precisará realizar diversas tarefas para efetuar sua passagem da infância para a vida adulta, tais como: escolha de uma vocação, a escolha de valores nos quais acreditar e viver e, finalmente, desenvolver uma identidade sexual satisfatória, sendo que este desenvolvimento deve ocorrer dentro das normas do grupo sócio-cultural ao qual pertence.

Alguns estudos (BOCK, 1997; CLIMACO, 1991), contudo, revelam que os jovens pobres passam diretamente da infância para a fase adulta, efetuando esta passagem quase de maneira imperceptível, devido à necessidade de assumir tarefas de manutenção da sobrevivência, tarefas essas próprias dos adultos.

Para Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 478), “a juventude é um período de auto-conhecimento do próprio corpo e do descobrimento do corpo do outro, e também uma busca de um comportamento sexual apropriado”. Ademais, é um momento de construção de sua independência dos pais e, por outro lado, de uma dependência muito grande dos amigos – “a fratria” (KEHL, 2004, p. 113).

Esta conjunção de pais e amigos será extremamente relevante para a formação do código de valores do jovem. A decisão quanto à identidade e, por extensão, o desenvolvimento da personalidade, se realizam quando os jovens resolvem suas questões sexuais, decidem que valores e a que pessoas serão fiéis, não seguindo simplesmente os valores de seus pais. “O adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades” (KEHL, 2004, p. 113).

1.4.3 O jovem brasileiro e seus problemas

A juventude atual, de acordo com Ribeiro (2004, p. 27), constitui um ideal social, pois está associada à idéia de liberdade, corpo bonito, boa saúde, pele sem rugas, liberdade para terminar relacionamentos afetivos e começar outros tantos, e ainda desfruta certa liberdade para tomar decisões no campo profissional.

Mas a realidade atual da juventude brasileira não é tão bela e nem tão fácil. De acordo com Soares (2004, p. 131 – 132), “está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio, pois a violência tem se tornado um flagelo para toda a sociedade”. Como tudo no Brasil é desigual, são os jovens pobres e negros, em sua maioria homens, com idade entre 15 e 24 anos, as maiores vítimas da violência. É um dado assustador e triste saber que 45 mil jovens brasileiros são assassinados por ano no Brasil.

Ademais da violência física, estes e outros jovens vivem um momento bastante turbulento: 1) as famílias estão passando por uma reestruturação, 2) desemprego, 3) degradação da auto-estima, 4) falta de acesso à educação, 5) falta de acesso à cultura, 6) sem acesso ao esporte, 7) sem condições de ter lazer, 8) convivendo muitas vezes com a violência doméstica, 9) sofrendo a violência de gênero, 10) sentindo o racismo em todas as suas formas e 11) a homofobia (ABRAMO & BRANCO, 2004).

Para Pochmann (2004, p. 239), a juventude atual passa por uma fase de transição, talvez sem paralelo na história. “Combinando-se com esta crise, há a crise no trabalho, o que distancia o jovem do que ele queria ser e o que realmente será”. Além disto, a baixa renda posterga a entrada do jovem no mercado do trabalho, pois ele necessita trabalhar para sobreviver, fator determinante para o alto índice de

evasão escolar. Em consequência, o mercado de trabalho especializado, resultado de uma vida estudantil bem conduzida, fica cada vez mais distante destes jovens.

Esta realidade vivida pelo jovem brasileiro, em geral e de certa forma, está distante da experiência dos jovens internos do IAENE. Não se pode afirmar, entretanto, que todas as vivências anteriores ao ingresso no internato serão esquecidas de um momento para o outro. Portanto, os jovens da amostra deste trabalho são jovens brasileiros, com tudo aquilo de positivo e negativo que tal definição possa comportar.

1.5 A SEXUALIDADE

A sexualidade não se resume a um órgão genital ou ao erotismo. A sexualidade é muito mais do que isto. É a própria constituição da vida, do ser, da autonomia e da identidade.

Considerando esta realidade, é pertinente neste ponto do trabalho apresentar as reflexões de Foucault sobre a história da sexualidade.

1.5.1 A sexualidade segundo Foucault

No primeiro volume de sua História da sexualidade, intitulada A vontade de saber, Foucault (1988) mostra como a sexualidade foi-se transformando com o passar do tempo, de algo de certa forma livre, exposto, para algo recluso, íntimo, fechado em quatro paredes. É neste contexto que o autor analisa a sexualidade como ciência e arte erótica, conforme veremos a seguir.

1.5.1.1 A scientia Sexualis

Foucault denomina de *scientia sexualis*, ou uma ciência do sexo, há uma ciência que pretendia iluminar esse aspecto do ser humano – sua sexualidade. A partir dos séculos XVI e XVII vemos na sociedade ocidental uma multiplicação de discursos sobre o sexo que, ao esquadrihá-lo, acabaram por ocultá-lo, segundo o autor.

Foucault (1988, p. 66), explicita que existiu um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo. Multiplicaram-se os discursos sobre o sexo, sempre

visando produzir verdades sobre ele. Adentrando o século XIX, esses discursos aliaram-se ao projeto científico, que era evolucionista e racista. Já o discurso médico, que presume assumir uma posição de neutralidade dentro da ciência, produziu múltiplas “verdades” sobre o sexo, mas uma verdade sempre ligada à moral da pureza, unindo a patologia com o pecado.

Esta medicina do sexo associou-se à biologia (evolucionista) da reprodução, o que lhe deu maior legitimidade. A sociedade ocidental constituiu uma *scientia sexualis*, ou, para ser mais preciso, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, com isto tentando ajustar, não sem dificuldades, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico (FOUCAULT, 1988).

No século XIX, entram em choque os procedimentos religiosos da confissão com o discurso científico. Foucault indica quais estratégias foram usadas para retirar a verdade sexual por meio de procedimentos científicos. O autor enumera as maneiras, ou as estratégias, usadas para extorquir a verdade sexual de maneira científica: 1) A confissão passa a ser um campo da ciência, porque tinha características clínicas de fazer falar as pessoas; 2) Surge a premissa de que o sexo é um perigo com conseqüências ilimitadas e pode levar até à morte; 3) O princípio da latência intrínseca da sexualidade torna o sexo clandestino e sua essência é considerada obscura. Confissão e ciência se articulam; 4) A verdade sobre a sexualidade era interpretada a partir dos discursos feitos no confessionário, tanto da parte do confessor como do ouvidor. 5) Interpretando o que foi dito na confissão, considerava-se o indivíduo normal ou doente. Os médicos passam a ser os donos da verdade sobre o sexo.

1.5.1.2 A ars erotica

O conceito de *scientia sexualis* é o oposto daquilo que é chamado por Foucault de *ars erotica*. Para ele, a *Ars erotica* era própria das civilizações romana, indiana e chinesa, porque estas buscavam no saber sobre o prazer, formas que permitissem ampliá-lo. Era, segundo Foucault, um saber íntimo, uma “verdade” que vinha do próprio saber. Já no ocidente, a *scientia sexualis*, tem características de confissão, sendo a mesma central para descobrir as verdades sobre o sexo (FOUCAULT, 1993).

Os ocidentais, muito religiosos na época, foram educados para fazerem o uso do confessional para tudo: contar sobre seus prazeres, como os sentiam, com quem os sentiam. A confissão era obrigatória! Por meio dela, foi estabelecida uma hierarquia, onde o confessor fica exposto e o ouvinte julga o que ouviu, podendo redimir ou condenar. Desta forma, criou-se uma verdadeira relação de poder.

Para Foucault (1988, p. 67), “no início do século XVI, a confissão se separa da penitência, e emigra para a pedagogia, para as relações familiares, para a medicina e para a psiquiatria”.

Em todo caso, a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exerceria sobre o sexo, por motivos econômicos, não é insuficiente se considerar-se os esforços e as intensificações que uma primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos inscritos no poder, solidificação do despropósito sexual e constituição de dispositivos suscetíveis, não somente de isolá-lo, mas de solicitá-lo, suscitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discursos e de prazeres; produção forçosa de confissão e, a partir dela, instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos.

“Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes”; pois para Foucault (1988, p. 70 - 71), não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: “a sexualidade agora estava em inúmeros discursos, na perseguição dos poderes e conjugando o saber com o prazer”. A história da sexualidade, para o autor, deve ser feita a partir de uma história dos discursos.

Foucault quer compreender como o desejo se articula ao poder, pois o mesmo é difuso no social e presente em todos os pontos, chegando até à sexualidade. Nós somos controlados e normatizados por múltiplos processos de poder. Essa visão do poder também é vital para uma história da sexualidade.

Dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um

elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais." (FOUCAULT, 1993, p. 88 - 89).

Para Foucault (1993), a sexualidade deveria ser conhecida como prazer, intensidade, qualidade, duração e "reverberação" por todo o corpo. Ele fala de quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso". Essa nova tecnologia sexual surge no século XVIII, criando uma relação entre degenerescência, hereditariedade e perversão.

O dispositivo da sexualidade, que instituiu o sexo como verdade maior sobre o indivíduo, transpôs o controle para a carne, os corpos, os prazeres. O autor contrapõe isso ao dispositivo da aliança, que definia o proibido/permitido através da relação. O dispositivo da sexualidade vê sua ascensão no seio da burguesia, estando ligado à ascensão desta. As classes populares, antes submetidas somente ao dispositivo da aliança, viram-se também submetidas ao dispositivo da sexualidade com a hegemonia burguesa

Para Foucault (1988, p. 9), "antes do século XIX, a sexualidade não era muda, contida ou hipócrita. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência e sem disfarce: o proibido era tolerado". Havia transgressões visíveis, anatomias mostradas e, como diz Foucault, "os corpos pavoneavam".

No século XIX, a sexualidade foi encerrada em quatro paredes, fechada com chave. A sexualidade é "confiscada" pela família conjugal. A sexualidade passa a ser segredo. A sexualidade só ocorreria no quarto dos pais. Surge o decoro, o cobrir o corpo, palavras ditas com elegância e cuidadosamente (FOUCAULT, 1988).

E esta nova forma de entender a sexualidade exercerá influência na forma como o indivíduo dará início a sua vida sexual.

1.5.2 A iniciação sexual

Ao se falar em juventude, de acordo com Aquino et. al. (2003, p. 378), precisa-se compreendê-la como um processo de transição da infância à fase adulta, e que esta transição gradualmente emancipa o indivíduo de sua família e da escola. Os estudiosos da juventude apontam para o fato de que a autonomia dos jovens vem se realizando cada vez mais cedo, mas esta autonomia não vem acompanhada da independência financeira dos pais, ou porque os estudos estão se prolongando cada vez mais ou por falta de oportunidades no mercado do trabalho. Desta forma, pais e filhos vivem em uma constante negociação acerca de regras, direitos e deveres de cada membro da família (BRANDÃO, 2004).

Os estudos sobre a juventude têm indicado que a iniciação sexual ocorre de maneira diferenciada entre homens e mulheres. A prática da sexualidade entre os jovens, como foi a sua primeira vez, como o tema foi abordado pelos pais ou pelo internato, como este comportamento foi julgado, terá um importante efeito em suas vidas reprodutivas.

Observando os dados do IBGE do ano 2000, pode-se constatar que os anos 90 foram uma década do aumento da fecundidade no Brasil: enquanto nos anos 80 as mulheres com idades entre 25 e 29 anos tinham o maior número médio de filhos, em 1991 ocorreu o aumento de fecundidade num grupo mais jovem, com idades entre 20 a 24 anos. No entanto, no ano 2000, a taxa de fecundidade baixou em todos os grupos etários, exceto na faixa de 15 a 19 anos, onde houve um crescimento de 25% entre 1991 e 2000 (BERQUÓ & CAVENAGHI, 2004).

A iniciação sexual é considerada um marco importante na vida do jovem, e o que se tem percebido é que a idade em que esta ocorre vem diminuindo nos últimos anos. Somente a partir dos anos 90 é que a vida sexual dos jovens passou a ser tema de interesse para pesquisas sobre a juventude.

Esse interesse não surgiu ao acaso. De acordo com Bozon (2005, p. 301), havia todo um contexto, com uma série de problemas sociais: o surgimento da Aids na década de 1980; tornar um direito de todo cidadão o conhecimento sobre a saúde sexual, sobre fecundidade, dissociação entre o início da vida sexual e o início da

vida conjugal e a reprodução, explicitamente ditado nas Conferências de Cairo e Beijing.

No Brasil existem cerca de 34 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, o que representa 18% da população total do país (IBGE, 2002). Muitos desses jovens, infelizmente, continuam não tendo acesso a informações sobre a sexualidade, sua prática, saúde reprodutiva e meios de prevenir a gravidez, dificultando uma tomada de decisão de maneira mais livre e responsável.

São próprias da juventude, segundo Ferraz, Souza, Silva e Costa (2006, p. 2 - 4), “as inquietações diante das expectativas de convívio para além da família, de constituir-se como pessoa autônoma, consciente dos seus direitos e deveres, a necessidade de construir uma identidade positiva, uma sexualidade responsável”, com respeito ao seu corpo e ao do outro, podendo optar pelas diversas formas de prevenção, ainda são desafios para a formação destes jovens.

Como já informado, de acordo com a pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS (Brasil, 2000), a vida sexual dos jovens inicia-se cada vez mais cedo. Em 1998, 61% dos jovens entre 16 e 19 anos já haviam tido relações sexuais, e 40,2% as tiveram pela primeira vez antes dos 15 anos (46,7% dos homens e 32,3% das mulheres). Em 1984, a proporção daqueles que iniciaram a vida sexual antes dos 15 anos era de 35,2% para os rapazes e 13,6% para as moças.

Diante desta realidade, considera-se importante conhecer como os pais têm tratado esta realidade e como têm abordado com os filhos o tema da prática sexual e os meios de prevenção tanto da gravidez como das DST's.

1.5.3 Como os pais têm tratado a prática sexual com os jovens

Sendo a sexualidade parte integrante do desenvolvimento da identidade do jovem, muitos conflitos estão relacionados a esta área. Para Suplicy (1991, p. 407), “a questão da sexualidade mudou tão rapidamente nas últimas décadas, que deixou os pais desorientados”. Até a metade do século XX, as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado, aquilo que podiam permitir ou não. Diante desta nova realidade, atualmente há uma grande ambigüidade quanto aos valores sexuais a serem afirmados.

O jovem nesta fase, em muitos momentos, é cruel. Alguns isolam quem não é o seu igual. No isolado podem surgir sentimentos de inferioridade, depressão, ansiedade, culpa, impulsos de autodestruição, usos de drogas. Neste período é muito comum a prática dos mecanismos de defesa como: a negação, projeção e intelectualização.

De acordo com Feijó (2007, p. 28), “muitos pais se sentem confortáveis quando seus filhos são ou estão isolados do grupo de seus pares, pois têm a falsa idéia de que seus filhos estão protegidos em casa e sob o controle deles”. Ademais, de acordo com este autor, os jovens podem ser bastante vulneráveis e podem ser altamente manipulados. Em geral, para fazerem parte de algum grupo, submetem-se a numerosas manipulações, formas de humilhações, muitas vezes fazendo o papel de empregado dos colegas, para sentirem-se parte do grupo.

No entanto, não podemos afirmar que todos os jovens passam por todos os conflitos, até chegarem à maturidade. Muitos jovens passam pela adolescência sem conflitos. Parecem não sofrer os conflitos de ordem sexual, possuindo outros interesses, como esportes, música, estudo e leitura.

Na fase das poluções noturnas, o adolescente começa a fantasiar, com muita intensidade, a relação sexual com uma mulher. De repente, surge apaixonado, por uma gama infinita de meninas. Durante a masturbação, ele idealiza os passos do ato sexual. Neste momento, surgem as primeiras ansiedades, temores e insegurança de ser rejeitado. De acordo com Feijó (207, p. 30), “o desejo, a culpa e o medo fazem parte da constituição dos conflitos na área sexual”.

De acordo com Harrison (1995, p. 61), “a relação sexual nem sempre satisfaz os sentimentos sexuais”. Para este autor, “praticar o sexo na verdade é praticar conversa, comunicação e compartilhar amor”.

Para Suplicy (2000, p. 34), esta é uma época de transição. Estamos vivendo um momento muito difícil para a construção de um sistema de valores sexuais. Ela afirma que, há alguns anos atrás, os valores sexuais mudavam mais vagarosamente. “Hoje, com os meios de comunicação, os valores que levariam décadas para mudar, mudam ano após ano, e cada vez mais acelerados”. Para a autora, tanto os pais como as escolas devem defender e desenvolver uma espécie de educação sexual, ensinando princípios tais como: respeito por si mesmo e pela sua dignidade; respeito ao outro; acesso a informações; desenvolver o espírito crítico, através da “não supressão da curiosidade e estimulando ao questionamento”;

para que possam ter condições de tomar as melhores e mais bem pensadas decisões.

Para Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 478), “a juventude é um período de auto-conhecimento do próprio corpo e do descobrimento do corpo do outro, e também uma busca de um comportamento sexual apropriado”.

Esta conjunção de pais e amigos será extremamente relevante para a formação do código de valores do jovem. A decisão quanto à identidade e, por extensão, o desenvolvimento da personalidade, se realizam quando os jovens resolvem suas questões sexuais, decidem que valores e a que pessoas serão fiéis, não seguindo simplesmente os valores de seus pais.

1.5.4 A sexualidade hoje

Para Barroso e Bruschini (1991, p. 15-20), um fator gerador de vários conflitos na juventude no que concerne à sexualidade, é a ausência de esclarecimentos sobre o tema, colocando-os frente a diversos dilemas. Estas atitudes partem em geral dos pais, pois alguns proíbem o assunto chegando até aqueles que têm atitudes mais liberais. O que se percebe é que o tipo de relação entre pais e filhos pode ter ligação direta com o comportamento do jovem.

Segundo Masters e Johnson (1988, p 125 -140), a tomada de decisões sexuais dos jovens reflete sua preparação psicológica individual, seus valores pessoais, seu raciocínio moral, o medo das conseqüências negativas e o envolvimento em ligações amorosas. Na tentativa de livrar-se do controle dos pais ou dos adultos, alguns jovens encaram o sexo como uma forma de provar sua capacidade de tomar decisões e de contestar os valores da geração anterior.

Domingos e Alvarenga (1997, p. 35) afirmam que o conhecimento que temos de nós mesmos é conseguido com o reconhecimento recíproco dos sujeitos dentro de um grupo social. Portanto, esta identificação se dá através das relações que os jovens estabelecem entre si e com o meio onde vivem por meio da prática e da ação. Como na juventude ocorrem as identificações de gênero, as autoras consideram importante o “exercício da sexualidade” para o processo de formação da identidade, e estas identificações serão feitas por meio da imagem que eles têm de seus próprios corpos, do masculino e do feminino, bem como pela descoberta do outro, do amor e do desejo.

Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 29), ao se expressarem acerca da sexualidade, apresentam-na como parte da dimensão humana, envolvendo “o gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução”. Para as autoras, ela pode ser experimentada de diversas formas e maneiras: “pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos”. A sexualidade, portanto, pode ser considerada como a própria vida, pois envolve o corpo, a história, os costumes, as relações afetivas e a cultura em que os indivíduos estão inseridos.

De acordo com Castro, Miranda e Almeida (2007, p. 95), para muitos jovens entre 15 e 24 anos, o diálogo com os pais acerca da sexualidade não ocorre de maneira fácil, da mesma forma que os temas relacionados à afetividade (p. 91). Falta diálogo mais íntimo sobre os temas relacionados à atividade sexual e sobre a contracepção. Para os jovens, esta falta de diálogo ocorre devido às diferenças entre as duas gerações. Diante deste dilema, a escola e a família podem competir ou complementarem-se no ensino sobre a sexualidade.

Estas autoras indicam que alguns pais consideram que é a escola quem deve informar e educar sobre as questões relativas às relações sexuais, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST's), pois para muitos destes pais, os jovens seguem mais as orientações mediadas pela escola, o que seria chamada por Foucault de *scientia sexualis* (1998, p. 57), não esclarecendo sobre a ars erótica (p. 57).

De acordo com Castro et. al (2004, p. 33), a sexualidade ainda é considerada um tema polêmico no âmbito escolar, pois sempre é necessário considerar a “multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores, assim como os tabus que cercam o tema”. Para as autoras, desde 1995, com o surgimento dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental (PCN's), a orientação sexual foi assumida pelo Governo Federal, passando a ser considerada como “tema transversal”, integrante dos programas pedagógicos, articulando-a com diversas disciplinas.

Heilborn (2006, p. 32) afirma que ocorreram mudanças sexuais no Brasil, o que levou a uma aceitação da prática da sexualidade feminina pré-conjugal. Desta forma, a experimentação sexual que era, há décadas atrás, só permitida aos rapazes, passou a ser praticada pelas moças, dentro do contexto do namoro. No entanto, mesmo parecendo paradoxal, permanece sendo um assunto indigesto nas

conversas de família. A autora afirma que, o ambiente social de discussão sobre sexualidade não se modificou muito: “faltam diálogos sem hipocrisia e mais atentos às especificidades das tentativas de imposição das Igrejas sobre o seu conteúdo”.

A escola continua não tratando o tema de maneira franca e aberta, em especial sobre a contracepção e a educação sexual. Estes temas continuam não sendo prioritários. “Não discutir a contracepção é permanecer cego diante do fato de que as relações sexuais de jovens se modificaram, são legítimas e constituem um direito” (HEILBORN, 2006).

Sabedores que esta etapa da vida é o período do despertar da sexualidade e que a mesma forma parte integrante na formação da identidade e personalidade (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006, p. 476), procurou-se conhecer as compreensões dos próprios jovens acerca da abordagem do tema sexualidade, tanto na família como no internato.

2 SUPOSIÇÕES NORTEADORAS DO TRABALHO

Para nortear a busca de uma resposta compatível com nossas observações sobre o jovem interno, se irão buscar, por meio da análise dos dados coletados, validar as seguintes suposições de trabalho:

- que as formas da Instituição atuar frente às vivências da descoberta de si e do outro podem estar indicando que ela não tem se preparado para abordar o tema;
- que ao preferir deixar em aberto e sem respostas algumas perguntas e curiosidades, que poderiam ser abordadas de maneira educativa e, ao mesmo tempo, preparatória para a vida real, a Instituição pode estar incentivando a busca de respostas via outros meios, sem que a mesma possa intermediar e mediar a qualidade deste aprendizado;
- que ao não tratar do tema, a Instituição poderá estar fortalecendo a idéia da sexualidade como um tabu, aumentando assim a curiosidade e incentivando um comportamento moral não compatível com os princípios da mesma;
- que o jovem ao não ser ouvido, deixa de contribuir para que mudanças facilitadoras da transição ecológica sejam postas em ação, passando a negar-se a obedecer todas as regras que lhe são impostas;

Desta maneira, poderemos trabalhar de maneira mais diretiva, indo aos pontos de maior relevância e facilitando a compreensão da problemática.

3 OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho buscou conhecer a compreensão de jovens internados em instituição educacional confessional, sobre as abordagens do tema sexualidade que deveriam ocorrer tanto no internato como em sua família.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Para compreendermos como foi sendo construída a compreensão que os(as) alunos(as) internos(as) têm acerca da educação sexual recebida, este trabalho procurou aprofundar-se no universo familiar e do internato, buscando:

2. Conhecer como a família tem abordado o tema da sexualidade com os(as) filhos(as) adolescentes.
3. Identificar as dinâmicas utilizadas no internato tanto para o controle como para a abordagem da sexualidade.
4. Estabelecer uma comparação entre as compreensões acerca da educação sexual, construídas dentro e fora do internato, entre jovens.
5. Referenciar as maiores dificuldades apresentadas pelos adolescentes nesta área.
6. Conhecer os motivos pelos quais os pais, tanto adventistas como não-adventistas, preferem que seus filhos sejam educados em um internato, pois este conhecimento facilitará a compreensão das atitudes que o jovem tem no internato.

4 MÉTODO

4.1 JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO MÉTODO

De acordo com Castro, et.al.(2004, p. 50), “no estudo dos fenômenos sociais, não existe uma única abordagem possível, nem só uma possibilidade de técnica, ou instrumentos de pesquisa especializados”. Assim, neste trabalho, faremos uso de uma abordagem extensiva e compreensiva, ou seja, do uso de técnicas quantitativas e qualitativas.

Para Minayo, Assis e Silva (2005, p.20-25), o método quantitativo está relacionado a uma abordagem dedutiva que consiste em partir de uma teoria conhecida, observar casos particulares, procurando confirmar as hipóteses investigadas.

A abordagem extensiva tem como objetivo a representatividade, ou seja, estuda a amostra de uma população por meio da coleta de dados, de forma individual e analisa criticamente e executa uma pesquisa por amostragem. Sob esta perspectiva, foram elaborados quatro questionários, cada um deles dirigido a um segmento específico do grupo amostral: Jovens, Pais, Mães, Diretores do IAENE, Preceptores, tanto do residencial feminino como do masculino e algumas respostas dadas à entrevista, que apareceram com mais frequência. Buscamos desta forma dar uma maior representatividade à mostra.

Para Pereira (2004, p. 21), quando um pesquisador só se utiliza de símbolos numéricos e premissas aritméticas para representar um evento, priva-se da oportunidade de reconhecer as manifestações que excedam as representações numéricas e as premissas da aritmética.

Neste trabalho, procurou-se levar em consideração a “validade ecológica” de Bronfenbrenner (1996, p. 24) descrita como a “extensão em que o meio ambiente é experienciado pelos sujeitos”, e que dentro de uma investigação científica pode possuir ou não as propriedades investigadas. Será desta maneira, que a descrição feita pelo investigador do percebido e do acontecimento só fará sentido com o significado que as pessoas descreverem e relatarem em relação às mesmas coisas, expressadas de diferentes maneiras, por meio de diversos depoimentos, diferentes pessoas e em distintas ocasiões.

Ao se descrever e tentar conhecer a compreensão das pessoas que vivem no internato, considerando-se os diferentes elementos ecológicos, será possível proporcionar um vislumbre das novas formas de compreender, modificar ou não as atitudes.

Ao se trabalhar no contexto de internato, devemos considerar a opinião de Sato e Souza (2001, p. 31-32), quando afirmam que se deve buscar um modelo teórico que abandone a distância existente entre o indivíduo e a sociedade, entre o indivíduo e o subjetivo.

Portanto, dentro de uma abordagem compreensiva ou qualitativa, procurou-se trabalhar o sentido, a compreensão do tema da sexualidade dos alunos internos, a relação dos internos entre si, com os dirigentes e familiares. Como técnicas qualitativas foram utilizadas entrevistas pessoais e observação “in loco” (BACHMANN et al., 1999; FORZA, 2002; GRANELLO, 2004).

Frente ao apresentado, foi utilizada a entrevista semi-estruturada com o objetivo de conhecer o universo dos jovens internos, seus pontos de vista e suas compreensões. A entrevista, de acordo com Bourdieu et al. (2003, p. 11), ajuda o pesquisador a mostrar os lugares chamados de “difíceis” que, na verdade, são os lugares difíceis de descrever e pensar. Desta maneira, por serem tão complexos, podem ser melhores entendidos pelas expressões desta realidade, feita por diferentes discursos.

Para alcançar os objetivos propostos, fez-se uso de diversas técnicas, sempre lembrando que o método é apenas um caminho entre tantos. As técnicas utilizadas como estratégias metodológicas foram a “observação in loco”, entrevistas individuais, questionários e participação de um encontro com os jovens, procurando responder o que é a arte da conquista. Todo o processo foi feito de maneira a deixar os jovens a vontade para responderem as perguntas e de reflexão, por parte da pesquisadora, para compreender a amplitude e os significados daquilo que era dito.

Quando a pesquisadora se inseriu totalmente no universo do internato, pode aclarar para si mesma, até onde gostaria de ir neste estudo, o que de fato queria ver respondido no trabalho, afastando-se de caminhos que não a levariam ao resultado buscado. O processo foi um abrir e fechar de inúmeras possibilidades, sempre se perguntando se era isto ou aquilo que desejávamos conhecer. Ademais, dentro da teoria de Bronfenbrenner (1996, p. 29), é preciso compreender a pessoa no contexto em que está inserida – para a pesquisadora, seria compreender como o internato é

“experenciado” pelo próprio aluno que nele vive, especificamente em relação à abordagem da sexualidade, e como ocorrem as interações, neste tempo e neste espaço. Somente assim se terá a validade ecológica (BRONFENBRENNER, 1996).

Ademais, ao se fazer a análise ecológica, pareceu bastante adequada quando se passa a considerar o internato como um todo e em suas partes. Há a reprodução de uma sociedade, com tudo que do que um jovem precisa para seu desenvolvimento. Pode-se dizer como Bronfenbrenner (1996, p. 32), que o internato é um lugar transformador, pois em meio a um mundo pós-moderno, com um sistema de crenças em constante transformação, ele surge como um sistema que transforma o indivíduo que nele se encontra, oferecendo-lhe novas possibilidades e visões do mundo exterior, podendo, inclusive, transformar outros ambientes fora do microssistema de internato e do macrossistema Institucional.

Apenas se esclarece que os resultados obtidos nesta pesquisa, estão relacionados ao IAENE no ano de 2007, mas isto não impede que os achados aqui obtidos não possam também ser estendidos às demais instituições de cunho educacional, confessional e/ou com internato misto.

4.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

4.2.1 Conhecendo o ambiente onde o estudo foi realizado:

Dentro deste contexto em que está inserida a família na atualidade, sua dificuldade em impor limites sem que os pais se sintam culpados, a dificuldade destes em respeitar a autonomia que vai se desenvolvendo no jovem, faz com que muitos deles passem a ver a educação no internato, não como uma possibilidade, mas como um imperativo. Nesta situação, o IAENE, como Instituição educativa, desempenharia um papel de “reformadora” dos erros educacionais dos pais e um meio de “salvaguardar” os filhos contra um mundo conturbado, violento e cheio de liberalismos.

Figura 1. Entrada do IAENE, 2007.



Segundo Silva (2007, p. 116-117), os pais, de acordo com alguns internos, escolhem o internato por três possíveis razões, entre outras: 1) O internato seria um exílio forçado, ou consentido pelos filhos, para que tenham tempo para solucionar os conflitos e as questões financeiras; 2) Embora acreditando nas qualidades inerentes do viver em um internato, na verdade, eles desejam que seus filhos valorizem a família, o que termina, na prática, a atribuir ao internato uma conotação de educação punitiva; 3) As razões de pais e filhos são complementares: a família, que experimenta conflitos, busca o internato como a melhor opção para que seus filhos desenvolvam os valores e ideais familiares, e os filhos aceitam vir para ter uma “suposta autonomia” dos pais.

Portanto, quando falamos do jovem que vive no internato, é neste contexto, desta forma e com estas dificuldades, que ele chega ao IAENE, passando a viver e conviver diariamente, de uma hora para outra, com novas normas e regras, que estabelecem limites à sua autonomia, à descoberta de si mesmos e do outro, sem, muitas vezes, entenderem porque existem tais regras. De acordo com Foucault (2007, p. 104 -107), o espaço disciplinador se exerce não só como uma força que é negativa, ele é também produtivo e forma um indivíduo obediente, sujeito aos hábitos do espaço, às suas regras, ordens e à sua manipulação.

4.2.2 Aspectos legais para o funcionamento do internato

O crescimento do Sistema Adventista de Educação se deve a sete fatores relevantes: 1) a sua crença de que “a verdadeira educação é uma ciência grandiosa, porque se baseia no temor do Senhor, que é o princípio da sabedoria” (WHITE, 1996, p. 328); 2) porque em seu sistema de crenças a educação é vista como um instrumento para cumprir a missão da Igreja no mundo; 3) pela busca do atendimento das expectativas familiares de formação acadêmica de boa qualidade; 4) por ser uma instituição religiosa que oferece segurança para os da igreja e para os de fora, pois reforça e valoriza os aspectos éticos e morais; 5) pela segurança nos relacionamentos, tanto para os internos como externos, pois estão em um lugar onde os líderes são pessoas confiáveis (religiosos); 6) pela oportunidade para desenvolver amizades confiáveis dentro de um ambiente seguro; e 7) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que afirma que a educação é tanto dever da família e do estado, dando abertura para a iniciativa privada, pluralismo de idéias, bem como concepções pedagógicas e orientação confessional no Título II (Artigos 2, 3, 4 e 5, p. 2) e no Título IV (Artigo 20, Inciso III, p. 8) (SILVA, 2007).

Desta forma, a legislação brasileira permite o funcionamento de internatos de cunho educacional/confessional, semi-internatos e externatos, em todo o território nacional e, diante desta abertura para novos espaços educacionais, o Sistema Adventista de Educação tem sido beneficiado, pois lhe é facultado o direito de operar várias escolas de cunho confessional em todo o Brasil.

Ademais do que foi apresentado, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Título I, artigo 3º, estabelece:

"A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, lhes sendo assegurado, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade" (ECA, p. 09).

Ainda de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A), em seu Título II, Capítulo III, Seção I, Artigo 19 (p. 13), é direito da criança e do adolescente serem criados e educados na família de origem e, em casos excepcionais, em

famílias substitutas, o que reforça a importância do vínculo familiar, como sendo fundamental para o desenvolvimento dos mesmos, mas, ao mesmo tempo, permite-se ler que o internato pode assumir a função de família substituta.

É nesta realidade que se encaixa o Sistema Adventista de Educação no Brasil que, segundo Lessa (2006, p. 8-14), conta com 393 escolas adventistas que oferecem o ensino fundamental, outras 118 que oferecem o ensino básico, um Centro Universitário – UNASP – que possui diversos campus e algumas faculdades isoladas (caso do IAENE), perfazendo um total de 120.000 alunos, tanto internos como externos. No que diz respeito aos docentes, a rede adventista de educação conta com 8.000 para o nível fundamental, 3.500 para o ensino básico e 1.200 para o ensino superior.

4.2.3 Fundamentos da educação adventista

Segundo o Manual da Igreja da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2005, p. 116), a IASD dirige um sistema escolar para assegurar que seus jovens recebam uma educação equilibrada: física, mental, espiritual, social e vocacional, sempre em harmonia com as normas e os ideais denominacionais, tendo Deus como a fonte de todo valor e verdade moral. As escolas denominacionais procuram prover aos seus educandos uma educação que esteja dentro da estrutura da ciência da salvação. Mais especificamente, essas escolas têm como objetivos influir sobre a vida de cada aluno nas questões dos princípios de saúde, temperança, domínio dos processos do aprendizado, dignos membros da família, habilidades vocacionais, educação cívica, uso proveitoso do tempo disponível, maturidade ética, dedicação espiritual, consecução pessoal, adaptação social e responsabilidade cívica.

De acordo com White (1997, p. 13 – 14), a educação adventista se fundamenta na premissa de que “a primeira grande lição de toda educação é conhecer e compreender a vontade de Deus”. Disto se segue que, acima de qualquer outro objetivo, a educação adventista visa preparar indivíduos não só para a presente vida, mas também para a gloriosa vida futura.

Em harmonia com o exposto, Brown (1981, p. 9-11) declara que a filosofia de educação adventista, em seu sentido mais elevado, está relacionada com a obra de redenção, isto é, com o próprio Jesus Cristo. A partir desta concepção, o autor apresenta os três fundamentos básicos que norteiam a educação adventista:

1. *A natureza da realidade* – O conceito de que o universo é a expressão de um Ser inteligente e pessoal é fundamental na filosofia da IASD. Portanto, considera como sendo sabedoria verdadeira, progressivamente substanciada na experiência, sua crença de que um Deus pessoal é a realidade verdadeira e absoluta, e que tudo que resta depende dEle.
2. *A criação e o processo natural* – Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que o universo foi criado e é mantido por um Deus pessoal, para propósitos determinados por Ele. Sendo que a origem do universo é um feito além do alcance da investigação direta humana, somente pode ser percebido segundo a revelação dada pelo próprio Criador.
3. *A revelação de um Deus pessoal* – Sendo que Deus é uma Pessoa, pode falar, atuar e dizer quanto fazer. Ele tem falado e continua falando através de um terceiro postulado do adventismo. Deus tem falado através da: Santa Bíblia, que é aceita como a Palavra de Deus, o critério da verdade para o ensino e doutrina; Jesus Cristo é reconhecido como a suprema revelação de Deus ao homem, um perfeito exemplo de vida e o ponto focal da esperança para a raça humana; a contribuição espiritual especial de Ellen G. White, através da literatura extensiva proveniente de sua pena, é considerada como uma manifestação singular da auto-revelação de Deus.

A partir dos fundamentos acima, a instituição interna entre os adventistas foi criada para oferecer uma educação cristã aos filhos dos membros da Igreja. No entanto, por ser também uma Instituição para o ensino regular, recebe alunos de outras denominações, desde que aceitem o regime institucional organizado para este tipo de escola (SILVA, 2007, p. 20).

4.2.4 Crenças adventistas em relação a sexualidade

Os internatos adventistas refletem as crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e, em todas as suas atividades, de alguma forma, elas estão inseridas.

Para o Sistema de Educação Adventista, de acordo com a Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia (AMIASD, 2003, p. 386), o lar representa a moldura primária para restaurar a imagem de Deus em homens e mulheres. Dentro da família, pai, mãe e filhos podem expressar-se plenamente,

podendo cada um destes completar as necessidades dos demais no tocante a ter seu próprio lugar, ser amado, amar e desenvolver a intimidade.

Para a IASD, a família permite a formação da identidade, o desenvolvimento de sentimentos de valor pessoal e a auto-estima. É neste espaço que os princípios do cristianismo verdadeiro são colocados em prática, e seus valores são transmitidos de uma geração a outra geração.

Ainda de acordo com a Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo dia (2003, p. 387), o lar pode ser um lugar de grande felicidade ou um cenário de sofrimentos. O lar, idealmente, deveria refletir em todos os seus fazeres o cristianismo prático, que revelasse o caráter de Deus. No entanto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) reconhece que este lar ideal é cada vez mais raro, havendo hoje sérios problemas no seio familiar: discussões, rebeldia, rivalidade, ira, indecência e crueldade, o que revela como atua o coração humano e egoísta, negando-se a viver o plano original de Deus.

Em suas crenças, a IASD acredita que o sábado e o matrimônio são dons concedidos por Deus para a família humana. Ambos foram o ápice da criação do mundo. Quando Deus formou a primeira família, estabeleceu a unidade social básica da humanidade, dando-lhe um senso de pertinência e provendo-lhe “a oportunidade de desenvolver pessoas habilitadas para o serviço de Deus e do próximo” (AMIASD, 2003).

Dentro das crenças da IASD, o matrimônio é considerado como o alicerce da família e o fundamento da sociedade. Deus mesmo realizou o primeiro casamento e, só após o mesmo, é que houve a união física, o vínculo íntimo entre homem e mulher, que se forma entre as mentes e emoções, e que envolve o relacionamento sexual (AMIASD, 2003).

Dentro das crenças relacionadas com o matrimônio, está o fato de que o ato sexual só pode ocorrer dentro do casamento, entre marido e esposa, pois esta é a vontade de Deus, como é lido na Bíblia Sagrada, em Hebreus, 13:4: “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula”.

São consideradas desvios do ideal divino, de acordo com AMIASD (2003, p. 393-395), a poligamia, a fornicção (qualquer prática sexual praticada fora do casamento), adultério, impureza de pensamento, incesto, divórcio e a homossexualidade. Como são desvios do plano divino, são considerados pecado e

passíveis de sanções por parte da IASD, de acordo com o Manual da Igreja (2005, p.194-195).

Diante do exposto, em todos os órgãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia esta é a crença e, diante daquilo que é considerado pecado, haverá as devidas sanções, desde uma pequena disciplina até o afastamento total da comunidade. Esta compreensão da IASD acerca do que seria ou não adequado na área sexual, ademais do momento ou situação em que a prática do sexo é considerada correta, é o que norteia a formulação das regras vigentes nos internatos adventistas no que diz respeito à conduta sexual.

4.2.5 O IAENE e sua função educadora

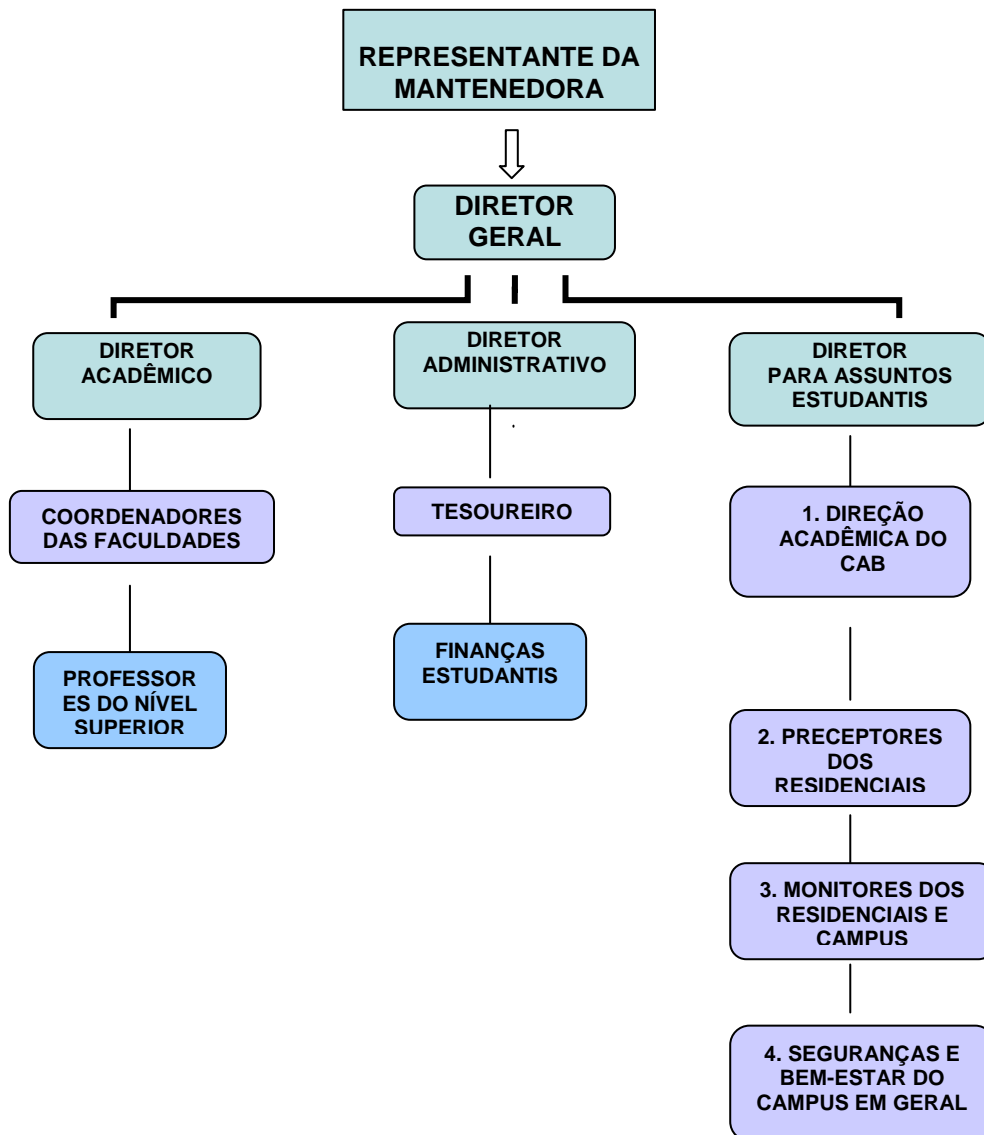
O Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE) está localizado no povoado de Capueiruçu, cidade de Cachoeira, no estado da Bahia. Foi construído na antiga Fazenda Capueiruçu, às margens da BR 101, no Km 197.

O IAENE foi fundado no dia 14 de outubro de 1979, numa área de 120 hectares, distando 130 km de Salvador, a capital do estado, e 45 km de Feira de Santana, segunda maior cidade do estado da Bahia.

Em seu organograma completo, o internato do IAENE é administrado localmente por um Conselho Diretivo, presidido pelo representante eleito da Mantenedora, o diretor geral, o diretor administrativo, o diretor acadêmico e pelo diretor para assuntos estudantis, ou diretor interno, assim chamado por ser o responsável pela recepção, acompanhamento, desligamento dos alunos do internato e toda a organização interna do campus.

Auxiliam a direção interna, os preceptores dos residenciais femininos e masculinos, que são os “pais-substitutos”, “educadores”, “conselheiros” imediatos dos mesmos; os vice-preceptores, os monitores, que trabalham como vigias da ordem e do cumprimento das rotinas do internato, o chefe da segurança, a chefe da cozinha e nutrição.

Figura 2. Organograma completo do IAENE, 2007.



No momento desta pesquisa, o IAENE contava com cerca de 2.300 alunos, dos quais 360 eram residentes. De acordo com os dados obtidos na Secretaria Geral da Instituição, destes alunos residentes, cerca de mais da metade provinham de famílias adventistas. Espera-se para 2008 cerca de 450 alunos residentes, em função da abertura de mais uma faculdade em seu campus.

A demanda por este modelo de educação tem crescido tanto que se tornou imperativa a ampliação do residencial masculino, concluída na metade de 2007 e, neste momento, trabalha-se na ampliação do residencial feminino, uma demonstração de que os antigos residenciais já não comportam o expressivo aumento no número de alunos internos.

4.2.6 Vivendo no internato

Morais et. al. (2004, p. 387), diante de tantas controvérsias dentro e fora do lar, e reconhecendo a dificuldade de alguns pais em tratarem com os filhos adolescentes, afirmam que o internato pode oferecer elementos que proporcionem uma boa formação para os estudantes que aí vivem. Entre as razões apresentadas pelos autores está o fato de que os jovens partilham o espaço do internato com pessoas diferentes, o que favorece o amadurecimento, bem como o desenvolvimento de novos vínculos afetivos, onde poderão aprender a resolver problemas, cuidar de suas próprias vidas, desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade e, desta forma, a autonomia e o respeito pelo outro.

Todo internato tem seus próprios mecanismos reguladores dos comportamentos e, desta forma, tem suas próprias normas e práticas de controle. Segundo Goffman (2005, p. 11), o internato poderia ser considerado como uma “instituição total”, pois serve tanto para residência como também de local de trabalho, onde os sujeitos são separados da sociedade e, em condições semelhantes, vivem fechados e administrados de maneira formal. Pode-se ainda observar que o aluno interno precisa participar, querendo ou não, de muitas atividades que não apreciam e, nestes momentos, a autoridade dos cuidadores fica evidenciada, em especial ao não permitir o direito de escolha.

Para Foucault (1987, p. 122-123), o colégio interno se afirma no século XVIII como o regime de educação mais perfeito. Eles tinham o modelo de convento tanto na forma da disciplina como no estilo da construção: quadriculamento, ou seja, a forma da construção também seria uma forma de controle dos indivíduos, evitando uma circulação confusa e grandes aglomerações.

“O aparelho disciplinador perfeito”, segundo Foucault (1987, p. 146), seria aquele que permitiria, com um único olhar, ver tudo e todos permanentemente. Haveria um ponto central que, ao mesmo tempo, ilumina e converge tudo o que é necessário ser sabido: nada passa despercebido e todos os olhares se convergem.

Observando as fotos dois a oitól, pode-se perceber que o residencial masculino, o residencial feminino, e também o prédio do Colégio Adventista da Bahia, foram todos construídos em um formato de quadrado, abertos no centro, onde todas as portas dos quartos e salas de aula dão para uma mesma direção: o

pátio interno, a sala dos preceptores, diretores, coordenadores e monitores. Desta sala, todos os movimentos são acompanhados: momentos de entradas, saídas, idas ao banheiro, idas à sala de estudos e cultos. Esta forma de construção, de certa forma, mantém os alunos internos disciplinados, pois sabem que estão sendo vigiados constantemente.

Figura 3. Vista interna do residencial masculino IAENE, 2007.



Figura 4. Vista externa do residencial masculino. IAENE, 2007.



Como “instituição total”, Benelli (2002, p. 20) afirma que “o internato pode marcar profunda e negativamente a subjetividade dos internados, pois suas práticas sociais podem efetuar uma modelagem da mesma”, ainda mais quando seus dirigentes são arrogantes e autoritários, não percebendo os efeitos de suas atitudes sobre seus pupilos. Isto poderia fomentar semelhante comportamento nos internos, tornando-os também opressores e suas relações sociais serão marcadas pela dominação e sujeição.

Figura 5. Vista externa do residencial feminino, IAENE, 2007.



Figura 6. Vista interna do residencial feminino, IAENE, 2007.



Para Antoneli (1997, p. 17), mesmo falando de instituições para recuperação de crianças e adolescentes com problemas com a lei, “a educação em internatos pode ser considerada controversa, mas necessária”. Desta forma, a autora indica que há ainda muito a ser pesquisado sobre os benefícios, vantagens e desvantagens deste tipo de educação, pois o resultado de se viver em um internato dependerá, em grande parte, da ênfase dada em cada Instituição.

Foucault (1987, p. 102), ao falar da vida dos confinados de Walnut Street, parece estar falando da rotina de um internato, principalmente quando afirma que “a vida é repartida em horários estritos, vigilância ininterrupta, cada instante do dia é reservado para uma atividade, onde estão implicadas as obrigações e aquilo que é proibido”. O autor completa esta informação (p. 100) ao indicar que “havia muita exortação, indicação de leituras de cunho espiritual, como se fosse um jogo de conversão – atrair para o bem e afastar do mal”. Buscava-se a transformação da alma, do comportamento e do desenvolvimento de uma consciência religiosa.

De acordo com Silva (2007, p. 26), a educação confessional é um elemento muito forte no IAENE, objetivando alcançar seus propósitos: é obrigatória a participação nos cultos diários (02 durante cada dia da semana e 03 na sexta-feira).

Figura 7 – Visão capela masculina. IAENE, 2007.



O dia a dia no internato começa muito cedo: 5h30 da manhã, para os estudantes do turno matutino, e 6h30 para os que estudam no turno vespertino e noturno.

No geral, os horários de todas as atividades estão assim distribuídos:

- Despertar: 5h30 e 6h30 – alunos que estudam ou trabalham no turno matutino;
- Desjejum: 6h00 às 7h30;
- Cultos matutinos: 6h45 até 7h00 – para os estudantes e alunos bolsistas do turno matutino; 7h46 até 8h00 – para os estudantes e alunos bolsistas que estudam e trabalham em outros turnos;
- Início das aulas – Turno matutino – 7h30 até as 12h30;

Figura 8. Vista externa do Colégio Adventista da Bahia, IAENE, 2007.



Figura 9. Vista interna do Colégio Adventista da Bahia, IAENE, 2007.



- Período de estudos no residencial ou biblioteca: 8h30 até 10h00 – alunos vespertinos; 13h30 até 15h00 – alunos do turno matutino; 20h00 até 22:00 só para os alunos universitários.

Figura 10. Vista interna da biblioteca. IAENE, 2007.



Figura 11. Vista interna da biblioteca. IAENE, 2007.



- Horário para organização dos quartos: 10h00 às 11h15; 15h00 às 16h15;
- Almoço: a partir das 11h45 até 13h15;
- Início das aulas – Turno Vespertino – 13h30 até as 18h00;
- Jantar: 17h30 até 19h00;

Figura 12. Vista do restaurante.
IAENE, 2007.



Figura 13. Vista do restaurante.
IAENE, 2007.



- Culto noturno: 19h00 até 19h30;
- Horário livre: 19h30 até 22h00 (esportes, piscina, filme) – atividades feitas dentro do residencial durante a semana e, no final de semana, na área externa.

Figura 14. Vista da praça central.
IAENE, 2007.



Figura 15. Vista das quadras.
IAENE, 2007.



- Horário de dormir: 22h00;

- Luzes se apagam e horário de silêncio – 22h15;
- Estudantes universitários que estudam no horário noturno – retorno ao residencial 22h45 – (não se acendem as luzes).

Cabe assinalar também que as saídas são em dias alternados entre moças e rapazes do nível fundamental e médio:

- moças - segundas e quartas-feiras;
- rapazes - terças e quintas-feiras

Além disto, só poderão sair aqueles alunos do nível médio a quem os pais assinaram a permissão para isto. Já os(as) universitários(as) têm direito a sair todos os dias, nos horários que lhes sejam mais convenientes, sem alternância por gênero. Esta regra só muda quando os pais vetam, de forma expressa, todas as saídas.

4.2.7 Como chegamos à amostra para o estudo

Este estudo teve como ponto de partida uma solicitação apresentada por um grupo de 40 jovens, para que pudéssemos nos reunir em um local reservado, pois gostariam de receber orientações sobre comportamento sexual e tudo que tivesse a ver com sexualidade. Em um primeiro momento, a pesquisadora ficou entre chocada e curiosa e, no decorrer do processo, a curiosidade deu lugar a uma preocupação e ao desejo de contribuir para o desenvolvimento destes jovens.

O primeiro encontro ocorreu no mês de maio de 2007, quando abordamos o tema de maior interesse naquela ocasião, que tinha a ver com a “conquista de alguém do sexo oposto”. Apresentamos uma pequena palestra, seguida por um espaço para perguntas francas. É importante ressaltar que as respostas dadas partiram do próprio grupo, restringindo-se a pesquisadora a simplesmente realizar uma síntese de tudo o que havia sido perguntado. Quando encerrou o encontro, estendeu-lhes o convite para participarem deste trabalho, através de uma entrevista.

Ao término deste encontro, ouviam-se frases tais como: “tínhamos que marcar mais encontros”, “isto é só o início”, ou “era tudo que eu precisava saber mas não sabia a quem perguntar”. Ao ouvir estas declarações, esta pesquisadora buscou aprofundar-se nas palestras que são oferecidas aos adolescentes, nos momentos de culto, e surpreendeu-se com a ausência de temas sobre sexualidade.

Diante desta realidade, e com o desejo de conhecer a compreensão dos jovens, sobre a educação sexual realizada no lar e no internato, a pesquisadora buscou autorização da Direção Geral da Instituição, comentando a problemática e aquilo que chamara sua atenção. Após deliberação junto ao Diretor Para Assuntos Internos, foi consentida a realização deste trabalho, bem como acesso irrestrito aos alunos que viviam no internato, preceptores, dirigentes e pais.

Procurando se aprofundar mais no universo dos jovens, evitando que a presença da pesquisadora pudesse interferir nas respostas das entrevistas, buscou-se construir um questionário que pudesse ser respondido de maneira individual, sem a interferência da pesquisadora ou de qualquer elemento que pudesse deturpar as respostas.

Para conseguirmos sujeitos que respondessem a tal questionário, solicitamos que pudessemos participar de todos os cultos de ambos os residenciais, fazendo o convite para participação neste trabalho. Estabelecemos a idade mínima e máxima, estudantes regulares (pagantes integrais) e que passassem férias integrais com a família. Desta forma, 64 jovens se dispuseram a responder o questionário. Feito o cadastro, os questionários foram entregues em envelope lacrado e devolvido no prazo de quinze dias.

Antes de darmos início ao processo, o projeto integral foi entregue ao Comitê de Ética da Instituição, que após deliberação e algumas pequenas mudanças no projeto, permitiu que o trabalho fosse realizado.

4.2.8 Características da amostra

Como já abordamos anteriormente, para efeitos deste trabalho utilizaremos a classificação dada pela OMS e UNICEF (2007, p. 5), que considera como jovem todo indivíduo que se encontra na faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos.

O grupo dos jovens participantes deste trabalho ficou conformado da seguinte maneira:

- 36 jovens participantes do grupo SOS, que foram entrevistados;
- 64 jovens que participaram respondendo a um questionário semi-estruturado;
- Jovens com idades entre 15 e 24 anos;
- Ambos os sexos;

- Internos novatos ou veteranos;
- Alunos regulares (pagantes integrais);
- Qualquer nível acadêmico;
- Vivendo no internato no período letivo e gozando de férias integrais com a família;
- Participação voluntária.

O grupo dos pais dos adolescentes entrevistados foi convidado a participar, respondendo a um questionário semi-estruturado, de forma individual e deveria ter as seguintes características:

- Adventistas ou não;
- Que tivessem filho(a) no internato no período letivo e passasse as férias com os pais;
- Filhos que participaram da entrevista;
- Pagantes regulares da escola e do internato;
- Com qualquer nível acadêmico;
- Casados ou separados;
- Que desejassem participar.

O convite para participar da pesquisa, e também responder a um questionário semi-estruturado, foi estendido a toda a diretoria do IAENE, que assim está constituída:

- Diretor Geral do IAENE;
- Diretor Administrativo;
- Diretor Acadêmico;
- Diretor para assuntos internos.
- Todos adventistas;
- Atuando no cargo entre um ou mais anos.

Ademais, foram convidados todos os responsáveis pelos alunos internos, chamados de preceptores, educadores ou “pais substitutos”. Este grupo estava composto de:

- Três preceptores do residencial masculino;
- Três preceptoras do residencial feminino.

No quadro abaixo, pode-se ver o número de sujeitos que participaram deste trabalho, o procedimento utilizado e a duração de cada procedimento:

Figura 16. Conjunto amostral e procedimentos utilizados. IAENE, 2007.

SUJEITOS DA PESQUISA	NÚMERO DE PARTICIPANTES	PROCEDIMENTO UTILIZADO	TEMPO PARA O PROCEDIMENTO
Jovens do sexo masculino	20	Entrevista semi-direcionada.	Entre 0h45 min. a 1h30.
Jovens do sexo feminino	16	Entrevista semi-direcionada.	Entre 0h45 min. a 1h30.
Jovens do sexo masculino	33	Questionário semi-estruturado	02 Semanas
Jovens do sexo feminino	31	Questionário semi-estruturado	02 Semanas
Diretoria	04	Questionário semi-estruturado.	02 dias
Preceptoria	04	Questionário semi-estruturado.	02 dias
Pais	Enviados – 34 Retornados – 25	Questionário semi-estruturado	15 a 30 dias
Mães	Enviados – 36 Retornados – 29	Questionário semi-estruturado.	15 a 30 dias
TOTAL GERAL	162 Participantes	36 Entrevistas 162 Questionários	06 meses

4.2.9 Procedimentos

Para a realização deste trabalho, procurou-se seguir uma trajetória que permitisse explorar o universo relacionado ao contexto da problemática, procurando, por meio de práticas seqüenciais, conhecer como os jovens compreendem a educação sexual recebida, através dos seguintes procedimentos:

1. Convite feito aos(às) alunos(as) internos, participantes do encontro “SOS Solteiros”, para participarem da entrevista, explicando a razão da mesma, bem como respondendo às dúvidas existentes.

2. Preparo do projeto e entrega para o Comitê de Ética da Instituição, mês de junho de 2007.
3. Marcação de datas para as entrevistas, que foram realizadas em ambiente fechado, em horário que fosse mais adequado para cada jovem adolescente interno(a).
4. No caso dos(as) alunos(as) até 17 anos, o Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelo Diretor para Assuntos Internos, tutor-responsável pelos(as) internos(as) menores de idade;
5. Aos(Às) alunos(as) maiores de idade, pais, diretoria e preceptores, foi informado que poderiam participar desta pesquisa, após a assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido, com participação espontânea e respeitando o direito ao anonimato;
6. Aos jovens foi esclarecido que as entrevistas seriam gravadas e transcritas, mas resguardando e reafirmando o total anonimato dos(as) participantes;
7. Foram feitas observações “in loco”, para contextualização das percepções dos(as) participantes das entrevistas:
 - a) Convivência nos residenciais;
 - b) Momentos passados no refeitório;
 - c) Horário de estudos;
 - d) Momentos de culto, tanto matutino como vespertino;
 - e) Atividades recreativas, em que ambos os sexos participem conjuntamente;
 - f) Períodos escolares: faculdades e colégio;
 - g) Movimentação da praça, em especial, no horário noturno, tanto em dias da semana como no final de semana.
8. Descrição do contexto após estas observações;
9. Construção de um questionário piloto, abordando aspectos que seriam relevantes para uma entrevista e que alcançasse os objetivos propostos.
 - a) O questionário piloto foi aplicado em dez jovens, de ambos os sexos e de diferentes religiões, que não foram considerados como parte da amostra;
 - b) A partir deste questionário piloto e das respostas obtidas, o questionário e a entrevista para os jovens foram construídos, levando em consideração quatro áreas de interesse: Quem motivou a vinda

para o internato; A compreensão acerca das regras do internato; A descoberta da sexualidade e, por último, a compreensão sobre a educação sexual recebida no lar e no internato;

- c) Foram construídos questionários semi-estruturados para os jovens, os pais, os responsáveis pelos internatos, os diretores da Instituição, além do Consentimento Livre e Esclarecido, pontuando que a participação só seria possível com a assinatura do mesmo, e que todas as informações seriam utilizadas resguardando o total anonimato dos participantes;
- d) Os questionários para os pais foram enviados por correio, com uma carta explicativa, o consentimento livre para ambos os pais, e envelopes selados já endereçados à pesquisadora, para facilitar o rápido envio das respostas;
- e) Transcrição de todas as entrevistas;
- f) Ingresso dos dados no Programa Estatístico SSPS 15.0.
- g) Análise e discussão das respostas dadas às entrevistas e aos questionários, tanto de forma quantitativa como qualitativa.

5 ANÁLISE

Esta pesquisa buscou contemplar o contexto e a compreensão que o jovem tem da vida no internato, lembrando que a pessoa sempre está interagindo, produzindo as compreensões, as ações e reações, em especial, quando o jovem interpreta a sua vinda para o internato a partir daquilo que seu microsistema familiar lhe deixou transparecer. Esta interpretação é que dará o significado de como foi sua chegada, sua recepção e sua compreensão de tudo o que lhe está acontecendo nesta transição ecológica (BRONFENBRENNER, 1996).

O trabalho de análise foi o de identificar, organizar e contextualizar as categorias que foram sendo encontradas e se repetindo em cada procedimento e em cada grupo trabalhado. Foi desta forma que se encontrou e foi possível categorizar conceitos, compreensões, idéias, posições diante do tema sexualidade, a partir das entrevistas individualizadas e dos questionários aplicados tanto aos alunos, como aos pais, direção e preceptores.

A partir disto, foram estabelecidas as categorias comuns em cada instrumento utilizado, mostrando as experiências do internato; as expectativas de pais e filhos com este estilo de vida; quem e o que motivou a vinda para o internato; como são compreendidas e aceitas as regras do internato, tanto por parte de pais como de filhos; a compreensão das necessidades dos jovens, tanto por parte deles mesmos, como pelos pais e direção de que se aborde o tema da sexualidade; como ocorreu a descoberta do próprio corpo e o corpo do outro.

A apresentação dos resultados seguirá um determinado padrão, que julgamos conveniente e de mais fácil compreensão acerca do universo que foi estudado:

1. Apresentação dos jovens participantes: idade, sexo; como foi a chegada ao internato; de quem foi a idéia de vir, razões para vir, primeira impressão e sentimentos atuais.

2. Vida no internato: regras, convivências, se já quebrou regras, sentimentos prevalentes; que regras foram mais quebradas;

3. Descoberta da sexualidade: como o tema foi abordado pelos pais e com os pais, como os filhos percebem esta abordagem no geral, como o internato tem trabalhado o tema; que mudanças corporais foram mais percebidas enquanto estava se desenvolvendo; quais foram os sentimentos prevalecentes; como o tema foi e é abordado pelo internato.

4. Vida sexual: já havia uma vida sexual antes do internato; já manteve relação sexual no internato; quais são os sentimentos mais prevalentes; com quem falou sobre o tema; como satisfaz suas necessidades sexuais.

Quanto aos pais, também foi possível caracterizá-los: a forma como abordam o tema da sexualidade em casa segundo o gênero, porque preferiram o internato como um estilo de educação e se conhecem a vida sexual dos filhos.

Da parte da direção e preceptoria, também foi possível perceber um discurso quase unânime, vislumbrando-se nas respostas dadas a preocupação de corresponder, da maneira devida, ao cargo que ocupa na instituição, mas suas categorias são estas: como o internato aborda o tema da sexualidade; se consideram importante haver um programa que aborde o tema; como preferem falar sobre sexualidade.

Todos estes temas ou categorias serão abordados ou de forma quantitativa, ou seja, extensiva, ou qualitativa, i.e., compreensiva, sempre procurando entender como os alunos internos compreendem o que estão vivenciando nesta nova forma de vida.

Desta forma, foi possível obter conceitos, compreensões ou incompreensões que se repetem com maior ou menor frequência, a influência do macrosistema externo trazido para o microsistema do internato, ou macrosistema Instituição, por meio das interações com os demais internos e com a comunidade como um todo: momentos espirituais, jogos, restaurante, estudos, salas de aula, quartos e em todo o ambiente oferecido pela Instituição.

Diante de tudo o que se analisará, não se deve perder o foco deste trabalho, que é a compreensão do jovem acerca da abordagem da sexualidade tanto em seu microsistema familiar como no microsistema do internato.

6 RESULTADOS E ANÁLISES

São apresentados a seguir os dados recolhidos por meio das entrevistas e questionários, que, em alguns casos, receberam tratamento estatístico.

Para a apresentação dos dados quantitativos, foi utilizado o programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences 15.0 (SPSS), que permite trabalhar os dados quantitativos de forma estatística e, ao mesmo tempo, fazer os cruzamentos que se fizerem necessários.

Neste trabalho, têm-se diferentes grupos de participantes e diferentes procedimentos utilizados, tais como: entrevista para os jovens do grupo SOS, três diferentes questionários, que foram respondidas por jovens, pais, mães, diretores e preceptores, além da observação “in loco” das atividades que ocorrem no internato. Diante do apresentado nas entrevistas, procurou-se agrupar as respostas desde a maior até a menor frequência e, nos questionários, foram agrupadas as respostas às perguntas fechadas.

Também buscamos contemplar o contexto do desenvolvimento e sua interpretação desde a visão e compreensão do aluno interno (BRONFENBRENNER, 1996), pois considerou-se que o aluno (pessoa) está em constante interação com o contexto (internato), onde surgem e são construídas novas impressões, novas ações e reações.

6.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS JOVENS QUE ESTÃO NO INTERNATO.

6.1.1 Análise

Para efeitos de análise, selecionamos a idade, o sexo, de quem foi a idéia para a vinda para o internato, qual foi a primeira impressão e as atuais impressões acerca do internato, razões da vinda para o internato, e o que já aprecia nesta nova vida.

O foco desta análise está vinculado ao fato de que hipotetizamos que a forma como foi apresentado o internato, o contexto em que ele foi apresentado, pode ter sido um facilitador ou não da adaptação, ou seja, da transição ecológica.

Fizemos entrevistas e questionários, procurando observar que efeitos a presença da pesquisadora poderia ter sobre as respostas. As conclusões obtidas

foram que a presença da mesma não alterava as respostas, e sim que estimulava uma maior explicitação das problemáticas vivenciais dos alunos internos.

Aglutinamos os pontos acima indicados como forma de facilitar a compreensão das razões de algumas revoltas, decepções, alegrias e realizações. Esta divisão em áreas facilitará a consecução dos objetivos propostos.

6.1.1.1 Idade dos jovens entrevistados e questionados

De acordo com a tabela abaixo, a amostra que participou da entrevista estava composta por 61,1% de jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, perfazendo um número total de 22 participantes. 38,8% da amostra tinham entre 18 e 24 anos de idade, totalizando 14 participantes. O número total de entrevistados foi de 36 internos.

TABELA 1. Idade dos internos entrevistados.
IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagens Válidas
15-17	22	61,1%
18-20	7	19,4%
21-24	7	19,4%
Total	36	100,0 %

Já a idade dos alunos que responderam ao questionário, pode ser assim caracterizada:

TABELA 2 – Idade dos alunos questionados.
IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagem válida
15-19	39	60,9 %
20-24	25	39,1 %
Total	64	100,0 %

A amostra totaliza 64 jovens participantes como respondentes do questionário, sendo que 60,9% dos jovens têm a idade entre 15 e 19 anos e 39,1% representam os jovens com idade entre 20 e 24 anos.

Em ambas as amostras, percebe-se claramente que há mais jovens no internato com idade entre 15 e 19 anos, sendo que as tabelas caminham na direção do afirmado por Abramo (2005, p. 50), ao apresentar o resultado da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, em que indicou que a condição de estudante é válida para a faixa etária entre 15 a 17 anos, caindo radicalmente na etapa entre 20 até 24 anos. A autora explique que a diferença entre a primeira e segunda etapa, em grande medida, se deve ao fato de os últimos já terem esbarrado no “funil representado pelo ensino médio e superior”.

Quanto ao número expressivo de jovens entre 15 e 19 anos, esta é a faixa etária mais representativa dentro do internato, de acordo com a Secretaria Geral do IAENE. Este indicador poderia estar apontando para alguma dificuldade relacional entre pais e filhos que vivem esta etapa. Poderíamos inferir que muitos pais e os próprios alunos preferem esta instituição, pois reconhecem que talvez seja esta a melhor alternativa, tanto para educar os filhos, uma vez que no lar há alguns conflitos (SILVA, 2007) e, por parte do jovem, pode ser o encontro da tão almejada “autonomia” e suposta conquista da “liberdade”.

6.1.1.2 Sexo dos entrevistados

Neste trabalho, dos 36 jovens participantes, 55,6% correspondiam aos 20 rapazes entrevistados, 44,4% das meninas às 11 entrevistadas, sendo que, no momento das entrevistas, o número total de meninas internas era superior (214) ao dos meninos (146), de acordo com a Secretaria Geral do IAENE.

TABELA 3 – Sexo dos jovens entrevistados. IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagens Válidas
MASCULINO	20	55,6 %
FEMININO	16	44,4 %
Total	36	100,0 %

A realidade apontada pela Secretaria Geral do IAENE, com o aumento do número de alunas internas em 2007, está de acordo com os dados do IBGE (Censo 2000), segundo o qual, entre 1991 e 1996, a taxa de crescimento do grupo formado

pelos jovens de 15 a 24 anos eleva-se em relação ao período anterior, como consequência do efeito das estruturas etárias passadas.

TABELA 4 – Sexo dos jovens questionados. IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagem válida
MASCULINO	31	48,4
FEMININO	33	51,6
Total	64	100,0

O número total de jovens do sexo masculino participantes no questionário foi de 48,4%, com as moças apresentando uma porcentagem ligeiramente superior, com um total de 51,6% .

Se considerarmos que o número total de alunos internos do sexo masculino era de 146, no momento da pesquisa, os rapazes participantes correspondem a 35% de todos os alunos internos. Comparando com as moças, o número total delas correspondia a 214, e a porcentagem de alunas participantes deste processo foi de 23% deste total. A conclusão é que, percentualmente, tivemos uma maior participação de estudantes de sexo masculino.

É interessante observar que, mesmo quando poderiam se expor sem aparecer frente à pesquisadora, o número das moças que participaram foi pouco mais elevado ao responderem ao questionário e do que quando foi feita a entrevista. Poderíamos inferir que as meninas ainda têm mais dificuldade em se expor, principalmente quando o tema a ser abordado é a sexualidade.

Como afirma Suplicy et.al. (2000, p. 59, 60), “desde o nascimento, ser homem e ser mulher são condições tratadas de forma diferenciada por toda sociedade”. A definição do sexo é cercada de expectativas familiares e sociais quanto ao comportamento que se espera de cada um. A educação impõe valores acerca de como deve ser o comportamento social e pessoal esperado por um homem e uma mulher. Ainda cabe ao homem a descrição de fortes, com sexualidade livre de sanções e os melhores trabalhos. ‘Para a mulher, ainda cabe a submissão, uma sexualidade mais recatada e profissões menos remuneradas’. Isto é aprendido socialmente e levado para o resto da vida como uma marca.

6.1.1.3 De quem foi a idéia de vir para o internato

TABELA 5. De quem foi a idéia de vir para o internato.
Entrevistados, IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagem válida
PAIS	15	41,7
ALUNO	20	55,6
OUTRAS PESSOAS	1	2,8
Total	36	100,0

Conforme evidenciado pela tabela acima, 55,6% dos alunos entrevistados desejaram estar no internato; 41,7% vieram por vontade dos pais, sendo que houve a interferência de uma outra pessoa para que 2,8% viesse a estudar no internato.

Alguns alunos responderam “Que estavam fazendo algumas coisas erradas, como fumar, beber e outras coisas, aí meu pai decidiu me trazer para cá”; “Me apaixonei pelo IAENE de tanto meus pais falarem bem daqui”; “Como eu dava muito trabalho em casa, meus pais me colocaram aqui, pra ver se tomo jeito”.

Percebe-se claramente que, por trás de todo aluno que veio sem vontade própria, o internato parece ser, para os pais, o lugar que poderá dar um jeito na maneira de ser do jovem. É uma visão distorcida dos pais, que transformam o internato numa espécie de reformatório. Já os jovens que sempre ouviram falar bem do internato, vêm com uma disposição positiva, estando mais dispostos a fazer desta transição algo bastante positivo para si.

TABELA 6. De quem foi a idéia de vir para o internato.
Alunos questionados. IAENE, 2007.

Participantes	N	Porcentagem válida
Válido		
DO ALUNO	17	26,6
DO PAI	13	20,3
DA MÃE	13	20,3
DOS PAIS	12	18,8
DE OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA	9	14,1
Total	64	100,0

Novamente, quando o aluno respondeu sem a presença da pesquisadora, 26,6% afirmaram que a idéia de vir para o internato foi deles mesmos, no entanto

também houve mais interferência de outras pessoas, com 14,1%. Se somarmos os valores que indicam pai, mãe e ambos os pais, podemos constatar que os pais tiveram 59,4% mais poder de decisão na vinda para o internato.

Considerando os jovens entrevistados e os jovens questionados, percebemos que 37% de todos os participantes tomaram a decisão de vir para o internato. No entanto, quando somamos as decisões tomadas pelos pais (59,4%), percebemos que estes ainda são os que mais tomam decisão em relação à vinda do filho para o internato e, provavelmente, sobre todas as demais áreas de suas vidas.

6.1.1.4 As primeiras e as atuais impressões dos alunos que desejaram ou não vir ao internato

Na figura 17, apresentamos as impressões dos alunos que foram entrevistados: quem os havia enviado, qual foi a primeira impressão e qual é a atual impressão acerca do internato.

Dos 36 alunos entrevistados, 20 deles vieram ao internato porque desejavam estudar na Instituição. Este grupo de alunos provavelmente já nutria expectativas positivas em relação ao que encontrariam, enquanto os demais, que vieram não por vontade própria, mas sim por decisão de alguém da família, alguns tiveram uma impressão bem positiva, ao passo que outros, bem negativa.

FIGURA 17. Quadro sobre as primeiras impressões e impressões atuais sobre o internato. Alunos, IAENE, 2007.

QUEM O ENVIOU AO INTERNATO	PRIMEIRAS IMPRESSÕES	IMPRESSÕES ATUAIS
ALUNO	RUIM	NÃO QUER CONTINUAR NO INTERNATO
ALUNO	ESTRANHO, MUITA GENTE DESCONHECIDA.	AGORA SE SENTE BEM A VONTADE
ALUNO	ACHOU O INTERNATO UM PARAÍSO	SE SENTE BEM A VONTADE
ALUNO	DETESTOU. NÃO ERA COMO LHE HAVIAM FALADO	AGORA GOSTA E QUER SEGUIR ESTUDANDO

ALUNO	ACHOU DEMAIS	DESENCANTOU. DESEJA IR EMBORA
ALUNO	GOSTOU DO QUE VIU	CADA DIA FOI FICANDO MELHOR
ALUNO	ACHOU TUDO UMA BELEZA	GOSTA CADA VEZ MAIS
ALUNO	FICOU ASSUSTADO, COMO SE FOSSE UMA PRISÃO.	ACOSTUMOU-SE, MAS NÃO QUER CONTINUAR.
ALUNO	ACHOU QUE O LUGAR ERA BEM LEGAL	ESTÁ CADA VEZ MELHOR
ALUNO	SENTIU UM ALÍVIO	NO INTERNATO HÁ MUITA INJUSTIÇA.
ALUNO	SENTIU-SE PERDIDO, SOLITÁRIO EM MEIO A TANTA GENTE.	JÁ SE ENCONTROU, MAS NÃO GOSTA DAS INJUSTIÇAS.
ALUNO	ADOROU	GOSTA DO INTERNATO, MAS NÃO QUER CONTINUAR
ALUNO	SENTI-ME ESTRANHO, SÓ E COM MEDO.	HOJE GOSTO DEMAIS.
ALUNO	NÃO FOI O QUE ESPERAVA.	HOJE ESTÁ MAIS ADAPTADO
ALUNO	NÃO PARECEU TÃO DESLUMBRANTE	HOJE CONSIDERA O INTERNATO UM ÓTIMO LUGAR.
ALUNO	MARAVILHOSO.	A VISÃO MAIS REALISTA.
ALUNO	NO INÍCIO TUDO FOI PERFEITO	A VISÃO É BOA,
ALUNO	UM INFERNO, TODO MUNDO PRESO.	GOSTA DO INTERNATO.
ALUNO	SENTI-ME NUM PARAÍSO	GOSTO, MAS NÃO É PARAÍSO.

Dos 20 alunos entrevistados que assumiram ter sido deles o desejo de estudar no internato, 09 destes alunos, ou seja, 45,0%, não apreciaram o que viram quando chegaram ao IAENE, ou não gostaram do internato num primeiro momento. Dos 10 alunos, ou seja, 50,0%, que desejaram vir por seu próprio desejo, ao chegarem tiveram uma primeira impressão muito positiva. Apenas 01 aluno, ou seja, 5,0% dos alunos, não teve uma boa impressão na chegada e deseja ir embora.

Chama a atenção o fato de que, sendo o aluno quem desejou vir estudar no internato, um número expressivo teve uma primeira impressão bastante negativa. Poderíamos inferir que talvez as expectativas estivessem além da realidade, que sonhavam com algo mais interessante do que encontraram num primeiro momento.

Interessante também é o fato de que, dos 09 alunos que não tiveram uma boa impressão, todos mudaram de idéia e hoje apreciam o IAENE e apenas 01 aluno não apreciou a chegada e nem o tempo que estava passando aqui e desejava ir embora.

Segundo a teoria de Bronfenbrenner (1996), o macrosistema institucional pode, num primeiro momento, assustar àqueles que o haviam idealizado: não há a tão sonhada liberdade, a autonomia é limitada, o espaço é dividido o tempo todo, e ainda há muitos desconhecidos para conhecer. No entanto, não é o macrosistema institucional que vai oferecer tudo isto. Será no contexto dos microsistemas, que mesmo agindo uniformemente conforme a Instituição deseja, onde acontecerá o desenvolvimento da pessoa: sala de aula, quarto, biblioteca, restaurante, praça, quadra, que a pessoa poderá desenvolver sua rede de apoio, facilitando sua transição ecológica. É neste trânsito, entre os diversos mesossistemas, que a pessoa vai se entrosando, conhecendo, explorando e descobrindo os novos espaços, além de usar o tempo para a construção de boas amizades. O tempo e os processos proximais facilitarão esta adaptação e aceitação dentro deste macrosistema cultural, social e religioso que é o IAENE.

6.1.1.5 As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelos pais para o internato.

Na figura 18, logo abaixo observamos quais foram as impressões dos jovens ao chegarem ao internato, em especial quando a escolha por este modelo de ensino não foi feita pelo jovem, e sim, pelos seus pais.

FIGURA 18. Quadro primeiras impressões e impressões atuais sobre o internato de alunos enviados pelos pais. IAENE, 2007.

QUEM O ENVIOU AO INTERNATO	PRIMEIRAS IMPRESSÕES	IMPRESSÕES ATUAIS
PAIS	PRIMEIRAS SEMANAS FORAM HORRÍVEIS.	PASSOU A GOSTAR DO INTERNATO
PAIS	UM INFERNO. SÓ GENTE DESCONHECIDA	AGORA O LUGAR É BOM
PAIS	NÃO GOSTOU DO QUE VIU	AGORA GOSTA DO INTERNATO
PAIS	FOI HORRÍVEL. PARECIA EXÉRCITO	PASSOU A AMAR OLUGAR

PAIS	DESENCANTO E ASSOMBRO	CONTINUA NÃO SENDO O QUE IMAGINOU. QUER IR EMBORA
PAIS	LUGAR MUITO ESTRANHO ONDE VOCÊ É OBRIGADO A FAZER O QUE ELES QUEREM	NÃO É TÃO BOM QUANTO PARECE. TUDO É MUITO ENGANOSO.
PAIS	GOSTOU	CONTINUA GOSTANDO, MAS MAIS NA REALIDADE
PAIS	MUNDO ESTRANHO, FECHADO, IGUAL UM EXÉRCITO.	MUDOU DEVIDO O SENSO DENOMINACIONAL, PELA RELIGIÃO.
PAIS	ACHOU TUDO PERFEITO	JÁ NÃO TEM ESTA VISÃO IDEALIZADA. HÁ MUITA MALDADE E PRECONCEITO.

De acordo com a figura acima, 09 pais enviaram seus filhos ao IAENE. Destes, 07 detestaram o IAENE num primeiro momento, ou seja, 77,8% destes jovens não sentiram nenhuma atração ou desejo de continuarem estudando na Instituição. Apenas 02 alunos apreciaram o que viram ao chegarem ao internato, ou seja, 22,2% destes 09 jovens sentiram-se satisfeitos com a opção dos pais para seu futuro.

No entanto, é importante destacar o fato de que dos 07 alunos que detestaram logo no primeiro momento o internato, 05 deles passaram a apreciar o ambiente, ou seja, 55,6% conseguiram realizar a transição ecológica, indicando que conseguiram construir díadas proximais nos microssistemas oferecidos pela escola. Dos 07, apenas 02 alunos, ou seja, 22,2%, não conseguiram adaptar-se ao novo contexto social, cultural e religioso.

Dos outros 02 alunos que apreciaram a Instituição assim que chegaram, no atual momento apenas 01 conseguiu adaptar-se e o outro deseja ir embora, por inadaptação às demandas do internato.

Perguntamo-nos: Por que estes filhos foram trazidos ao IAENE? Que razões foram dadas para a vinda deles ao internato? Como o tema foi tratado pelos pais com os jovens? Castigo ou ideal de vida? Silva (2007, p. 82-83) afirma que, aparentemente, “o internato daria segurança aos pais de que os filhos seriam vigiados e não se desviariam para diferentes condutas daquela educação oferecida pelos mesmos”. Seria uma forma dos pais inserirem os filhos num universo considerado por eles ideal. E para os filhos, seria esta a melhor opção?

Para Silva (2007, p. 82 e 84), “as mudanças na dinâmica do microsistema familiar estariam deixando os pais em dificuldades para manter os seus valores, suas crenças e religiosidade, favorecendo as discordâncias intergeracionais”. As famílias que buscam o internato evidenciam estar vivendo alguma dificuldade para educar seus filhos.

Da mesma forma que o autor acima mencionado, os achados desta pesquisa também revelam que há dificuldades entre pais e filhos, em especial quando estes últimos não estão seguindo os valores, crenças e a religiosidade da família. O internato seria a esperança dos pais para um retorno aos caminhos da religião e a possibilidade de maior envolvimento nas atividades espirituais oferecidas.

6.1.1.6 As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pela mãe para o internato.

FIGURA 19. Impressões primeiras e atuais sobre o internato dos alunos enviados pelas mães. IAENE, 2007.

QUEM O ENVIOU AO INTERNATO	PRIMEIRAS IMPRESSÕES	IMPRESSÕES ATUAIS
MÃE	NEM SABE DESCREVER O QUE SENTIU	GOSTA DO INTERNATO, MAS QUER IR EMBORA.
MÃE	GOSTOU MUITO DE TUDO	ESTÁ GOSTANDO MAIS AINDA
MÃE	ADOREI. SÓ ACHEI AS MENINAS MAL ARRUMADAS	RESPEITO A DIREÇÃO MESMO SEM ACEITAR.
MÃE	GOSTEI PORQUE SERIA O LUGAR QUE ME LIBERTARIA	ESTÁ COMEÇANDO A SE TORNAR UM PROJETO DE PARAÍSO

Na figura 19, dos 04 jovens que foram enviados pela mãe, apenas 01 não sabia descrever o que sentiu. Este jovem não sabia determinar se havia gostado ou se não havia gostado. Este mesmo jovem também já tomou a decisão de que não ficará no internato. Já os demais 03 jovens adaptaram-se ao novo contexto, conseguiram fazer a transição ecológica de maneira mais tranqüila, o que poderia indicar que o processo de mudança foi realizado anteriormente no lar, de uma maneira bem mais realista. Não havendo expectativas fora da realidade, foi fácil sair do microsistema do lar e entrar no macrossistema Institucional, passando a aceitar as exigências do exossistema devido o apoio de amigos e mantendo uma visão realista do internato.

Tudo indica que as mães prepararam os filhos para desenvolverem relações positivas e estes jovens desenvolveram díadas de atividade conjunta, onde houve reciprocidade e equilíbrio de poder e a relação afetiva.

6.1.1.7 As primeiras e as atuais impressões dos alunos que foram trazidos pelo pai para o internato

FIGURA 20. Impressões primeiras e atuais sobre internato alunos trazidos pelo pai. IAENE, 2007.

QUEM O ENVIU AO INTERNATO	PRIMEIRAS IMPRESSÕES	IMPRESSÕES ATUAIS
PAI	NÃO GOSTOU DE NADA DO QUE VIU	ESTÁ AMANDO AGORA E NÃO DESEJA IR EMBORA
PAI	ASSUSTADOR. TRISTE POR TER QUE FICAR PRESO	JÁ SE ACOSTUMOU, MAS ASSIM QUE DER VAI EMBORA.

Novamente, quando é a figura paterna quem tem a iniciativa da vinda para o internato, figura 20, a construção realizada mais parece com um castigo ou uma punição (SILVA, 2007). Isto fez com que a primeira impressão experimentada pelos alunos fosse extremamente negativa. Dos dois jovens que vieram nestas condições, ambos já se adaptaram ao novo contexto e estilo de vida; no entanto, um ainda deseja ir embora.

Uma das prováveis explicações seria que o pai, visto como a figura de autoridade, veja a vida do jovem pelo prisma da organização do tempo, rendimento escolar, planejamento e organização da vida futura. Havendo falta de um destes padrões pré-estabelecidos, o pai vê no internato a oportunidade de educar seu filho, que de acordo com seus padrões e valores está acomodado (BRANDÃO, 2004).

6.1.1.8 As primeiras e as atuais impressões dos alunos que o avô e o tio trouxeram para o internato.

Diante da figura 21, podemos observar que ambos os jovens foram preparados por seus tutores, talvez com uma imagem não tão realista da realidade. Isto é percebido na frase “fui influenciado a gostar daqui”.

FIGURA 21. Impressões primeiras e atuais sobre o internato dos alunos trazidos por outros membros da família. IAENE, 2007.

QUEM O ENVIOU AO INTERNATO	PRIMEIRAS IMPRESSÕES	IMPRESSÕES ATUAIS
AVÔ	FUI INFLUENCIADO PARA GOSTAR DAQUI	HOJE GOSTO E POR MIM MESMO
TIOS	UM LUGAR FORA DA REALIDADE. OS PAIS TRAZEM PELA SEGURANÇA	MUITA DESIGUALDADE E JÁ SENTIU MUITA DECEPÇÃO

Podemos notar que ambos tiveram uma espécie de decepção, uma menos aparente e a outra bem mais forte. No entanto, com o passar dos dias, houve uma mudança de atitude entre os dois alunos. O que foi influenciado a gostar, passou a gostar verdadeiramente do internato. O que percebeu um mundo fora da realidade, só conseguiu ver a desigualdade e a decepção.

O macrossistema cultural e social de onde estes jovens vieram poderia denotar certa falta de espaço pessoal, um microssistema para considerar como seu. Percebe-se um distanciamento entre os parentes e uma triste decepção com o novo macrossistema e sua organização, não conseguindo constituir díadas em seu novo microssistema.

A transição ecológica foi mais fácil para aquele que foi preparado para o internato. No entanto, para o segundo aluno, a transição tem sido dolorosa, seus olhos vêem somente aquilo com que está acostumado e, no íntimo, esperaria tornar o internato o seu lugar, o seu lar, o seu microssistema, num novo contexto, processando as novas formas de viver e se permitindo um tempo para construir díadas de convivência.

Não se percebe formação de díadas nem de observação e nem de convivência. O segundo aluno se sente distanciado de tudo o que o internato oferece, talvez porque ele mesmo não esteja bem consigo mesmo.

Diante destes números, podemos inferir que as formas como o microssistema familiar preparou a vinda para o internato, e o macrossistema social onde o jovem estava inserido, contribuem de forma bastante forte, tanto para uma visão positiva ou negativa do internato. O contexto da sua vinda influencia sua percepção do local, das regras e da convivência com os estranhos. Da mesma forma, podemos inferir

que, ao virem contra a sua própria vontade, já vêm com uma visão distorcida e negativa da Instituição, fazendo com que este jovem se sinta perdido, solitário, com medo do que está vivenciando e do que ainda viverá.

Diante do visto, percebe-se que há uma larga vantagem daqueles alunos que consideram o internato algo positivo para suas vidas, pois sua vinda se reveste de significado e facilita a conquista de novos amigos, sendo que estes mesmos amigos serão a maior razão para as mudanças de atitudes frente ao novo estilo de vida.

Dentro da teoria ecológica de Bronfenbrenner (1996, p. 22), percebemos neste quadro que a forma como o microssistema familiar preparou a pessoa para a transição ecológica, quando passará a viver no microssistema do internato, influenciará seu processo de adaptação, de aceitação do novo contexto, e que o tempo será um agente modificador desta percepção ou reforçador da percepção apreendida por ele, motivo para sua vinda ao internato. Com o surgimento dos amigos, surge a relação afetiva (p. 48) entre pessoas com iguais dificuldades que se encontram e desenvolvem formas de adaptação, criando-se assim uma díada de atividades conjunta.

6.1.1.9 Razões para a vinda para o internato

TABELA 7. Razões para vir para o internato. Entrevistados, IAENE, 2007.

	OPÇÕES	N	Porcentagem válida
Válidos	QUESTÕES RELIGIOSAS	7	19,4
	NÃO HAVIA ESCOLA SECUNDÁRIA	4	11,1
	PROBLEMAS RELACIONAIS COM OS PAIS	7	19,4
	ESCOLHA DE AMIGOS NÃO MUITO BONS	5	13,9
	COMPORTAMENTO REBELDE	3	8,3
	SEGURANÇA	3	8,3
	VALORES CRISTÃOS	7	19,4
	Total	36	100,0

De acordo com a tabela 7, dos alunos que foram entrevistados, três itens aparecem em igual quantidade: 1) Questões religiosas aparecem para 07 alunos, ou seja, 19,4% do número total de participantes; 2) Problemas relacionais com os pais também aparecem com igual intensidade que a primeira razão: 19,4% dos alunos totais; e 3) Valores cristãos aparecem no mesmo nível que os anteriores. Para os alunos entrevistados, estas três razões são as mais fortes para estarem no internato.

Este achado está de acordo com Silva (2007, p. 78), ao dizer que “o principal motivo para a escolha do internato é de natureza religiosa”, mas aqui oriundo dos próprios atores da pesquisa. Observe-se que a religião, os valores espirituais e os valores cristãos estão no mesmo nível na vida da grande maioria dos alunos entrevistados. Poderíamos supor que as razões dos problemas relacionais com os pais estejam exatamente nas diferenças em relação ao comportamento religioso e aos valores espirituais desejados pelos mesmos e não correspondidos pelos filhos.

Olhar para estes números surpreende pelo fato de que 38,8% dos entrevistados jovens desejaram ou aceitaram vir para o colégio pelas questões religiosas, especialmente quando se considera que vivemos num mundo secularizado, que prega a liberdade incondicional e a autonomia para as tomadas de decisões!

TABELA 8. Razões para a vinda para o internato. Questionário, IAENE, 2007.

OPÇÕES	N	Porcentagem válida
QUESTÃO RELIGIOSA	13	20,3
NÃO HAVIA ESCOLA SECUNDÁRIA	4	6,3
PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO COM OS PAIS	12	18,8
ESCOLHA DE AMIGOS NÃO MUITO BONS	9	14,1
COMPORTAMENTO REBELDE	9	14,1
SEGURANÇA	7	10,9
VALORES CRISTÃOS	10	15,6
Total	64	100,0

Nesta tabela, podemos observar que houve uma leve mudança na ordem das razões pelas quais o aluno questionado veio para o internato: 1) Do total de alunos, 20,3% afirmam que vieram por questões religiosas; 2) Já para 18,8%, a vinda se deu

por razões de problemas relacionais com os pais; 3) Para 15,6%, o motivo principal para estar no internato são os valores cristãos que ele encontra. Assim, 28,2% dos alunos estão no internato por problemas que colocam em xeque os valores dos pais *versus* os seus próprios valores (amigos e comportamento não compatíveis com o desejado).

A conclusão é que a grande maioria dos alunos, tanto entrevistados como questionados, está no internato por questões religiosas. Se, por um lado, encontram-se os jovens que procuram manter os mesmos valores espirituais da família, por outro estão os que apresentam um desvio em relação ao modelo religioso dos pais, com o conseqüente desrespeito pelos valores preconizados por estes, e que poderiam estar gerando problemas relacionais com os pais.

Estes valores estão de acordo com o encontrado por Silva (2007, p. 78), que afirma que a escolha do internato tem como “principal motivo a natureza religiosa: o ter a mesma fé, mesma igreja, filosofia cristã, educação e apoio espiritual”.

De modo semelhante, Isaú (2000, p. 111), em sua tese doutoral sobre alguns internatos do Brasil, em especial dos Salesianos Dom Bosco, chamado de Sistema Preventivo, destaca um ambiente onde razão, fé e amor conduziam todo o processo educativo, sem uso de violência física e simbólica. As suas características são: comunidade isolada do mundo externo e de sua influência; significativa, pois seus regulamentos se referiam unicamente a este internato; dedicada à formação integral do alunos pela utilização temporal e espacial, sendo os colégios bonitos, imponentes para “favorecer a elevação moral do jovem”; pelas suas práticas próprias, como esportes, desfiles, passeios, corais, teatro, etc. Havia também uma organização estatutária e regulamentação interna de suas instituições. A religião permeava todas a vida e a prática educativa dos Salesianos, havia intensa prática religiosa, catequese, pregação intensa, retiros espirituais, festas religiosas.

Como se pode perceber, há muita semelhança entre o IAENE e os internatos Salesianos, para onde os jovens também acorriam para mudar um comportamento que não era compatível com o desejado pela família. Também, considerando a base religiosa, o internato era buscado para um desenvolvimento da religiosidade. Em ambos os internatos, a religião é o sustentáculo de todo o projeto educativo.

6.1.1.10 O que aprecia nesta nova vida

De acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 125), “a capacidade de socializar-se, em especial na área da sexualidade, ocorrem entre os pares, colegas ou amigos”, pois são com eles que conseguem obter mais informações sobre o sexo.

TABELA 9 – O que aprecia na vida do internato. Entrevistados, IAENE, 2007

Opções	N	Porcentagem válida
Válido		
AMIGOS	29	80,6
DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL	2	5,6
NÍVEL DO ESTUDO	1	2,8
TODA PROGRAMAÇÃO ^A	3	8,3
OUTRAS COISAS	1	2,8
Total	36	100,0

Confirmando o explicitado acima, pode-se observar, os amigos são o que há de mais apreciado no internato, tendo 80,6% do total dos alunos entrevistados apontado a amizade como o maior e melhor ganho. A força das amizades é usual nesta etapa vital. Para Sarti (2004, p. 123), “o jovem se caracteriza pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte do seu processo de individuação”.

Heller (1996, Apud Sarti, 2004, p. 123) afirma que a sensação de estar em casa, em especial no mundo moderno, vai além do espaço da casa, “permitindo aos jovens em conflito com os pais se sentirem mais em casa com os amigos do que em sua própria família”.

“O que diferencia o internato de uma prisão, no sentido dado por Foucault e Goffman, é a possibilidade germinadora de poder fornecer um futuro promissor, que estão presentes nos quatro pilares sustentadores do internato”: Igreja, praça (onde ocorrem as amizades, namoros, construção de rede social), residencial (convivência uns com os outros, aprender a cuidar de si mesmo, manter sua subjetividade) e os estudos, segundo Silva e Rabinovich (2008, p. 160).

Percebemos, desta forma, que as amizades são um pilar de suporte emocional nesta transição ecológica, podendo ser encontradas nos diversos

microsistemas por onde transita este jovem. Confirmada sua vinda para o internato, o jovem sai do seu microsistema familiar, do macrosistema social, onde supostamente podia fazer tudo o que desejava e, de um momento para o outro, está num macrosistema bastante diferente do vivido até agora.

Neste novo macrosistema, tudo é regido por regras, sua vida estará sendo orientada pelo andar do relógio, agora há regras rígidas de conduta, a religião é parte do dia-a-dia e, quando tem contato com o primeiro microsistema, que é o residencial, novidades o estarão aguardando: ele terá 03 a 05 pessoas desconhecidas como companheiras do seu tempo, 01 porta como seu guarda-roupa e, se der sorte, terá um banheiro para este grupo, senão, o banheiro será de uso coletivo.

São momentos tensos; no entanto, até estas novidades favorecerão o encontro de amigos com os mesmos sentimentos ambíguos, desejosos de um ouvido e um braço para servir de apoio. Surgem desta situação as díadas de convivência que, em geral, durarão para além dos muros do internato.

6.1.2 Síntese parcial dos achados das entrevistas e questionários preenchidos pelos jovens acerca das razões para a vinda para o internato.

Como se pode perceber, dependendo de quem tomou a decisão, e os motivos para a tomada da mesma, a vinda para o internato, para o jovem, poderá ser prazerosa ou não, construtiva ou destrutiva. Na maioria das respostas, observou-se que, entre os jovens adventistas, estudar no internato é a realização de um sonho, fazendo parte de um projeto familiar. Os pais adventistas apóiam esta decisão, pois também percebem que, no internato, os filhos estarão mais próximos de uma vida religiosa idealizada, podendo participar das atividades oferecidas pela igreja e pela comunidade religiosa. Para ambos há uma idealização da Instituição IAENE.

Por outro lado, quando a decisão parte dos pais, que diante de algum conflito experienciado com os(as) filhos(as), os trazem como forma de punição, castigo, represália e buscando a instituição para que transforme os jovens, o internato pode ser percebido por estes jovens, como um reformatório, um lugar de muitas cobranças, vigilância, uma prisão e uma afronta à sua autonomia!

No IAENE, onde a religião permeia todas as normas, regras, formas de alimentação, estilo de educação, a começar pelo distanciamento dos grandes

centros urbanos, saídas raras, mas com programas espirituais que estimulam a participação dos internos, o jovem que nele chega se vê confrontado com a possibilidade de escolher entre desenvolver um novo estilo de vida e adaptar-se ou continuar com seu estilo e se ver em constante conflito com o exossistema institucional.

Como a expectativa dos pais em relação aos filhos, e a expectativa dos jovens em relação ao internato já é negativa, ao conhecerem a instituição, seu projeto educativo, sua filosofia e metas, há imediatamente dois comportamentos totalmente opostos: aceitação plena por parte dos pais e sentimento de incompreensão por parte dos jovens. Para os últimos, que já não desejavam estar neste ambiente, as explicações recebidas são pouco relevantes, em especial quando se deparam com todas as regras que dirigirão suas vidas.

A congruência ou não entre os macrossistemas em pauta – sócio/familiar e institucional – aponta para o futuro encaminhamento das relações microssistêmicas do jovem, ou seja, de sua maior ou menor dificuldade de aceitação do ambiente em que passa a viver, como será efetuada sua transição ecológica, pois ele se deparará com um grande número de pessoas desconhecidas dividindo um mesmo espaço em diversos momentos, podendo fortalecer o sentimento de aprisionamento.

Estas declarações são confirmadas pelas próprias falas dos(as) jovens entrevistados(as), que chegaram desta forma ao IAENE.

Entrevistado 1 – Problemas com os pais, conflito diante de provável separação: *“A primeira impressão foi ruim. Eu achava que os filhos dos pastores eram chatos, pareciam seres de outro mundo, tinham um jeito diferente e, no quarto, fui viver com três filhos de pastor. Eles não curtem algumas músicas, são diferentes, modos diferentes, mas convivendo com eles, descobri que eram pessoas normais e iguais a mim e bem legais”*.

Entrevistado 2 – Dificuldade de escolas boas no local onde vivia: *“No começo eu não queria vir, mas meus pais insistiram e eu vim. Não era meu desejo estar aqui. Reconheço que lá o estudo era fraco. Minha turma só tinha 09 alunos. Saímos 04. Cada um para um lugar. Só ficaram cinco pessoas. Não é muito animador estudar assim. A primeira semana foi terrível. Muita saudade dos meus pais, do mar, da minha ex-namorada e dos meus amigos. Agora já acostumei, porque tenho um primo aqui, o que eu acho que facilitou minha adaptação”*.

Entrevistado 3 – Envolvimento com grupo qualificado pelos pais como “barra pesada”, bebida, cigarro e rebeldia: *“Não foi minha a idéia. Foram meus tios, minha avó e meus pais que insistiram com a minha vinda. No primeiro ano eu não queria vir, mas eles forçaram e eu vim. Mas no ano seguinte, eu impus algumas condições para voltar, que foram acertadas com minha família e aceitas por eles. Minha primeira impressão foi que isso aqui era um inferno. Você se vê rodeado de um monte de gente desconhecida, pessoas que você nunca viu, que às vezes te ajudavam, outras vezes só atrapalhavam, dificultando as coisas pra gente se adaptar”*.

Entrevistado 4 – Problema comportamental, bebia muito e rebeldia: *“Meus pais. Eu não queria. Mas aprendi a gostar. Novidade. Já tinha um amigo morando aqui. A princípio gostei do que vi. Mas os preceptores fizeram com que eu não gostasse e também alguns amigos. Também senti muita saudade”*.

Entrevistado 5 – Problemas comportamentais e escolares: *“Da minha mãe. Chorei muito, porque eu pensava que o internato era uma prisão”*.

Entrevistado 6 – Problemas de convivência com a mãe, comportamentos não compatíveis com os da família, rebeldia: *“Minha mãe me forçou a vir e eu acabei ficando. Acho que minha mãe me colocou aqui porque eu me envolvi com banda de rock. Eu fiz parte de três bandas. Eu cantava e depois eu desenvolvi a bateria. Quando cheguei aqui eu me senti no inferno. Um inferno. Prezo a liberdade e aqui a gente fica muito presa, tudo é obrigatório”*.

As razões apontadas pelos jovens para passarem a viver no internato estão acordes com as apresentadas por Silva (2007, p. 117), que indica “os conflitos familiares e a busca de uma melhor alternativa educativa como algumas das razões para os pais trazerem seus filhos para o IAENE”.

Observando os resultados obtidos nas entrevistas e questionários respondidos pelos jovens, identificamos alguns ítems que merecem ser destacados:

1) Há um número cada vez mais crescente de jovens com idades entre 15 e 19 anos no internato;

2) Apesar de haver um número maior de moças no internato, no momento das entrevistas e questionários percebe-se a ausência de um número mais representativo delas, para exporem o que pensam, sentem e desejam. A participação dos rapazes foi mais notória, tanto em questão de números como em questão de sinceridade;

3) Chamou a atenção o fato de o desejo de vir para o internato foi mais preponderante entre os jovens, seguidos por jovens apoiados por seus pais. Neste ponto, ficamos estarecidos com a primeira impressão dos jovens que foram trazidos por seus pais: a maioria detestou o novo ambiente em que passariam a viver. O internato, para estes jovens, tinha sentido de prisão, exército, de haverem perdido todo e qualquer direito. O microssistema familiar não preparou o jovem para esta transição ecológica, talvez deixando transparecer que o internato seria um reformatório;

4) O que apreciam na nova vida: a grande maioria dos entrevistados afirmam que são os amigos. Frases como: “Alguns amigos serão inesquecíveis”, “Tenho poucos amigos verdadeiros, porque a amizade verdadeira precisa de tempo para ser construída”, “O que é mais legal no internato são os amigos verdadeiros e os momentos passados na praça”, são de jovens que vieram contra a vontade e o microssistema do internato, da praça, do restaurante e tantos outros, permitiram desenvolver amizades que transformaram a imagem negativa em positiva.

Em geral, a expectativa do jovem que chega ao internato é uma mistura de medo, curiosidade e possibilidades: de autonomia, de liberdade, de distanciamento dos problemas relacionais com e entre os pais. A forma como ele vai perceber o internato no momento da chegada, estará intimamente relacionada com a forma como os jovens foram preparados para este novo ambiente.

A chegada ao macrossistema chamado IAENE, com todas as suas regras e normas, com tantas coisas diferentes do macrossistema de onde o jovem saiu, é algo que assusta. O jovem se vê diante de tantos microssistemas desconhecidos, pelos quais terá transitar, que nem mesmo sabe por onde começar primeiro. É neste conjunto de microssistemas (residencial, restaurante, biblioteca, igreja, praça, quadra de esportes, sala de aula, laboratórios), que conformam diversos mesossistemas, que este jovem terá que se encontrar consigo mesmo, decidir quem ele será, como se comportará, como lidará com o outro, e como ficará sua subjetividade.

Para Papalia et. al. (2006, p. 134-135), “a juventude é uma etapa onde ocorre o desenvolvimento psicossocial, em que se afastam da família e se unem aos grupos sociais”. Este é o momento da escolha de seus próprios amigos. A juventude é o período em que as amizades assumem uma importância quase vital, pois com elas enfrentará o mundo.

Cabe esclarecer, no entanto, que os jovens precisam, de diferentes maneiras, tanto dos amigos como dos pais, cada um preenchendo, a seu modo, as necessidades dos mesmos.

Uma vez adentrando as portas do internato, o jovem passará a conviver diariamente com diferentes pessoas, tanto em seu próprio quarto como em todas as demais atividades. A convivência com “o outro”, a princípio tímida, em geral, se transformará em amizade, ou seja, a díada de observação tende a se tornar em uma díada primária ou de convivência e perdurará por um longo tempo.

Para os internos, o mais apreciado nesta nova vida, a que muitos alunos referem como “levando para sempre”, são as amizades construídas e conquistadas, independente da forma como tenha sido a vinda para o internato.

Entrevistado 1 – Queria vir para o internato: *“Dos amigos, do lazer, as programações acadêmicas e religiosas”*.

Entrevistado 2 – Não queria vir para o internato: *“Os amigos verdadeiros, os bate-papos da praça. Por incrível que pareça, quando estou de férias, só consigo lembrar e falar das coisas boas daqui”*.

Entrevistado 3 – Queria vir para o internato: *“Os amigos que são nosso apoio e os programas da igreja. Mas os amigos são os que mais marcam nossa vida”*.

Entrevistado 4 – Não queria vir para o internato: *“As amizades são tudo de bom”*.

Entrevistado 5 – Não queria vir para o internato: *“Eu sentiria falta do convívio do quarto e desta pequena liberdade que tenho: distância dos pais”*.

Pode-se observar que o internato é um mesossistema conformado por diversos microssistemas e, devido à sua consistência ideológica, se torna em um macrossistema.

Diante do apresentado, percebe-se que as interações ocorridas neste mesossistema favorecem a construção de amizades e, mesmo transitando em outros ambientes, a pessoa não nega a importância dos amigos constituídos no internato. A amizade neste ambiente tem a função de amparo, companheirismo e compreensão, tanto para enfrentar as dificuldades inerentes à adaptação ao internato, como aquelas que causaram a sua vinda para este ambiente.

Merece destaque uma resposta inusitada, dada a esta mesma pergunta, em que o(a) jovem pontuou que os melhores momentos vividos no internato foram aqueles “passados a sós”. Esta única resposta pode ser um indicador importante:

de que a convivência constantemente compartilhada com os “outros” pode limitar o auto-conhecimento e as reflexões pessoais, com possíveis conseqüências sobre a subjetividade.

6.2 A VIDA NO INTERNATO

6.2.1 Análise

Nesta parte do trabalho, adentramos na vida do jovem interno, como ele compreende as regras, sente e vê a sua vida no internato.

Procurou-se trabalhar as quatro áreas mais sensíveis ao rompimento do jovem com a Instituição: 1) Se as regras que dirigem sua vida estão atualizadas, desde a compreensão do próprio jovem entrevistado e questionado; 2) A indicação das normas e regras que são mais difíceis de serem cumpridas, em especial quando comparada com o macrossistema de onde este jovem vem; 3) Se quebram as regras relacionadas com o não tocar no sexo oposto – difícil de ser cumprida, pois como um internato misto, a convivência é diária em todos os microssistemas; 4) Que sentimentos predominaram após a quebra desta regra.

6.2.1.1 As regras estão atualizadas?

TABELA 10. As regras estão atualizadas? IAENE, 2007.

PARTICIPANTES		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	14	38,9
	NÃO	19	52,8
	NÃO SABE DIZER	3	8,3
	Total	36	100,0

De acordo com a tabela dez, observa-se que 52,8% dos alunos entrevistados afirmam que as regras do internato estão necessitando ser atualizadas, 38,9% dizem que as regras estão atualizadas, não necessitando de nenhuma mudança, enquanto que 8,3% não sabiam se posicionar em relação à atualidade das regras.

Os dados obtidos indicam que 19 pessoas entrevistadas e que vivem no internato, percebem que há um descompasso entre o contexto vivenciado no

macrossistema social de origem e o macrossistema atual, com regras distantes de uma realidade já vivenciada e experienciada. Podemos inferir que o tempo se torna necessário para a assimilação deste novo sistema e que o contexto do microsistema do internato, com seus processos de adaptação, poderiam estar mais atualizados, com regras mais modernas, para favorecer esta transição ecológica, facilitando a formação de díadas que servirão de apoio neste momento de adaptação.

A Instituição está distante da realidade já vivenciada por muitos de seus jovens internos. O número de regras é surpreendente, em geral cerceando o desenvolvimento da autonomia e da subjetividade.

6.2.1.2 Regras difíceis de serem cumpridas

TABELA 11. Regras difíceis de serem cumpridas. Entrevistados, IAENE, 2007.

Participantes		N	Porcentagem válida
Válido	NÃO PODER TOCAR NO SEXO OPOSTO	23	63,9
	IR PARA OS CULTOS	4	11,1
	SILÊNCIO QUANDO LUZ APAGA	3	8,3
	VESTUÁRIO	2	5,6
	ACORDAR NA HORA	1	2,8
	ESTUDAR NA SALA DE ESTUDOS	1	2,8
	NÃO HÁ REGRA DIFÍCIL	2	5,6
	Total	36	100,0

Na tabela 11 observa-se que 63,9% dos 36 alunos entrevistados afirmam que a regra mais difícil de ser cumprida é não poder tocar no sexo oposto. Isto significa que, mesmo namorando ou ficando, os alunos não podem se tocar nas mãos, abraçar e beijar.

Para Feijó (2007, p. 10), “os jovens estão em um período de buscas de respostas da subjetividade sobre o que a sexualidade representa em si”, como cada indivíduo lida com os desejos e o significado das relações entre os sexos, fora e dentro da escola.

Como diz Sayão (1997, p. 25), “o desejo é tihoso porque, quando ele é enterrado vivo, acaba atormentando a vida da pessoa”. Onde deveria haver prazer há um enorme sofrimento, que pode se transformar em doença. Ela pergunta se não é melhor reconhecer o desejo e aprender a conviver com ele, do que constantemente querer domá-lo?

TABELA 12. Regras difíceis de serem cumpridas.
Questionados, IAENE, 2007.

Participante		N	Porcentagem válida
Válido	NÃO PODER ANDAR DE MÃOS DADAS	10	15,6
	NÃO PODER BEIJAR	22	34,4
	NÃO PODER SAIR JUNTOS	9	14,1
	TODA VIGILÂNCIA	18	28,1
	COBRANÇAS DE BOM COMPORTAMENTO	5	7,8
	Total	64	100,0

Esta tabela indica as regras mais difíceis de serem cumpridas no internato. Novamente, 64,1% de todos os alunos questionados apontam para a questão relacional com o sexo oposto. Os dados indicam que 28,1% abominam a questão da vigilância, como se a Instituição estivesse sempre desconfiando que um mau comportamento está para acontecer a todo e qualquer momento.

Para Heilborn (2006, p. 35), “a sexualidade não deriva de um impulso e pressupõe um aprendizado de como deve ser estabelecido um relacionamento afetivo e sexual”. A sexualidade é um processo de aproximação: reconhecer os sentimentos internos, decodificar situações, estabelecer limites e vínculos de aspectos não sexuais da vida.

Analisando as tabelas acima, pode-se dizer que, na verdade, não estamos ensinando os jovens a desenvolver um comportamento adequado diante do sexo oposto, a conhecer os limites ou como estabelecê-los, como aproximar-se do outro e reconhecer seus sentimentos. Como estes jovens têm desenvolvido suas subjetividades?

Ainda de acordo com as duas tabelas acima, o não tocar no outro sexo e o não poder beijar estaria relacionado a não poder namorar, pois a sexualidade estaria

sendo vivenciada e compreendida como toque, erotismo, sensualidade e desejo. Se não se pode tocar, nada pode existir de duradouro entre os pares.

Mas, note-se que.... a noção de que *amor proibido é sempre mais gostoso* – foi uma das opções mais selecionadas pelos jovens (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004), indica como as regras de conduta com o sexo oposto, quando não bem explicadas, levam a quebra da mesma, simplesmente pelo prazer de romper com aquilo que é proibido.

Para Brandão (2004, p. 66–67), “a iniciação sexual não deve ser entendida apenas como a ocorrência da primeira relação sexual completa”. Esta iniciação percorre um longo percurso, permeado por carícias, o descobrimento do próprio corpo e do corpo da parceira, conversas, dúvidas, medos, experiência com os sentimentos e sensações novas. Os avanços e recuos mostram o caráter dinâmico da aproximação, onde tudo é pautado pela experimentação lúdica e erótica da sexualidade, tendo interiorizado os valores parentais e sociais. A duração desta aproximação vai desde alguns dias, ou meses e, em alguns casos, até anos.

Diante disto, o toque é parte importante para o próprio conhecimento dos limites do corpo de um e outro. Seria um momento para a retirada de dúvidas, diminuir os medos e se reconhecer como uma pessoa com poder de decisão e autonomia.

Heilborn (2006, p. 32) afirma que “a abordagem do tema sexualidade ainda não está bem clara, em especial no Brasil, que só recentemente passou a aceitar, mas não plenamente, a sexualidade feminina”. A autora afirma que “o tema é ainda tido como tabu dentro da família”. Socialmente também não houve mudança, assinalando a falta de diálogo e a hipocrisia, em especial das Igrejas e nas escolas, onde a educação sexual continua não sendo prioridade.

6.2.1.3 Quebra das regras com o sexo oposto

TABELA 13. Quebrou regras com o sexo oposto. Questionados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	36	56,3
	SEMPRE QUE POSSÍVEL	6	9,4
	ALGUMAS VEZES	7	10,9
	NÃO	15	23,4
	Total	64	100,0

De acordo com a tabela 13, observamos que 56,3% dos alunos questionados já quebraram as regras que impõem limites aos toques dos namorados ou ficantes. Se adicionarmos aqueles que afirmaram quebrar a regra com o sexo oposto “sempre que possível” e “algumas vezes”, teremos um total de 76,6% de alunos quebrando as regras, ou seja, de um total de 64, 49 alunos já romperam com os ditames do internato.

Segundo Heilborn (2006, p. 42), “são as pequenas e sucessivas experiências de primeira vez é que vão moldando a socialização do jovem”. São estes pequenos rituais de passagem que levam o jovem para a vida adulta.

É neste contexto, quando o jovem está vivendo um processo de transição, em que o tempo necessita ser bem utilizado, com aprendizados que lhes serão requeridos pela sociedade de origem, em que ele está inserido, sem aprender a *scientia sexualis* e nem a *ars erótica*. Se estes pequenos aprendizados é que tornarão os jovens em cidadãos mais cômicos de suas responsabilidades, a pergunta óbvia é: como o internato tem preparado estes jovens para viver num contexto distinto do oferecido pelo macrossistema Institucional?

TABELA 14. Quebrou regras com o sexo oposto. Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	24	66,7
	Muitas vezes	6	16,7
	Algumas vezes	1	2,8
	Não	5	13,9
	Total	36	100,0

Para Brandão (2006, p. 70 -71), “há uma necessidade urgente de mudança no modo como os adultos encaram a sexualidade adolescente”. Ela afirma que alguns autores mexicanos, em estudo feito com jovens, encontraram um grande número de rejeição da sexualidade precoce, justificando a necessidade de intervenção de adultos para haver o controle social dos jovens, que são vistos como imaturos ou irresponsáveis e incapazes de tomar decisões.

A observação da tabela 14 evidencia os alunos entrevistados não apresentaram mudanças em relação ao quebrar regras com o sexo oposto. Do total dos entrevistados, 31 alunos, ou seja, 86,1%, já romperam com alguma regra referente ao não tocar o sexo oposto. Estes números chamam a atenção, uma vez que a Instituição prima pelo cumprimento das normas de conduta e crêem que elas moldam o caráter.

Suplicy et. al. (2000, p. 7-9), afirmam que é através da experiência, das atitudes e das informações recebidas em relação ao sexo, que cada jovem se insere num processo de educação sexual. “Ela sempre ocorre de maneira informal e permite ao jovem incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias, que vão moldando de forma muito particular a sua visão sobre sexualidade”, que pode ser desde a mais rígida até a mais liberal. Mas os autores alertam que, nos dias de hoje, os jovens são pressionados a manter relação sexual sem considerar seu amadurecimento. Esta pressão origina-se em diversas fontes, como os meios de comunicação e, mais poderosa ainda, dos colegas, que transformam a transa numa espécie de ritual “quase obrigatório” de aceitação em um grupo específico.

Para Castro, Miranda e Almeida (2007, p.62 -64), “a juventude é a face mais reveladora das tensões que orientam a socialização nesta etapa vital”, além de ser o momento em que, ao experimentarem a sexualidade, estrutura-se a identidade de alguns, ocorrem combinações com outras identidades e experimenta-se conflito de identidade. É desta forma que os preconceitos e as crenças vão organizando a vida sexual-afetiva dos jovens.

Pensando na teoria ecológica de Bronfenbrenner, podemos dizer que a pessoa que está passando pelas várias transições ecológicas representadas pela idade, mudança no contexto social e vivencial, necessita de um adulto referencial para poder passar pela transição e tornar-se em uma pessoa plena. Com tantas

regras, em especial nas relações entre sexos, como fica esta transição ecológica para a vida adulta e para uma sexualidade saudável e responsável.

6.2.1.4 Sentimentos ao quebrar as regras do não contato físico

TABELA 15. Sentimentos preponderantes quando quebrou alguma regra com o sexo oposto. Questionário, IAENE, 2007

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	FELIZ	8	12,5
	MEDO	13	20,3
	NORMAL	17	26,6
	RIDÍCULO	8	12,5
	BEM	11	17,2
	NÃO QUEBROU REGRAS	7	10,9
	Total	64	100,0

Os dados da tabela 15 evidenciam que o quebrar regras de contato físico produz mal-estar e culpa. Somando-se todos os alunos que não se sentiram bem ao quebrar as regras, temos um total de 21 alunos, perfazendo um total de 33% dos alunos que participaram do questionário.

Dos alunos que se sentiram bem em romper com as regras, temos um total de 36 alunos, que equivalem a 56,25%. Este é um número bastante expressivo, podendo significar que a Instituição está na contramão do desenvolvimento do jovem, ou em descompasso com as necessidades naturais desta idade, o que favoreceria uma conduta que vai de encontro aos valores apregoados pela Instituição. Isto poderá levar o jovem a ver a sexualidade como algo sujo, proibido, cuja prática seria errada, e a desenvolver sentimentos de culpa desnecessários, além de criar mais tabus ao redor do tema.

Heilborn e Equipe Gravad (2005, p. 42) afirmam que é na juventude que surgem os vínculos amorosos e sexuais. Nesta fase, as experimentações com relações afetivas fazem com que se alarguem os vínculos para além da família e da rede de amigos. “Desenrolam-se complexos processos de aprendizagem cultural em torno da sexualidade, relacionados com os códigos dos gêneros que são aceitos no contexto social em que os jovens estão inseridos”.

A falta de diálogo deixa os jovens sem informação sobre a sexualidade, o que poderá resultar em uma prática sexual irrefletida. Outra conseqüência é que os

jovens possam sentir que ninguém se interessa por eles e por suas decisões. Isto pode gerar um certo grau de desestímulo e passividade, que poderia resultar em comportamentos inconseqüentes no futuro (FEIJÓ, 2007).

6.2.2 Síntese parcial dos achados nas entrevistas e questionários preenchidos pelos jovens acerca da vida no internato.

Como se pode observar, a maioria dos jovens considera as regras desatualizadas e, quando solicitados a especificar quais regras estão desatualizadas, identificam as seguintes, em ordem de importância: “não poder namorar como gente normal”; “ter que assistir a todos os cultos oferecidos diariamente”; e “não ter liberdade de fazer o que quiser com o tempo que me pertence”. Há reclamações menores como: o sistema de alimentação ovo-lacto-vegetariano, ter hora para fazer as tarefas e estudar, tipo de vestuário permitido ou não. Em síntese, pode-se dizer que os jovens pensam de forma unânime como este que diz *“que eles (administração) não procuram saber nossa opinião e fazer as mudanças que sejam justas e melhores para nós e para eles”*.

Para os jovens participantes, a regra mais difícil de ser cumprida é aquela que proíbe o não tocar no sexo oposto. As frases mais ouvidas foram: *“Isto não é namoro, parece coisa do outro mundo”*; *“Que mal há em pegar na mão da pessoa que você namora?”*; *“Será que eles pensam que se engravida assim?”*; *“Se para tudo tem hora e local para ser feito, por que eles não separam um lugar e uma hora pra gente poder beijar e namorar normalmente?”*

Quando há a confirmação da quebra da regra do não tocar, a grande maioria afirma fazer isso não de forma escondida, mas na praça, na sala de aula, na biblioteca e na quadra. Como os próprios jovens afirmam: *“Sempre tem uma brecha e um jeitinho. Só quem não beija ou faz outras coisas são os medrosos”*.

Nas entrevistas, contudo, os jovens reconhecem a necessidade das normas para o internato: *“Sem regras viraria uma baderna, sem nenhum controle”*; *“Sem as regras aqui seria um internato”*; *“Se com as regras existentes acontecem tantas coisas erradas, imagina sem elas”*; *“Precisamos de regras, mas todos devem lembrar que regras existem para serem quebradas”*; *“Todo mundo que está aqui já quebrou alguma regra”*.

Para estes jovens, de acordo com Bronfenbrenner (1996, p. 69), as normas cumprem um papel de contenção. Com relação aos responsáveis pelo cumprimento das mesmas, eles têm uma expectativa de que não haja exceções, diferenciações ou mesmo rompimento das mesmas. Percebem que seu conteúdo é importante; no entanto, gostariam de poder participar das decisões quanto à sua vigência.

Quanto à atualidade das regras, a maioria dos alunos considera que estão fora do tempo. Esta compreensão é resultado de uma comparação com o seu antigo macrossistema social, microssistema familiar e escolar e os mesossistemas a que pertencia e circulava, onde talvez as regras não fossem nem tão claras nem tão pontualmente rígidas.

As regras difíceis de serem cumpridas, em geral, são aquelas que vão contra o estilo de vida vivido fora do internato: *“Não poder usar anéis, pulseira e esse negócio de não poder chegar junto das meninas”*; *“Que deixassem a luz acesa, pois muita gente só consegue estudar à noite”*; *‘Estas regras de não poder pegar na mão, não poder beijar, dar um abraço, tudo muito difícil de cumprir’*; *“Não poder estudar na hora que a gente quer, não poder se masturbar e outro monte de bobagem”*; *“Ir obrigado para o culto da manhã, ter que ir na igreja na sexta a noite e no sábado, quase o dia inteiro”*; etc.

De certa forma, o contexto do internato, com suas normas, fere alguns dos valores trazidos de fora, ou mesmo aprendidos em lares que não comungam a mesma fé. O processo de adaptação é bastante difícil, em especial para aqueles que desfrutavam de muita liberdade e somente vieram porque apresentaram problemas de convivência com os pais: *“Para vir para cá, fiz alguns acertos com os meus pais”*; *“Eu tava dando trabalho para os meus pais em casa e meus pais me colocaram aqui”*; *“A idéia foi da minha mãe, porque eu ia mal na escola, sabe... amigos e outras coisas mais, chorei muito, pensando que eu vinha para o exército”*; *“Fiz muita bobagem na minha outra escola, meus pais descobriram e me trouxeram para cá, dizendo que aqui era um reformatório”*; *“Aprontei uma grande pros meus pais, aí eles me trouxeram para cá”*.

Neste ambiente confuso para muitos, onde a transição ecológica não ocorre de maneira pacífica, a figura do preceptor, com o seu papel bem demarcado, de responsável pelo bem-estar dos jovens, deveria ser a figura referencial para apoiar e promover uma adaptação mais positiva.

As regras apontadas como as mais difíceis de serem cumpridas estão relacionadas ao toque no sexo oposto: não dar as mãos, beijinhos, nem abraços, sentar a uma distância mínima, toda a vigilância existente, não permitir a saída dos namorados, para estes jovens que vêm de um macrossistema do “mais gozar”, onde ficar, beijar, namorar e relação sexual, faz parte de um pacote muito comum, é de fato muito difícil de ser cumprida, em especial se sua vida anterior ao internato era sexualmente ativa. Esta é a regra mais quebrada e, por isto mesmo, muitas vezes, sem a mediação do microssistema do seu residencial, da pessoa que tem o papel definido como cuidadora, poderão ocorrer mais do que beijos e pegar de mãos.

Apresentaremos a seguir, como esclarecimento e informação, de forma resumida, as regras que devem ser obedecidos diariamente pelos jovens que vivem no internato:

a) **Dever de cada aluno:** observar todas as disposições concernentes à conduta e cumprir seus deveres; tratar com o devido respeito a direção, os professores e os funcionários da Faculdade e do Colégio, bem como ser cortês com o colega; comparecer pontualmente às aulas e reuniões públicas em geral, não saindo antes de finalizadas e evitando conversar durante estas atividades; zelar pela propriedade da Instituição e pelo ambiente moral, social e espiritual na escola, abstendo-se de infringir as leis civis e penais; abster-se de correrias, algazaras, bolinhos, porfias, brigas, bem como trotes a calouros e aniversariantes, com ofensas corporais e morais; saber que as decisões e determinações tomadas durante o ano, pelas respectivas comissões, terão a mesma força que o presente regulamento; cultivar o asseio pessoal, apresentando-se devidamente uniformizado quando assim for exigido, ou vestir-se de acordo com os moldes adotados pela Instituição; observar todos os horários determinados pela diretoria competente, zelando para que haja silêncio no campus escolar. Após as 23h15m. todas as atividades do campus deverão estar encerradas, não sendo permitida a movimentação de pessoas na área da Instituição; indenizar a Instituição quando produzir dano material à escola e aos objetos de propriedade de colegas ou funcionários; devolver no tempo devido os livros que retirar da biblioteca para consultas e, no caso de atraso, pagar a respectiva multa ou indenizar o valor do livro perdido, conforme regulamento da biblioteca; estar em dia com as mensalidades escolares.

b) **Dever específico do aluno residente:** estar presente nos cultos matutinos e vespertinos, bem como nos das sextas-feiras à noite, sábados pela manhã, ao

culto jovem pela tarde e semanas especiais; participar de programas e atividades educativas; participar do programa de estudos, como complementação de atividades extraclasse e reforço escolar; abster-se de atividades seculares no sábado, tais como: estudo acadêmico, passeios recreativos, sociais, artes manuais, lavar e passar roupas, e demais atividades que interfiram na comunhão com Deus; limpar e manter o quarto limpo e o ambiente do residencial agradável, amigável e de grande respeito; observar o horário de entrega e retirada de roupas na lavanderia; respeitar a hora de estudo e o silêncio no residencial; se assistido por bolsa, semi ou semi-semi, cumprir integralmente o plano durante o ano escolar conforme calendário da instituição; não dormir fora do seu quarto ou mudar-se do mesmo sem ter feito os devidos arranjos; não colocar pregos ou gravuras, ou executar qualquer tipo de riscos ou pichações nas paredes, móveis de quarto e acessórios, sendo que toda reforma referente a esses itens deverá estar sob a responsabilidade financeira do usuário; não receber estranhos no quarto, sem fazer arranjos com a preceptoria.

c) *Sobre o namoro:* Os namorados poderão estar juntos: no restaurante, nas horas sociais, nos recreios e nos intervalos das aulas e dos trabalhos, incluindo o pólo esportivo, bem como em atividades no Salão de Atos e Templo, não sendo permitida a permanência em locais escuros ou pouco iluminados e nas passarelas; por ser uma instituição cristã que preza pelos princípios de um relacionamento sadio, não é permitido nenhum tipo de contato físico, que inclui: andar de mãos dadas ou abraçados, beijos, abraços, carícias, bem como ficar deitados sobre os bancos ou gramados; o namoro no trabalho, na sala de aula, na biblioteca e na igreja, não será admitido; no período noturno, não será permitida a permanência de casais no campus, com exceção da praça da amizade, sendo que deverão se dirigir imediatamente aos seus respectivos residenciais ou às programações em curso; os residenciais são de privacidade dos alunos que ali residem, não sendo permitida a permanência de rapazes e moças no interior e nas imediações dos residenciais opostos; os encontros em lugares não autorizados, isolados e escuros, bem como qualquer tipo de contato físico, serão interpretados como um desvio do procedimento correto e tratados como indisciplina; são vetadas as caminhadas e passeios fora da área central do campus entre casais ou grupos mistos sem prévios acordos; estas diretrizes também se aplicam a casais de namorados quando um dos dois seja externo ou visitante.

De antemão apontamos que estas regras são um apenas uma expressão das crenças da IASD; no entanto, acredita-se que seria interessante rever àquelas normas que trazem constrangimento, dúvidas, medo nas relações com o sexo oposto, busca de locais inadequados para o namoro, medo de compartilhar o que está acontecendo com o jovem e sua relação com o outro sexo. O desejo é que os números apresentados possam servir de alerta à Instituição, pois indicam que é chegado o momento de rever e repensar alguns vetos, que geram tabus, medos e comportamento incompatível com aquele esperado pela Instituição. Este desinteresse sobre a etapa da juventude, pode ser uma das muitas causas para a instituição ainda manter certos vetos, mas isto tem trazido mal-estar, desrespeito e afastamento de um desenvolvimento espiritual.

O sentimento frente à quebra deste tipo de regra não vem acompanhado de sentimento de culpa, mas sim de um sentimento de poder, pelo êxito em burlar toda a vigilância, resultando numa sensação de liberdade, “ainda que errada”.

6.3 A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE

De acordo com Castro, Miranda e Almeida (2007, p. 58 - 59), “a sexualidade é uma das dimensões básicas na constituição da identidade, construção da autonomia, de separação de casa e da família”. A sexualidade refere-se à dimensão interna do sujeito, dependente do contexto cultural e histórico.

Por seu lado, Aquino (1997, p. 7) afirma que “a sexualidade humana aparece como um dos temas mais polêmicos e inquietantes”. Salienta, ademais, que é preciso considerar que, para pais, alunos e professores, a dupla educação e sexualidade, são “ingredientes de uma receita, afinal indigesta”.

O macrossistema em que nossos jovens estão inseridos, antes de virem para o internato, vende a juventude como uma época de poder sexual, sedução e erotismo. Numa via contrária, o macrossistema representado pela instituição que comporta o internato, apresenta a sexualidade como *scientia sexualis*, como algo reservado para o contexto do matrimônio. Desta forma produz-se um choque com todo um aprendizado cultural e cobrança social extra-muros do internato. Neste contexto, entram em choque e em xeque os aprendizados do microssistema familiar e do microssistema do internato.

São nos quartos, onde várias pessoas se encontram, cada qual trazendo consigo as vivências dos microssistemas por onde transitavam, onde a pessoa descobre um universo de novos e diferentes contextos culturais e sociais, novas crenças e comportamentos. São nos quartos que o processo de amizade permite as trocas de conhecimentos sobre a sexualidade, relacionamentos, que as mudanças corporais são compartilhadas e comparadas, e novas descobertas são feitas ao longo do tempo.

6.3.1 Análise

Nesta parte do trabalho vamos conhecer como ocorreram as descobertas do corpo, as principais mudanças no físico e no comportamento, que chamaram a atenção tanto do jovem como de seus familiares. Também nos interessa saber se o jovem percebeu que a família os preparou para as mudanças que estavam ocorrendo; como a família os preparou para estas mudanças; se o internato fala sobre o tema, como ele compreende a sexualidade, a partir do aprendizado passado pelo internato; uma vez que vive em um macrossistema, com diversos microssistemas e mesossistemas, passando por uma transição ecológica, com quem ele tem tirado suas dúvidas em relação à sexualidade? Interessa-nos conhecer se antes de vir para o internato ele já tinha uma vida sexual ativa; se alguma vez manteve relações sexuais na Instituição e quais foram os sentimentos predominantes.

De acordo com Heilborn (2005, p. 13), quando se investiga a sexualidade deve-se levar em conta o gênero, a construção de identidade, a construção de papéis sociais, em especial porque a juventude é um período de vida de socialização em sexualidade. “Ela é vista como um espaço de construção da pessoa”. A sexualidade é percebida como a construtora da autonomia, onde se tomam decisões individuais e íntimas, mais baseadas em trajetórias efetivas não necessariamente conjugais.

Na contemporaneidade, a prática da sexualidade não está mais atrelada ao casamento; está autônoma e se torna, muitas vezes, a base do casamento. Não é mais a idade ou o fato de estar casado que determina a vida sexual, mas sim fatores diversos que influenciam a forma como a sexualidade é vivida e compreendida nos dias atuais (HEILBORN, 2005).

A questão do sexo pré-marital, entretanto, tem dividido os cristãos em dois grupos: aqueles que o justificam e aqueles que o desaconselham, posição assumida pela IASD. De acordo com Moraes (2000, p. 11), “na verdade o ponto fundamental da discussão está no modo como a Bíblia é interpretada”. O posicionamento oficial da IASD é de que a Bíblia é a Palavra de Deus, portanto, o único padrão pelo qual todos os ensinamentos e condutas devem ser julgados. Este princípio de interpretação da Bíblia é refletido na seguinte crença fundamental: As Escrituras caracterizam como pecado qualquer relação sexual fora do casamento (MORAES, 2000).

Diante do exposto, é possível perceber que a transição ecológica de jovens que não conviveram com uma determinada ética religiosa será uma experiência difícil, em função das normas impostas pelo exossistema institucional. As normas serão umas das muitas dificuldades para a prática da sexualidade, mas não para sua prevenção e ou preparação para o celibato.

6.3.1.1 As mudanças corporais que mais chamaram a atenção

Na tabela 16, que representa as descobertas dos alunos que foram questionados, 35,9% das meninas perceberam seus seios crescendo enquanto 26,6% dos rapazes observaram que o crescimento do pênis foi a mudança que mais chamou a atenção. Empatam com 12,5% a percepção do surgimento dos pêlos e a transformação do corpo de menina para o de moça.

TABELA 16. Mudanças corporais que chamaram a atenção.
Questionário, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem Válida
Válido	SEIOS CRESCERAM	23	35,9
	PÊNIS CRESCER	17	26,6
	SURGIMENTO DE PÊLOS	8	12,5
	ALTURA	3	4,7
	O CORPO FICOU MAIS DE MENINA	8	12,5
	VOZ ENGROSSOU	5	7,8
	Total	64	100,0

Para Aquino (1997, p. 46), “quando a puberdade e a exacerbação pessoal que ela provoca, ocorrem num ambiente cultural complexo, este conflito se estenderá a todas as áreas do conhecimento”. Este é um momento de auto-elaboração: “isto sou eu, isto não sou eu; isto é o meu querer, este é o seu querer; isto é o que eu penso, isto é o que você pensa”. Ocorre um recorte corporal, afetivo e cognitivo. Corresponde a perceber-se não mais criança, mas em pleno desenvolvimento para a vida adulta.

TABELA 17. Mudanças corporais que chamaram a atenção.
Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem Válida
Válido	PÊLOS NO CORPO	9	25,0
	SEIOS CRESCERAM	8	22,2
	ÓRGÃOS GENITAIS CRESCERAM	7	19,4
	VOZ MODIFICOU	1	2,8
	PRIMEIRA MENSTRUACÃO	8	22,2
	PRIMEIRA EJACULAÇÃO	2	5,6
	NÃO LEMBRA	1	2,8
	Total	36	100,0

Já no grupo dos entrevistados, observadas na tabela 17, 25% dos alunos afirmam que o que mais lhes chamou a atenção foi o aumento de pêlos. Houve empate entre a menarca e o crescimento dos seios em 22,2% das meninas, enquanto 19,4% consideraram o crescimento dos órgãos genitais como algo marcante.

Este é um momento histórico e psicológico: histórico – por ser a passagem de uma etapa vital para outra; psicológico – porque estas mudanças afetam os aspectos emocionais, a identidade, a relação consigo mesmo e com o outro.

Para Sayão (1997, p. 103-104), quando se entra na adolescência, o jovem também perde seu corpo de criança, a segurança e a proteção dos pais e descobre que não existe uma completude. “Nem sempre o jovem entende o que se passa com ele e sua sexualidade”. O organismo e seu funcionamento são meios para o exercício da sexualidade. As mudanças no organismo do adolescente é um grande

acontecimento, “é o encontro da pessoa com a possibilidade do exercício adulto de sua sexualidade, uma busca do encontro de si mesmo e com os outros”.

Segundo Feijó (2007, p. 15), “todos passarão pela puberdade, que é um processo físico, com mudanças no desenvolvimento físico, nas características sexuais”. Nas meninas ocorre a primeira menstruação, denominada menarca, surgem os seios e o alargamento dos quadris nas meninas. Nos rapazes começam a surgir os primeiros pêlos faciais, mudança no tom de voz e aumento nos genitais.

A combinação destas mudanças fisiológicas e psicológicas se transformarão em muitos conflitos, onde o jovem passará a viver um mundo alheio aos seus pais, que quase não participarão nesta fase de transição. O lar, para o jovem, é apenas uma base, pois o seu novo universo é a escola e o seu grupo de amigos.

6.3.1.2 Sentimentos diante destas mudanças corporais

TABELA 18. Sentimentos diante das mudanças físicas.
Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	ALEGRIA	4	11,1
	SUSTO	4	11,1
	NÃO GOSTOU	5	13,9
	ALEGRIA POR ESTAR VIRANDO HOMEM	10	27,8
	ALEGRIA POR SE TORNAR MULHER	7	19,4
	NÃO OBSERVOU	6	16,7
Total		36	100,0

De acordo com a tabela 18, 27,8% dos alunos, diante das mudanças corporais, sentiram-se felizes por estarem se tornando homens. Já 19,4% das meninas também se sentiram felizes por estarem se tornando mulheres.

Valle (2005, p. 187), afirma que “uma das grandes preocupações dos pais através dos tempos sempre foi a vida sexual dos seus filhos”. A juventude é o tempo em que a sexualidade aflora mas, devemos lembrar, a sexualidade não ocorre independente de um contexto, o qual envolve diferentes dados relevantes para o comportamento.

Os estudiosos do desenvolvimento humano concordam que as meninas amadurecem mais cedo do que os rapazes. Nas meninas, por volta dos 10 ou 11

anos, surgem os seios e outras mudanças físicas; nos meninos as mudanças físicas ocorrem a partir dos 12 ou 13 anos. Nas meninas aparecem os seios, a cintura se afina, os quadris se arredondam e ocorre a menarca. Já nos garotos, o estirão puberal ocorrerá um pouco mais tarde, onde aparecerão pêlos faciais, pêlos corporais, o engrossamento da voz, e ocorre a primeira ejaculação noturna, conhecida por polução (VALLE, 2005). Como consequência da descoberta do novo corpo e das novas sensações, a masturbação é algo normal em ambos os sexos, mas isto não afeta o cotidiano.

De acordo com Domingues e Alvarenga (1997, p. 34), “a juventude é mais do que uma fase de preparação para a entrada no mundo adulto”. Para estes autores, este “é um momento de descobrir-se como sujeito, com sua própria história, e não apenas uma pessoa em transição”. Este é o tempo em que ocorrem as identificações de gênero e de sexo, em que o exercício da sexualidade é um elemento importante na formação da identidade jovem, principalmente a identificação pela imagem corporal, identificação do masculino e feminino, e da descoberta do outro como objeto de amor ou desejo.

A alegria, portanto, de se estar virando homem ou mulher, representa a satisfação de já não se verem mais como crianças, e sim como verdadeiramente jovens e a caminho da vida de adulto. A alegria, a ansiedade e os conflitos derivados das mudanças revelam que, de alguma forma, estes jovens esperavam pelo momento de sentirem-se homens e mulheres, mas não tinham idéia do que era viver estas transformações.

6.3.1.3 A família e a preparação para as mudanças que ocorreriam

De acordo com Heilborn (2004, p. 9), “as relações entre família e sexualidade vêm passando por transformações significativas nas últimas décadas”. De fato, o cenário da sexualidade se alterou bastante, principalmente no que diz respeito à família, mas não produziu um panoramam de liberdade.

TABELA 19. A família conversou sobre as mudanças físicas. Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem Válida
Válido	SIM	12	33,3
	ALGUMAS COISAS	2	5,6
	POUCAS COISAS	2	5,6
	NÃO	20	55,6
	Total	36	100,0

Na tabela 19, ao somarmos como a família trata o tema da sexualidade, os jovens entrevistados indicam que 12 pais falam de forma aberta e respondem às dúvidas dos seus filhos tanto sobre a sexualidade em si como a sua prática. No entanto, 20 pais, ou seja, 55,6% dos pais, nada abordam sobre o tema com seus filhos.

Na avaliação de Heilborn (2004, p. 12), “a sexualidade assume um lugar privilegiado para o exercício gradual da autonomia mas, ao mesmo tempo, serve de constrangimento para a família”, pois eles estão enganados na construção de uma carreira profissional. É bastante intrincada a negociação do exercício da sexualidade dos filhos sem excluir a regulação dos pais.

Não se deve esquecer, porém, que as normas sociais fixam, colocam em ordem de importância e interpretam o sentido do comportamento com respeito às experiências vividas. Estas normas são transmitidas pela família, grupo social, escola, do que elaboradas no decorrer do caminho, nas discussões com os pares, confidentes ou até mesmo parceiros.

TABELA 20. A família conversou sobre as mudanças físicas. Questionados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	11	17,2
	ALGUMAS VEZES	17	26,6
	POUCAS VEZES	9	14,1
	NÃO	27	42,2
	Total	64	100,0

Na tabela 20, segundo informado pelos alunos, 11 pais (17,2%), respondem de forma aberta e sem restrições às perguntas feitas sobre sexualidade e prepararam os filhos para as mudanças que viriam ou já estavam acontecendo. Já 17 pais (26,6%) responderam algumas vezes às dúvidas dos filhos. O resultado, portanto, é que 28 alunos tiveram pais que se preocuparam em prepará-los para a transição de corpo de criança para o corpo de homem e mulher. No entanto, 27 pais (42,2%) nada abordaram com seus filhos, não retiraram nenhuma dúvida e, quando o fizeram, foram bastante reticentes.

Para Heilborn (2004, p. 80–81), “as conversas em família sobre o tema ainda são pouco aclarativas”. A forma como será abordado o tema está diretamente relacionada ao estilo educativo adotado pelos pais, que podem aproximar ou distanciar os filhos.

Quando o jovem já tem uma vida sexual ativa, não há uma conversa franca e direta com os pais. A posição e as regras parentais sobre a prática da sexualidade dos filhos não são claras, nem para os jovens e nem para os pais. A maioria das famílias aborda a temática por via indireta.

6.3.1.4 Como o tema é abordado em família

De acordo com a tabela 21, logo abaixo, surpreende o fato de que 33 jovens que responderam o questionário (51,6%) nunca viram seus pais abordando o tema da sexualidade. Já no questionário em que se perguntou se os pais abordavam o tema, 31 alunos afirmaram que seus pais o fizeram, indo desde totalmente aberto até os pais mais restritivos. Esta diferença nas respostas nos faz refletir sobre o que é entendido como “conversa sobre sexualidade”: avisos sobre higiene, a proibição da masturbação devido a uma série de problemas que podem advir da prática, cuidar para não ficar mal falado por se comportar indevidamente com o sexo oposto, etc. Este tem sido o papel mais assumido e praticado pelos pais – de alertadores, preocupados e falando só o que é possível ser falado para a idade do filho.

TABELA 21. Como a família aborda o tema da sexualidade com os alunos questionados. IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	JOGO ABERTO	7	10,9
	TIMIDEZ	10	15,6
	RESTRIÇÃO	14	21,9
	NÃO ABORDA NUNCA	33	51,6
	Total	64	100,0

Para Suplicy (2000, p. 7 -12), “todos passamos por um processo de educação sexual”. Esta educação pode ocorrer de maneira informal, que vai fazendo o jovem incorporar os valores, símbolos, preconceitos e ideologias. As experiências de cada um moldam uma visão bem particular sobre sexualidade, que pode ser mais rígida, mais liberal, severa ou lúdica, sempre dependendo destas experiências iniciais.

A principal influência recebida desde a infância é a atitude dos pais frente à sexualidade: perguntas respondidas ou ignoradas, atos de carinho ou de rejeição do pai ou da mãe entre si ou para com os filhos, gestos ou palavras diante da sexualidade, é que elaborarão nos filhos os seus modos peculiares de entenderem e viverem a sexualidade (SUPLICY, 2000).

TABELA 22. Como a família aborda o tema da sexualidade com os alunos entrevistados. IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	FRANCAMENTE	13	36,1
	SÓ QUANDO PERGUNTADOS	1	2,8
	RESTRITIVAMENTE	7	19,4
	NÃO FALAM NADA	15	41,7
	Total	36	100,0

Percebe-se certo desacordo entre os números oferecidos pela tabela 21 e os da tabela 22. Nesta tabela, que representa as respostas dadas pelos alunos que foram entrevistados, a soma de todos os pais que abordam o tema da sexualidade alcança a 21 ou seja 58, 3%, sendo que 13 (36,1%) o fazem de maneira bastante aberta e franca. Entretanto, na tabela anterior, apenas 31 (48,4%) dos pais

abordaram o tema, e destes, apenas 07 (10,9%) dos pais abordaram de forma aberta e franca.

Na tabela 22, chama a atenção o fato de que 15 pais (41,7%) nada falarem, ou seja, deixam seus filhos sem respostas, em um momento em que a dúvida permeia todas as áreas de sua vida, em especial a sexual. Os pais não podem esquecer que os filhos buscarão respostas para suas dúvidas, não importa como ou com quem!

Para Suplicy (2000, p. 8), “a educação sexual, portanto, é um processo de vida, que permite ao indivíduo se modificar, reciclar ou não, e só termina com a morte”.

Na verdade, na etapa da juventude, eles evitam compartilhar suas dúvidas e inseguranças com os seus pais ou professores, porque muitas vezes em casa, existem muitos tabus, preconceitos familiares, modelos e críticas, repressão à masturbação, o que inibe o jovem a trocar experiências com seus pais. Por outro lado, muitas vezes os pais, adotam a postura disciplinadora sobre certo ou errado nos diálogos com os filhos.

Na educação sexual, os pais falham com os seus filhos, devido à falta de diálogo, desinformação, achar que o comportamento do filho sempre é inadequado, por não conseguirem ver a totalidade da situação vivenciada por seus filhos, ausência de referências corretas, preconceitos sobre o sexo e a resistência a mudanças (Suplicy, 2000).

6.3.1.5 Como o internato aborda o tema

De acordo com os números da tabela 23, logo abaixo, dos 36 alunos entrevistados, 30 (83,3%) nunca perceberam alguma abordagem sobre a sexualidade feita pelo internato. Chama a atenção o desinteresse institucional para com a temática, evidenciando um desconhecimento das necessidades dos jovens que estão sob os seus cuidados.

TABELA 23. O internato aborda o tema da sexualidade. Compreensão dos entrevistados. IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Valido	POUCAS VEZES	6	16,7
	NUNCA	30	83,3
	Total	36	100,0

Para Aquino (1997, p. 8 -9), “a sexualidade é pensada como algo que ocorre extra-muros escolar, com os seus professores sempre pensando nela como um exercício exterior à escola”. No entanto, a sexualidade mostra seus efeitos dentro da mesma, deixando marcas no corpo da Instituição. Poder-se-ia até dizer que a sexualidade se inscreve na estrutura das práticas escolares. O que se pergunta é: quais são os seus limites e possibilidades numa intervenção na abordagem da sexualidade na escola?

Faz-se necessário, portanto, contextualizar a sexualidade nas diferentes dimensões: biológica, psicológica, histórica, cultural, espiritual, etc. Tudo indica que se deva trabalhar na escola sobre a temática, com uma abordagem pluralista e interdisciplinar (AQUINO, 1997).

No que tange à sexualidade, a escola não é herdeira da *ars erótica*, mas da *scientia sexualis* de Foucault. Para Guirado (1997, p. 25), “a sexualidade é como um fantasma que sempre está circundando e circulando no interior da escola e da sala de aula”. A sexualidade não escapa aos dispositivos Institucionais.

O internato é uma destas instituições que, devido às suas crenças, não se permite ampliar sua visão e reconhecer a necessidade de se explicitar o tema da sexualidade. O internato é um macrossistema, que tem suas normativas; no entanto, é necessário que respeite a pessoa que nele está inserido, considerando os vários contextos de origem e como tem sido o seu comportamento no microssistema com seus amigos mais íntimos.

O tempo pode modificar valores; entretanto, uma vez tendo tido uma vida sexual ativa fora dos muros do internato, dificilmente intra-muros, esta pessoa encontrará motivos que a impeçam de manter intercursos sexuais. Há o temor de que a exposição do tema desperte o desejo e isto resulte numa perda de controle sobre os alunos, por parte da Instituição. Porém, alertamos que neste caso, o

silêncio é sinônimo de controle, descaso, desconhecimento e afastamento da realidade do jovem!

6.3.1.6 Com quem o interno tira as dúvidas sobre sexualidade

De acordo com Feijó (2007, p. 16), “muitos jovens se assustam com o seu novo corpo, com as novas emoções e a nova vida”. Desta maneira, vivendo todos estes conflitos, o jovem se afasta da família, e fica isolado durante esta transformação.

O novo universo do jovem é a escola, o grupo de iguais. Eles saem da dependência psicológica dos pais para a dependência psicológica dos amigos. Somente junto aos pares os jovens se sentem seguros (FEIJÓ, 2007).

Esta realidade está expressa nos números da tabela 24, onde os alunos entrevistados indicaram que 38,9% deles preferem conversar sobre a sexualidade com seus amigos, enquanto 27,8% indicaram a figura materna como aquela com quem discutem e conversam sobre a temática.

E, de fato, de acordo com Heilborn (2005, p. 48), “quanto ao nível de informação sobre sexualidade, especialmente em relação aos temas da relação sexual, gravidez e DST's, as mães são as primeiras a serem procuradas”, sendo seguidas pelos amigos mais íntimos. De igual forma, Brandão (2004, p. 81) afirma que “são as mães que abordam mais a temática da sexualidade com os filhos e servem de mediadora entre filhos e os pais”.

TABELA 24. Com quem os alunos entrevistados retiraram suas dúvidas sobre sexualidade. IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	PAIS	2	5,6
	MÃE	10	27,8
	PAI	1	2,8
	IRMÃOS	2	5,6
	AMIGOS	14	38,9
	NINGUÉM	7	19,4
	Total	36	100,0

De certa forma, os achados da tabela 24 são corroborados pelos autores que estudam a juventude. Para Heilborn (2006, p. 32 - 35), “ser jovem é um período da vida em que os colegas e os pares passam a ter muita importância, fazendo parte da construção da autonomia dos jovens diante da família, buscando ser diferentes”. No entanto, “não são os amigos que afastam os jovens da sua família, mas sim a sexualidade é que incita o jovem em sua busca pela autonomia individual”. O grupo de pares apenas participa deste processo de experimentação pessoal e o acelera.

Baseado na teoria ecológica de Bronfenbrenner (1996), podemos dizer que o jovem, naturalmente, se afasta de seu microsistema familiar e passa a transitar entre novos mesossistemas, o que lhe permitirá desenvolver a autonomia e, ao mesmo, sua identidade e subjetividade. O macrosistema cultural atual faz com que o jovem seja exposto, desde muito cedo, à exploração do sexo, e há uma espécie de “ordem” para que ele também prove o prazer. Esta pessoa, passando por uma grande transição ecológica, sente-se “obrigada” a cumprir aquilo que lhe é impingido pela cultura. O contexto cobra-lhe uma conduta compatível com os tempos atuais, a díada primária também lhe cobra uma conduta sexual compatível com aquela que o macrosistema social, onde está inserido, espera dele.

Para Domingues e Alvarenga (1997, p. 34), “vivenciar experiências com o seu grupo de pares é o maior sonho de todo jovem, pois só desta maneira perderá sua condição de criança”, podendo participar do mundo dos adultos, sem, no entanto, ter as responsabilidades dos mesmos.

6.3.1.7 Já manteve relações sexuais antes de vir para o internato

De acordo com a tabela abaixo, nota-se que, do universo dos 36 alunos entrevistados, 13 (36,1%) deles já haviam mantido relações sexuais antes de adentrarem o espaço do internato.

Um determinado aluno conta: *“Perdi minha virgindade junto com a minha namorada. Nós transávamos mais de três vezes por semana. Nunca falei para meus pais, mas acho que eles desconfiavam. No internato o que me libera da tensão sexual é a masturbação ou transa rápida”*.

TABELA 25. Já manteve relações sexuais antes de vir para o internato – Entrevistados. IAENE, 2007

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	13	36,1
	NÃO	23	63,9
	Total	36	100,0

Brandão (2004, p. 81) afirma que “é comum não haver comunicação entre pais e filhos, principalmente quando o filho já tem uma vida sexual ativa”. A maioria das famílias aborda a temática por via indireta, de maneira não clara, falam de maneira genérica. Falar genericamente é falar como se quisesse estar falando, é falar sem querer sobre contraceptivos, da aids, como se estes temas estivessem distantes do lar, como se tais assuntos nunca fôssem chegar aos seus lares e como se nada soubessem da experiência sexual de seus filhos.

Uma entrevistada conta que manteve relação antes de entrar no internato: *“Ele foi o meu primeiro namorado de verdade. Foi tudo muito bom”*.

No entanto, 23 jovens afirmam sua virgindade: *“estou namorando já há dois anos e decidimos que ambos queremos casar virgens”*; ou ainda: *“não faço sexo, não porque não sinto tesão, mas são os princípios religiosos e familiares que não me permitem errar”*.

Segundo Sayão (1997, p. 12), “se a família não falava de sexo anteriormente, isto já é uma demonstração do tipo de educação sexual que o jovem recebeu”. Se a família não fala sobre o tema, desconversa, fica constrangida quando precisa falar sobre o tema, usa meias palavras, já está mostrando um conceito, muitos preconceitos e uma visão a respeito do sexo que fatalmente será seguida pelo jovem.

O hímem deixou de ser uma pele no meio do caminho para se transformar em conceito. Passou de um fato natural a um elemento social. O tabu da virgindade feminina permanece, pois, na prática, essa membrana continua valorizando ou desvalorizando a mulher (SAYÃO, 1997).

TABELA 26. Já manteve relações sexuais fora do internato – Questionados. IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	33	51,6
	NÃO	31	48,4
	Total	64	100,0

Para Sayão (1997, p. 41), “a visão que o jovem tem sobre o sexo, as expectativas que ele tem sobre a temática”, a maneira como ele se vê e como se relaciona com a sua imagem, a saúde de seu corpo, suas emoções, o seu modo de se relacionar com os outros, mesclado às idéias, hábitos, normas e regras da sociedade em ele está inserido, “são os elementos fundamentais que vão determinar a vida sexual deste jovem”.

Na tabela 26, observa-se um certo equilíbrio entre os que já praticavam sexo antes de entrar no internato e os que ainda se mantêm virgens. É possível que neste resultado, a presença da pesquisadora diante dos alunos entrevistados os tenham intimidado na hora de responderem sobre o tema. Desta forma, poderíamos inferir que a tabela 26 retrata mais a verdade do que a tabela 25, uma vez que os questionários foram respondidos sozinhos, sem a presença e interferência dos amigos ou de qualquer outra pessoa.

Em geral, tanto nas entrevistas como nos questionários, a primeira relação sexual ocorreu com o(a) namorada(o), cuja relação já perdurava mais de 06 meses. Portanto, eram relações sexuais-afetivas, tinham o objetivo do prazer a dois, a complementariedade. Somente um caso indicou que a primeira relação foi realizada com um amigo que também desejava perder sua virgindade com uma amiga.

Para Domingues e Alvarenga (1997, p. 35), “na juventude ocorrem as maiores possibilidades de identificações de gênero”, considerando que o exercício da sexualidade é um elemento importante na formação da identidade, que se manifesta através de várias identificações, como a da imagem corporal, a da identificação com o masculino ou feminino, a da descoberta do “outro” como objeto de amor ou desejo, dentre outras.

6.3.1.8 Já manteve relações sexuais no internato

O Sistema Adventista de Educação (SAE) sempre promove os valores Bíblico-Cristãos com os jovens, com o objetivo de fortalecer-lhes a fé e desenvolver um senso mais crítico, menos voltado para os modismos, buscando que cada jovem tome a decisão de se manter puro, ou seja, virgem, até o ato do matrimônio.

Moraes (2000, p. 4-6) apresenta a posição da IASD, afirmando que “ela segue uma abordagem cristã conservadora da sexualidade humana, sendo a prática da sexualidade permitida apenas dentro do matrimônio”.

O macrossistema do IAENE está inserido em um macrossistema social e cultural mais amplo, estando susceptível às suas influências, pois pessoas oriundas de vários contextos, com diferentes vivências, passam a conviver nos mesmos microssistemas, compartilhando suas vivências, compreensões e percepções. Entre os discentes que adentram a instituição, encontramos jovens que estão chegando ao internato com diferentes problemáticas, com dúvidas quanto a sua orientação sexual, jovens homossexuais, jovens com vivências sexuais e jovens sem nenhuma orientação e educação para a sexualidade.

TABELA 27. Já manteve relações sexuais no internato. Questionados, IAENE, 2007.

Opções		N	
Válido	SIM	23	35,9
	NÃO	41	64,1
	Total	64	100,0

Na tabela 27, surpreende-nos que em uma instituição que prima pelos valores cristãos, com um sistema de normas rigidamente seguidas e cobradas, com um enorme contingente de cuidadores composto por 03 preceptores masculinos, 03 preceptoras femininas, 12 monitores que atuam dentro do internato masculino e 12 dentro do residencial feminino, 25 monitores para o turno diurno e 35 para o turno noturno, além de câmeras em ambientes compartilhados por ambos os sexos, ainda encontramos 35,9% de jovens que estejam mantendo relações sexuais dentro do ambiente no internato.

TABELA 28. Já manteve relações sexuais no internato. Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	10	27,8
	NÃO	26	72,2
	Total	36	100,0

Quando passamos para os alunos entrevistados, a presença da pesquisadora como funcionária da Instituição, provavelmente tenha influenciado as respostas, pois apenas 10 (27,8%) dos 36 alunos assumiram estar mantendo relações sexuais dentro do internato. Somando os dois grupos participantes, 63,7% de todos eles, afirmam já ter mantido, em algum momento, relações sexuais dentro da instituição.

Devemos lembrar que os entrevistados não puderam participar do questionário e vice-versa, portanto, quando somamos o número de alunos que praticam a sexualidade intra-muros do IAENE, temos um número de 33 alunos, ou seja, 9,2% do total geral dos alunos da Instituição e 63,7% de todos os participantes desta pesquisa. Esta é uma amostra pequena do universo de estudantes e, portanto, com estes números podemos apenas inferir que ocorram mais encontros sexuais do que estes que tiveram coragem de expor sua vida íntima.

De acordo com Moraes (2000, p.151-152), “os jovens se envolvem em relações sexuais pré-maritais devido a uma noção distorcida do amor, do caráter e da lei de Deus”. Este autor enumera algumas causas psico-sociais que podem levar os jovens às relações pré-maritais: aprendizado social, controle social, síndrome do comportamento problemático, desejo de pertencer a alguém, curiosidade e competência, necessidade de identificação e imitação. Também enumera causas morais, dado os valores terem sofrido uma grande mudança grande na pós-modernidade, sendo transmitidos pelos meios de comunicação, como a televisão, música popular, imprensa escrita, além da influência dos amigos. Como causas familiares, aponta como responsáveis pelo sexo pré-marital, as mudanças ocorridas nas estruturas familiares, o aumento da taxa de divórcios, acrescido da omissão dos pais na educação sexual dos filhos.

Diante desta realidade, podemos inferir que a transição ecológica destes alunos não tem sido bem acompanhada pelas figuras que cumprem o papel de poder e responsabilidade sobre eles. O processo de adaptação não tem sido levado

em consideração, sendo oferecidos esportes, festas e outras formas de atividades para consolidar a escolha deste tipo de educação. O que se percebe, entretanto, é que estes jovens precisam mais do que uma oferta abundante e variada de diversão para lograrem uma adequada adaptação a este macrosistema e assim respeitar as normas de conduta com o sexo oposto. A pessoa que chega ao internato traz consigo uma história de vida, que necessitaria ser ouvida pelos seus responsáveis, desde que estes estivessem dispostos a desenvolver uma díada primária.

Entendemos ainda que seria necessário que os responsáveis pelos alunos internos se envolvessem em atividades conjuntas para conquistar a amizade, o respeito e a atenção, construindo assim uma relação de confiança, passando pela díada observacional, comprovando suas hipóteses e desenvolvendo uma díada de atividades conjuntas, e alcançar a díada primária, procurando sempre a reciprocidade das ações.

Talvez a Instituição IAENE não esteja percebendo as mudanças nas formas de ser dos novos internos. Assim como há pais que conversam sobre a sexualidade, educando seus filhos para uma vida mais plena, responsável e crítica, encontramos muitos pais que nada dizem a respeito do tema. É importante ressaltar que estas informações e compreensão sobre a temática foram providas pela ótica do interno: como ele tem compreendido estas abordagens e como tem desenvolvido sua sexualidade.

TABELA 29. O internato aborda o tema da sexualidade.
Entrevistados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	POUCAS VEZES	6	16,7
	NUNCA	30	83,3
	Total	36	100,0

Com suas regras, o internato fecha todos os jovens numa mesma redoma, esperando que todos se comportem de uma mesma maneira. A sexualidade, que não é um tema abordado, passa a ser um tabu, uma regra a mais a ser rompida, não por afetividade, mas por desejo físico.

Este desinteresse da instituição em falar sobre o tema da sexualidade também pode levar os alunos internos a terem um comportamento incompatível com os princípios e valores por ela ensinados.

Como evidenciado pela tabela 29, na compreensão de 83,3% dos alunos entrevistados, o internato nunca aborda ou realiza um programa direcionado para responder às dúvidas existentes na área da sexualidade.

TABELA 30. Como o internato tem abordado o tema da sexualidade. Questionados, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	PALESTRA	12	18,8
	SEMANAS ESPECIAIS	5	7,8
	NÃO FAZ NADA	47	73,4
	Total	64	100,0

Segundo revelado pelos alunos questionados, 73,4% nunca ouviram ou assistiram qualquer programa voltado para a sexualidade. Se algo foi ouvido ou assistido, isto ocorreu na escola, em alguma disciplina com *scientia sexualis*, mas não como algo próprio para tirar dúvidas sobre temas ligados à afetividade, ao desempenho, ao relacionamento, à identidade e ao futuro.

De acordo com Suplicy (2000, p. 14), “a possibilidade de pensar livremente sobre assuntos considerados proibidos cria espaços mentais que podem estimular o jovem a rever as dimensões de sua vida privada e social”. O jovem descobre que, mesmo diante de opiniões diferentes das suas, elas merecem respeito e consideração em um clima de pleno respeito. Para o discente, essa capacidade pode levá-lo a uma maior curiosidade intelectual e abrir sua visão de mundo. “Para a escola e educador, abrem-se oportunidades para novas práticas educativas e, para a família, poderá gerar novos laços de afeto e diálogo”.

Diante disto, podemos inferir que o não abordar o tema da sexualidade e sua prática, e continuar com práticas proibitivas, não permitirá ao jovem interno uma avaliação dos velhos e dos novos valores, dos antigos comportamentos com os exigidos no momento em que se encontra no internato. A própria prática institucional leva o jovem a não ter respeito pelos novos valores e novas condutas. Isto poderá propiciar uma oportunidade de aprendizado equivocado, em que os alunos que

ainda não praticaram a sexualidade recebam ensinamentos daqueles companheiros mais vividos, sem a intermediação da Instituição e seus representantes.

Esta prática institucional pode advir da própria ignorância sobre o que vem a ser a sexualidade, sua prática e da responsabilidade do internato, como pais substitutos, de educar seus filhos para uma sexualidade plena, feliz, sem culpa, responsável, ao mesmo tempo não abrindo mão dos princípios que norteiam toda a educação adventista. Em outras palavras, seria preparar os jovens para serem cidadãos responsáveis por seus atos, suas escolhas e seu comportamento diante de si mesmo e das demais pessoas.

Feijó (2007, p. 51 e 58) afirma que 'a interpretação que o jovem dará ao sexo (agradável, realista, pecaminoso ou perigoso) estará intimamente relacionada com a educação dada pela família e pela escola". Se não está havendo esta educação, como os jovens têm aprendido? Os erros mais comuns, cometidos por pais e educadores são: não ouvir, criticar, falar muito, não compreender quase nada do que os jovens estão tentando dizer ou perguntar, coerções, atitudes autoritárias e ameaças. Estas atitudes só promovem o conflito sexual.

6.3.1.9 Os sentimentos preponderantes após a relação sexual no internato.

A tabela 31, mostra que 60,9% (N=13) dos jovens que praticaram o sexo dentro do internato não sentiram nada diferente. O prazer e as sensações foram as mesmas de praticar a sexualidade fora do internato. Apenas 06 alunos (21,9%), de todos os que participaram no questionário, sentiram culpa e medo. Finalmente, 04 jovens (15,7%) sentiram prazer e satisfação.

Para Melo (1999), a forma como a relação sexual é percebida depende, em grande parte, da educação sexual recebida na família e na escola. A história de vida de cada ator, a forma como a família e a escola lidaram com o tema da sexualidade, tem relação direta com o comportamento do jovem frente à prática da sexualidade: razões para a prática sexual, foi algo afetivo ou simplesmente para satisfação de uma necessidade física, respeitou o direito do outro ou simplesmente pensou em si mesmo?

TABELA 31. Sentimentos predominantes após a relação sexual realizada no internato. Questionário, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	PRAZER	3	10,9
	SATISFAÇÃO	1	6,3
	CULPA	2	9,4
	MEDO	4	12,5
	NADA DIFERENTE	13	60,9
	Total	23	100,0

Banzato (1988) afirma que “há escolas que decidiram deixar distante o tema da sexualidade”, simplesmente porque o grupo era heterogêneo, composto por crianças sem nenhuma noção de sexualidade e outras mais espertas. Portanto, para não despertar nestas crianças a sexualidade ainda não descoberta, preferiram não educar a nenhum grupo sobre o tema.

Para Suplicy (1983, p. 51), a escola tem a tarefa de dar continuidade àquilo que já foi ensinado no lar em relação a sexualidade. Deverá prestar informações mais completas sobre a sexualidade, esclarecendo e corrigindo as distorções que possam existir. A escola só completa aquilo que seria a tarefa da família.

Ao perceber que o ato sexual realizado no internato causa pouco ou quase nenhum conflito, deve-se buscar alternativas para reverter este quadro. Enquanto a escola se calar, insistir no silêncio acerca da sexualidade e sua prática, pelo medo de despertá-la, estará permitindo que os jovens com mais experiência se tornem um referencial, ensinando a prática a partir de seus valores. Com isto os jovens neófitos permanecem cheios de curiosidades, e o resultado pode ser um abandono dos valores que a família e a instituição tanto desejam inculcar neles. Sem valores para confrontar o comportamento, menor a culpa ao comportar-se de maneira inadequada.

6.3.2 Síntese parcial dos achados nas entrevistas e questionários preenchidos pelos jovens acerca da descoberta da sexualidade, abordagem do tema na família e no internato e prática da mesma no internato.

Ao longo da história do cristianismo encontramos instituições educacionais que se tornaram verdadeiros modelos de dedicação espiritual e de compromisso missionário (Universidade Wittenberg, Academia de Genebra, Oberlin College), onde cada aluno que dela saía, levava consigo o mesmo estilo de vida por estas escolas ensinado (TIMM, 2001).

Embora estas três instituições educacionais continuem existindo até hoje, não mais possuem a dedicação espiritual que as caracterizavam. Elas se secularizaram! Foram permitindo pequenas mudanças nas normas, na forma acadêmica dos seus professores, em que o título valia mais, rebaixaram seus valores para obterem mais alunos e, por fim, toda a instituição deixou de valorizar as antigas metas, filosofias e valores.

O IAENE, dentro deste universo pós-moderno, é uma instituição que continua lutando contra a liberalidade. Não tem sido fácil manter normas e regras de comportamento, quando os jovens vêm de lares onde não existiam limites.

Olhando para o campus do internato, toda a infraestrutura está voltada para desenvolver nos jovens um estilo de vida saudável, o espírito mais críticos, dando a oportunidade de viver em um ambiente religioso, com atividades espirituais joviais e abrindo espaço para que todos possam participar, no entanto, os próprios jovens não conseguem ver isto, pois estão passando por uma etapa definitiva de sua própria identidade, descobrindo seus desejos e dúvidas em relação a sexualidade.

De acordo com o que foi apresentado nos tópicos anteriores, a maioria dos jovens não concorda com as regras existentes e, como consequência, há uma tendência a se burlar as normas e as regras, evidenciada na fala de um dos jovens: *“regras existem para serem quebradas”*. Todos reclamam por não haver uma explicação para a existência de cada norma e a razão pela qual eles não podem participar da criação de um novo sistema de normas.

Quando perguntados sobre o que fariam se pudessem, por um dia, determinar as regras do internato, ouvimos e lemos respostas como: *“la mandar servir carne, coca-cola e deixaria todo mundo namorar a vontade”*; *“deixaria todo mundo fazer o que quisesse”*; *“não obrigaria ninguém a ir ao culto, o amor a Deus*

tem que estar no coração”; “deixaria assistir a qualquer programa de TV”; “todos poderão ir aos residenciais e fazer o que desejarem”; “cada um usaria a roupa que gosta”; etc.

Como se pode perceber, ainda não há uma compreensão mínima do porquê da existência das regras. Sobressaem os desejos pessoais, os valores que realmente dirigem as suas vidas e o valor que dão à Instituição.

Atentando ao comportamento sexual daqueles que realizam o ato dentro do internato, em geral se percebe um comportamento rebelde em diversas áreas da vida. Poucos dos que realizaram o ato sexual com os(as) namorados(as) afirmam terem realizado por afeto, demonstração do quanto desejavam conhecer o corpo da companheira. Os garotos disseram que *“não dava mais para segurar, ficar só no beijinho escondido, eu precisava me liberar e mostrar todo o meu sentimento por ela”, “transei porque estava carente, estava muito ansioso e achei uma garota que topou – foi tudo normal”; “eu acho que não transei, porque não houve penetração, só fiquei roçando na vagina da menina e depois gozei nas pernas dela – isto eu acho que não é uma transa!”, “transo aqui dentro porque desde 14 anos eu transo. Se der para ser com uma namorada, ok, se não, vai com quem topa. Ficar me masturbando sem parar é sem graça”.*

Do lado das meninas que já transaram dentro do internato, a compreensão do que fez e como foi feito não demonstra haver muito prazer: *“este negócio de ir para o [...], lugar escuro, cheio de cobras, pernilongos e sapos, só para uma transa rápida, eu só deixo acontecer porque gosto demais do meu namorado, mas é muito horrível. Eu nunca consegui ter um orgasmo, estou sempre preocupada com todos os ruídos. Ele me pergunta se eu gozei e eu minto que sim”, “Só transo com o meu namorado, mas nunca consigo gozar, porque ele insiste em transar [refere-se a um lugar onde se sente vulnerável] e ali pode aparecer qualquer pessoa, mas minto que gozei e tento sempre mudar o lugar para nossos encontros”, “Eu transo porque já transava antes. Não preciso estar namorando. Basta ser meu amigo e ambos estarmos afim. Agora vou lhe dizer, transar aqui é uma furada: mato, lugar escuro, medo de ser pega”, “as vezes me sinto usada pelo meu namorado, ele me leva no [refere-se a um ambiente de certo trânsito] e rapidamente transamos”.*

Confirmando as falas das alunas internas, Domingos e Alvarenga (1997, p. 56) afirmam que, “quando a família não autoriza a iniciação sexual das jovens solteiras, o local onde ocorre a primeira relação tem uma enorme influência na

complementariedade do casal”. A falta de segurança, ansiedade, temor de aparecer alguém, traz o sentimento de culpa, pressa e o desejo que não se realiza.

Quando perguntados sobre como o internato tem abordado o tema da sexualidade, foi surpreendente saber que quase nunca há uma programação voltada para o tema, tanto no microsistema do internato como no microsistema escolar. Os jovens entrevistados ou questionados não perceberam a abordagem do tema sexualidade, nem no lar e nem no internato, mostrando uma juventude sem respostas básicas e, provavelmente, fazendo suas descobertas sobre o tema através de outras fontes e sem a intermediação familiar ou institucional.

De acordo com Macedo, Kublikowski e Berthoud (2006, p. 40), “a família ainda é um espaço privilegiado para desenvolver competências para que o adolescente possa gerir seu futuro da melhor maneira possível”. Para as autoras, a sexualidade, na atualidade, revela mudanças nos valores morais da sociedade brasileira. Há certa liberalidade quanto ao exercício da sexualidade; no entanto, a sexualidade das jovens ainda é uma preocupação para os pais, e a dificuldade em abordar o tema na família gera a falta de diálogo. Os jovens, por outro lado, são incentivados ao desempenho sexual.

“A educação recebida no contexto familiar e escolar exerce uma influência importante na forma em que o jovem interpreta a sexualidade e tudo o que com ela se relaciona” (FEIJÓ, 2007, p. 51 e 58). Se não está havendo esta educação, como os jovens têm aprendido?

Esta situação é bastante preocupante, pelo fato de que as relações sexuais têm ocorrido, não se pode fechar os olhos para esta realidade! Como instituição cristã, substituta da família e portadora de uma missão, se torna mais do que necessário abrir-se para a educação sexual, falar sobre sexualidade, a prática, os contraceptivos, o respeito consigo e com o outro, valorização pessoal, desenvolvimento da auto-estima. Somente falando abertamente, sem medo de se expor e expor a realidade, sem tabus, mostrando os valores norteadores de uma vida plena e feliz, partindo das crenças adventistas, será possível educar os que já praticavam antes de vir ao internato, orientar àqueles que são iniciantes e indicar as razões para não manter relação sexual antes do casamento, conforme a crença da IASD.

Não falar, é permitir que esta conduta contrária aos princípios da Instituição continue. Não falar, é permitir a desvalorização das crenças que regem a Instituição.

Não falar, é aumentar a curiosidade sobre o que vem a ser a sexualidade. Não falar, é não permitir a correção das falhas de educadores, preceptores e direção como um todo. Não falar, faz com que o desejo de burlar as regras, como prova de poder, se desenvolva no grupo de internos.

6.4 A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO E SEU ENVOLVIMENTO NA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE.

6.4.1 Análise

Nesta parte do trabalho, iremos conhecer um pouco da dinâmica da administração da Instituição e dos preceptores (pais substitutos), acerca do funcionamento do residencial, em especial os programas que abordem o tema da sexualidade.

Todos os administradores participaram respondendo ao questionário: geral, administrativo, acadêmico e para assuntos estudantis. Da parte da preceptoria, do lado feminino, como estava em fase de transição, apenas duas responderam; já do lado masculino, ainda eram aguardados os dois novos preceptores e, portanto, só respondeu o questionário o preceptor-chefe.

O trabalho tentará identificar algumas virtudes e outras dificuldades da direção da Instituição: se a direção considera que as regras estão atualizadas, participaram de curso preparatório para o cargo que ocupa, se sente preparado para responder as necessidades dos adolescentes; se realizam programas sobre sexualidade, qual é a frequência de sua realização e quantas vezes por semestre ocorrem; como são abordados os temas de sexualidade com os adolescentes e, caso não se realizem, se consideram que deve haver programas que abordem o tema da sexualidade.

As pesquisas conduzidas com os líderes da instituição lançarão luz sobre a compreensão que a direção tem do tema, desta maneira se poderá ter uma idéia de como a direção compreende o tema, a necessidade de ser trabalhado, além de uma compreensão acerca da juventude e suas necessidades. É possível que, ao se conhecer os pensamentos da direção do IAENE se compreenda algumas das atitudes dos jovens internos.

6.4.1.1 A direção considera que as regras estão atualizadas

Uma Instituição do porte do IAENE, com um número razoável de alunos, requer um grande número de pessoas como suporte, principalmente no sentido do cumprimento das regras instituídas. Conforme apontado anteriormente, a Instituição conta com um grande número de monitores, tanto internos ao residencial, como do campus, ou seja externos. As regras, para o IAENE, são pilares para sua manutenção e credibilidade diante dos pais.

TABELA 32. As regras estão atualizadas. Diretores e preceptores, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	ALGUMAS COISAS PODERIAM SER MUDADAS	6	85,7
	POUCAS COISAS PRECISAM SER AJUSTADAS	1	14,3
	Total	7	100,0

As respostas dadas na tabela 32, estão acordes com aquela proposta pelos alunos internos, que já percebem certas normas ultrapassadas. A direção, com exceção de um dos participantes, considera que algumas coisas necessitam ser mudadas, modernizadas, revistas e implantadas. O IAENE atual, com quase 3000 alunos, necessita rever suas normativas sem, entretanto, abrir mão dos seus princípios e valores. Adequar-se não é sinônimo de secularizar-se! Não é sinônimo de ruptura com os princípios norteadores e a filosofia da Instituição! Adequar-se significa abrir-se para as reais necessidades dos jovens, é conhecê-los, é compreender que esta é uma idade de muitas dúvidas, de muitas descobertas, mas também de muita crítica. É preparar cada jovem para uma sexualidade sadia, plena, respeitosa, auto-valorizante e respeitosa.

Como diz Silva (2007, p. 123), “o interno espera de seus dirigentes uma atenção além dos serviços regulares, sendo que muitos deles se queixam do distanciamento e frieza nas relações”. Neste contexto, pelo distanciamento e ausência de atenção dos dirigentes, há um fortalecimento dos laços entre os alunos internos que, unidos em grupos, resistem às ações do dirigente.

6.4.1.2 Fizeram algum curso preparatório para trabalhar com jovens.

O objetivo do questionamento apresentado à direção da instituição é identificar as competências individuais para fazer frente aos desafios inerentes à função que desempenham. Diante das respostas recebidas, percebe-se que há uma total falta de consenso quanto a ter feito ou não um curso preparatório para trabalhar com os jovens.

TABELA 33. Fizeram curso preparatório para trabalhar com jovens. Diretoria e preceptoria, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	1	14,3
	NÃO	2	28,6
	VALE EXPERIÊNCIA ^A	2	28,6
	OUTRO TIPO DE ENCONTRO	1	14,3
	OUTRAS ATIVIDADES	1	14,3
	Total	7	100,0

Conforme salientado por Suplicy (2000, p. 19), as questões sobre a sexualidade do aluno foram tradicionalmente omitidas dentro da escola. “No passado isso fazia parte do processo de repressão, principalmente por parte da sociedade, e o professor que quebrasse este processo era punido”. O estudante também nada dizia, e não ousava reivindicar respostas sobre o tema em sala de aula.

A interação entre a escola e a família é salientada por Feijó (2007, p. 50-59), “para quem o jovem tem sua estrutura psicológica, emocional e da personalidade construída a partir de uma educação proporcionada pelo núcleo familiar, capaz de determinar seus futuros comportamentos diante dos desafios da sexualidade”.

Desafios como crenças, tabus, posturas e valores a respeito do comportamento sexual. A educação recebida nos espaços familiares e escolares é o fator determinante na interpretação que o jovem dará às questões envolvendo sua sexualidade, e a atribuição de significados a sua prática.

Se a direção da escola sente uma certa deficiência em sua preparação para a competente execução de alguns aspectos específicos de seu trabalho, particularmente no que diz respeito aos jovens internos, isto gera uma certa apreensão. A preocupação se justifica pois, como mediadores no processo educativo, a direção não está preparada para atuar com os jovens, o que pode resultar em um diálogo pobre, ou mesmo ausente, privando-os de obter informações sobre a sexualidade, o que pode conduzir a uma prática sexual pouco refletida. Os jovens, sem ter com quem dialogar, têm a sensação de que ninguém se interessa por eles e pelas suas decisões, gerando desestímulo e passividade, o que pode levar a comportamentos sexuais inconseqüentes do futuro (FEIJÓ, 2007).

6.4.1.3 Programação para educação sexual

Novamente se percebe nesta tabela um desencontro de informações, onde a maioria, ou seja 57,1% dos administradores, afirma de maneira bastante clara que não tem um planejamento que inclua programas educativos de ordem sexual. Faz parecer que cada um atua de acordo com um planejamento pessoal, sem levar em consideração as necessidades reais dos jovens que estão sob suas responsabilidades. Esta tabela revela que não existe um planejamento pedagógico-didático anual que considere a sexualidade como parte integrante e relevante a ser trabalhada, ora com palestras, ora com grupos de estudos, em um processo educativo multidisciplinar, com a participação de especialistas como ginecologistas, urologistas, psicólogos, etc.

TABELA 34. Quantas vezes ocorrem programas de educação sexual. Diretoria e preceptoria, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	UMA VEZ POR SEMESTRE	2	28,6
	TRIMESTRALMENTE	1	14,3
	NÃO HÁ UM TEMPO CERTO	4	57,1
	Total	7	100,0

É importante considerar, segundo enfatizado por Aquino (1997, p. 32), que a educação é uma instituição milenar e que, aparentemente, levará para sempre o

título de corretora de todos os desvios da conduta humana. Além disto, na atualidade, deve aliar-se aos objetivos didático-pedagógicos. “A sexualidade e o desejo não se deixam capturar absolutamente pelas disciplinarizações generalizadas”.

O modo como a escola ensina, como seus educadores estão preparados, como são feitas as atualizações, considerando-se suas condições materiais, sociais e as condições relativas ao método e às aspirações mais amplas quanto à formação, constituem os sentidos de aprender, da posição diante do saber e do modo como tal aquisição ocorre.

Faz falta, portanto, uma coordenação de atividades que leve em consideração as necessidades dos jovens por quem a Instituição está responsável. Cabe a todos os envolvidos, a responsabilidade na busca de maneiras de amadurecer seus métodos didáticos e buscar renovar seus conhecimentos e a forma de tratar cada indivíduo, respeitando suas idiossincrasias.

Espera-se que o corpo diretivo seja o primeiro a dar o exemplo na questão do conhecimento acerca das características da juventude, a importância da sexualidade nesta etapa e se conscientizar de que o não falar sobre o tema só aumenta a curiosidade e os comportamentos indesejados. Finalmente, é importante considerar que os alunos, que ainda estão se desenvolvendo, descobrindo a sexualidade, poderão estar sendo educados pelos próprios amigos e, possivelmente, não de maneira tão adequada como esperam os pais e educadores.

6.4.1.4 Considera que deveria haver programas sobre sexualidade

Considerando a tabela 35, percebemos que, mesmo inexistindo um programa didático-pedagógico elaborado acerca do tema desta pesquisa, a direção e preceptoria, em sua totalidade, reconhece haver necessidade de que hajam programas que abordem o tema da sexualidade. Mas a pergunta que não quer calar é: se há um reconhecimento da necessidade de um programa desta ordem, por que não há acordo acerca de como, quando e quanto se deve falar?

TABELA 35. Deve haver programas sobre sexualidade.
Diretoria e preceptoria, IAENE, 2007.

Opções		N	Porcentagem válida
Válido	SIM	5	71,4
	SEMPRE QUE POSSÍVEL	2	28,6
	Total	7	100,0

De acordo com Vincentin (1997, p. 135), “se considerarmos que as instituições da sexualidade e violência são formas de controlar os corpos e o afeto”, é importante não dar a estes dois temas um caráter científico ou técnico, porque ambos se inscrevem no campo do controle e da normatização. “O melhor é construir proposições que posicionem o educador no campo ético, evitando problemas que dêem somente respostas moralistas, que impeçam que o jovem faça perguntas e que possa exercitar o pensamento”.

Reconhece-se que a Instituição, como um macrossistema e exossistema, tem suas normativas, tem suas crenças como base, no entanto, em nenhum instante se pede que abra mão daquilo que crê mas que, desde o seu exossistema, que dirige tudo o mais e, inclusive, detém o poder de criar normas, possa perceber que tratar a sexualidade como parte do fato de sermos humanos é a única forma de educar para um comportamento ético e sadio diante do sexo oposto.

Reconhecer que o tema deve ser falado já é um grande passo, mas é necessário também sempre se lembrar que quando a vida social como um todo é normatizada, disciplinada, as rebeldias tornam-se expressão de um desejo irreprimível de viver. Já as insubordinações são potência de instalação de novas formas de viver, “são dissidências aos modos de subjetivação dominantes e normativos, sempre que detêm uma rebeldia espontânea que se escapam dos conhecimentos constituídos quanto aos poderes dominantes” (VINCENTIN, 1997).

6.4.1.5 Considera-se preparado para responder sobre o tema da sexualidade

A sinceridade com que foi respondida esta questão, indicada na tabela 36, mostra que o grupo de dirigentes reconhece que há um certo despreparo para trabalhar com os jovens internos, em especial quando a temática é a sexualidade, e que precisam preparar-se para esta realidade.

Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 40) declaram “ser necessários investimentos em projetos que atentem para a forma de ser e de querer dos adolescentes”, considerando seus contextos, suas potencialidades, suas necessidades, permitindo a discussão e a construção das variadas formas de percepções, contemplando assim a apropriação das questões pertinentes à sexualidade.

TABELA 36. Está preparado para responder questões sobre Sexualidade. Diretoria e Preceptoria, IAENE, 2007

Opções		N	Porcentagem Válida
Válido	NÃO	1	14,3
	QUASE SEMPRE	2	28,6
	ALGUMAS VEZES	1	14,3
	NEM SEMPRE	3	42,9
	Total	7	100,0

De acordo com Vianna (1997, p. 119), o tema da qualidade de ensino e sua definição são revestidos de um caráter histórico-social. Pode-se dizer que há décadas se desenvolve um processo de construção de muitos projetos educacionais, diferentes entre si. “A idéia de qualidade de educação vem sempre associada a modelos, concepções, metodologias e funções atribuídas à escola”.

Faz-se necessário que o corpo diretivo e preceptores conheçam os significados de masculino e feminino que estão presentes na escola e na sociedade, e que, por estarem presentes em toda a sociedade, poderão interferir ou não nas concepções de professores e professoras acerca do ensino e na relação que devem manter com alunos e alunas. Portanto, um projeto pedagógico de qualidade deverá sempre incluir as preocupações e os problemas relativos à relação de gênero, ou seja, a sexualidade (VIANNA, 1977).

Se na escola vai haver orientação sexual, a mesma deve se dar em um âmbito coletivo, mas considerando as idades em que se trabalhará, não devendo ter um caráter de aconselhamento individual ou psicoterapêutico. Esta orientação sexual promoverá informações, discussões das diferentes temáticas trazidas pelo educador, sempre considerando que a sexualidade tem várias dimensões, tais como biológicas, psíquicas e socioculturais.

Um bom projeto educativo exercerá uma ação integradora das experiências vividas pelos alunos, incluindo e passando para o aluno que a sexualidade está ligada à vida, à saúde e ao bem-estar de cada jovem.

6.4.2 Síntese parcial dos achados nos questionários respondidos pela direção e preceptoria da Instituição acerca da abordagem da sexualidade.

Diante das informações apuradas a partir do questionamento com todos os diretores e preceptores, percebeu-se um distanciamento da equipe da realidade e necessidades do grupo jovem pelo qual são responsáveis.

Para Sayão (1997, p. 114), “para que uma instituição educativa adote a orientação sexual, faz-se necessário a adoção de princípios norteadores do trabalho que estará fazendo”. A orientação sexual não pede que os princípios morais e a ética sejam deixadas de lado. Necessita ser um trabalho voltado para a cidadania, priorizando o reconhecimento do aspecto saudável da busca do prazer, o respeito a si próprio e o respeito ao outro, considerando sempre a diversidade dos valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, “sempre buscando garantir a dignidade do ser humano”.

A direção do IAENE, mesmo reconhecendo a necessidade de uma abordagem acerca da sexualidade, ainda teme abordá-la pois, de acordo com algumas respostas, “*poderá despertar algo que ainda está adormecido*”. Esta posição denota desconhecimento do desenvolvimento humano, desconhecimento das necessidades de cada etapa da vida. Talvez esta posição esteja ancorada na premissa de que é melhor não abordar algo que não temos como segurar depois de descoberto. Mais uma vez, eles estariam equivocados, pois a sexualidade não se restringe ao órgão genital masculino ou feminino, ela é muito maior. Ela nos faz o que somos, como somos, nossa autonomia é conquistada com e por ela, bem como a nossa própria identidade e personalidade.

O macrossistema do IAENE precisa começar a aprender a tratar os jovens de acordo com suas necessidades, não abrindo mão de suas crenças, mas lembrando que estes jovens, hoje internos, um dia sairão. E quando este dia chegar, a pergunta é: Como se conduzirá no mundo real? Estará preparado para dizer não ou sim, de maneira racional, inteligente e fundamentada em princípios?

São nos microsistemas que esta pessoa, desde que conquistada pelas figuras de poder (preceptores e preceptoras), poderá tirar suas dúvidas, modificar um aprendizado equivocado, constituir novos e mais arraigados valores morais e éticos.

Reconhecer a necessidade de se trabalhar a sexualidade não é tão difícil. Difícil é colocar em prática aquilo que já está assumido como ausente, para termos uma educação de qualidade e completa: mente, caráter, personalidade, espiritualidade e sexualidade.

Sayão (1997, p. 115) afirma que não são necessários professores formados em sexologia para orientar sexualmente os alunos. “A necessidade é de professores humanos, que se coloquem disponíveis para este fim, pois o que é importante é um(a) professor(a) com postura, com capacidade de reconhecer como legítimas as necessidades dos jovens, acolhendo-os com respeito”.

O IAENE tem sua filosofia, metas, crenças e estrutura física e humana para se permitir ousar no processo educativo, sem perder em qualidade, mas ganhando ao assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento integral dos jovens que estão sob os seus cuidados, entregando ao mundo cidadãos responsáveis com as suas escolhas e condutas e, mais ainda, respeitando a si e ao o direito do outro.

6.5 POSIÇÃO DE PAIS E MÃES EM RELAÇÃO AO TEMA SEXUALIDADE

6.5.1 Análises

Este é o último tópico pesquisado, no qual é tratada a relação pai X mãe X internato X filhos. Os questionários (n=80) foram enviados para pais e mães em separado, e respondidos por (N= 25) pais e (N=29) mães, totalizando N=54. Estes números, no entanto, foram suficientes para confirmar as informações oferecidas pelos jovens sobre como compreendem as abordagens feitas pelos pais em relação à sexualidade.

Nesta etapa, trabalharemos cruzando as respostas entre pais e mães sobre alguns temas mais relevantes para esta pesquisa: o que levou o pai a se decidir pelo internato; o que levou a mãe a se decidir pelo internato; que temas sobre a sexualidade a mãe aborda com os filhos e com as filhas; que temas da sexualidade

o pai aborda com os filhos e com as filhas; se pai e mãe conhecem a vida sexual dos seus filhos; e, finalmente, como pai e mãe tratam o tema da sexualidade.

Com estes tópicos, estamos fechando o ciclo da vida do jovem que está no internato. Começamos com o que eles pensavam e encerramos com os pensamentos dos pais. Isto completará o quadro: pessoa, contexto, processo e tempo.

Aqui veremos como o macrossistema social e o microsistema familiar educaram estes jovens que estão no internato, em especial em relação à sexualidade. Também será possível entender como o contexto de aprendizado, o contexto anteriormente vivido, influencia a pessoa no processo de adaptação, na aceitação das normativas, na compreensão e respeito às crenças, valores e princípios do IAENE. O tempo pode contribuir para um amadurecimento em direção a uma cidadania responsável, crítica e preparada para enfrentar os desafios da sexualidade fora dos muros do internato.

6.5.1.2 O que levou os pais a se decidirem pelo internato.

A figura 22 apresenta as razões pelas quais os pais tomaram a decisão de confiar a educação de seus filhos a um internato confessional misto. Há as razões explicitadas e aquelas que só se externalizam com o passar dos dias.

FIGURA 22. O que levou o pai e a mãe a se decidirem pelo internato. IAENE, 2007.

OPÇÕES	MÃE	PAI
MELHOR EDUCAÇÃO	04	03
PROTEÇÃO CONTRA O MUNDO	07	07
CRESCER ESPIRITUALMENTE	08	07
SER MAIS RESPONSÁVEL	04	03
APRENDER A OBEDECER	03	01
SER MAIS ORGANIZADO	02	03
OUTROS MOTIVOS	01	01
TOTAL	29	25

A análise da figura 22 revela que pais e mães alimentam os seguintes desejos para os filhos quando estiverem no internato: 1) crescimento espiritual (N=15); 2) proteção contra o mundo (N=14); 3) melhor educação (N=07); 4) maior responsabilidade (N=7); 5) aprender a obedecer (N=4) e 6) ser mais organizados (N=5). Este perfil também foi encontrado por Silva (2007, p. 78), que afirma que “os pais escolhem o IAENE pela questão religiosa, educação e apoio espiritual, pela qualidade do ensino, para estudar mais, por oferecer um lugar mais seguro, e conseguir desenvolver a disciplina nos filhos”.

Este achado revela as razões pelas quais temos mais jovens adventistas e evangélicos estudando no regime de internato: proteção contra a influência do mundo externo, pois os pais podem estar percebendo que seus filhos não estão conseguindo seguir os princípios e valores religiosos próprios da família.

E, de fato, segundo afirma Armstrong (1992, p. 83–90), um estudioso da base cristã da educação, a educação é sempre um agente de mudança, tanto pessoal como sociocultural, sendo que a “Igreja Cristã deveria promover a educação continuada de seus membros para lhes fortalecer a fé, evitando o abandono dos valores cristãos”.

A segurança oferecida pelo IAENE, simbolizada pelos preceptores, monitores e câmeras de vídeo, fortalece a opinião dos pais de que seus filhos, no espaço do internato, desfrutarão de uma maior segurança, além de serem motivados a desenvolver um senso de organização mais apurado, freqüentar a escola e participar das atividades religiosas.

É o macrossistema institucional oferecendo ao microssistema formado pelos pais, o cuidado e a preocupação com o rendimento escolar, organização e obediência, por meio de seus vários microssistemas que, juntos, conformam os diversos mesossistemas por onde os jovens transitarão. Os pais ficam seguros, evitam-se os conflitos familiares e o filho, supostamente, adquire a autonomia tão desejada.

6.5.1.2 O tema da sexualidade abordado pelos pais e mães com os filhos

Como já foi visto anteriormente, o tema da sexualidade sempre constrange alguns pais, deixando-os atônitos diante do que a sociedade e a cultura têm, de certa forma, passado para os jovens: tenham mais prazer, gozem a vida, usufruam o

sexo sem compromisso – esta é a idade do mais gozar. Como evidenciado pela figura 23, existem grandes preocupações dos pais em relação aos seus filhos nesta etapa vital: 1) o uso de camisinha; 2) o manter a virgindade; 3) a prevenção da gravidez; 4) a prevenção de DST's; 5) escolher bem o(a) namorado(a).

FIGURA 23. Preocupações e temas abordados pelas mães conforme o gênero. IAENE, 2007.

PAI Total para a filha	FILHA	FILHO	Total para o filho
10	Manter a virgindade	Uso da camisinha	10
07	Escolher bem um namorado	Prevenir a gravidez	06
03	Se fizer sexo, usar camisinha.	Manter virgindade	03
03	Risco da gravidez	Escolher a namorada	02
02	Evitar ficar	Deixa isso para a mãe.	03
Total: 25			25
Total Geral – 25			
MÃE Total para a filha	FILHA	FILHO	Total para o filho
14	Manter a virgindade	Usar a camisinha	12
03	Evitar ficar	Manter a virgindade	02
04	Se fizer sexo, usar camisinha	Prevenir gravidez precoce	07
02	Risco da gravidez precoce	Prevenção de DSTs	03
04	Escolher bem o namorado	Escolher bem a namorada	03
02	Deixa isso para o pai	Deixa que o pai converse	02
Total - 29			Total 29

Finalmente, deve ser observado que, aparentemente, um dos genitores ou não se sente à vontade para falar do tema da sexualidade com os filhos, ou não se sente habilitado para tanto, o que leva a uma atitude de transferir a responsabilidade para o outro.

A juventude é uma etapa em que se faz necessária a comunicação franca, honesta e sincera. Afirma-se que pais, quando ausentes, têm mais dificuldade na educação dos filhos, em especial quando o tema é sexo. Se os pais não estiverem presentes na hora em que os filhos têm dúvidas, os filhos buscarão respostas fora de casa (FEIJÓ, 2007).

Observando a figura acima, percebe-se que o homem ainda é visto como uma pessoa de ação e desejo irrefreável e, portanto, deve usar a camisinha ou então lutar bravamente para manter-se virgem.

Salientando o que Feijó (2007, p. 65) diz, “a comunicação deverá ser progressiva, dentro da capacidade cognitiva, maturação e fundamentada na comunicação de mão dupla, ou seja, falar e ouvir, ouvir e falar”. A capacidade de se comunicar implica em estar preparado para responder aos pequenos e grandes questionamentos.

Resumindo a figura 23, que mostra quais são as grandes preocupações das mães com suas filhas, fica evidente a preocupação com a manutenção da virgindade (N=14), havendo clara preocupação com a escolha do namorado (N=4) e, caso ocorra a prática sexual, que usem preservativo (N=4), que a jovem deve evitar ficar (N=03), conversa-se sobre a gravidez precoce (N=2) ou, sendo a mãe muito reservada, deixará estes esclarecimentos com o pai (N=2), que segue sendo a figura do poder.

Já quando se fala do filho homem, as mães deixam claro a necessidade do jovem em prevenir-se (N=12), usando camisinha, para evitar a gravidez precoce (N=7), bem como as DST's (N=03), preocupam-se com a escolha da namorada (N=3), mas, se possível que o jovem rapaz se mantenha virgem (N=02), ou deixam este tipo de conversa para o pai (N=2).

Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 73) salientam que a virgindade ainda é um marco na diferenciação dos gêneros na cultura brasileira. “Ela ainda norteia comportamentos e delimita atitudes”.

Para Valdés (2005, p. 321), “a família cumpre um papel determinante no que tange à sexualidade, pois ela também atua como disciplinadora desta sexualidade”, marcando como deve ser, modelando as atividades da vida cotidiana, o desejar, o comunicar, o trabalhar e o participar.

Na verdade, de acordo com Brandão (2004, p. 81), são as mães que se esforçam para abordar o tema da sexualidade, porque há um significativo distanciamento dos pais quando o tema é a sexualidade.

As preocupações dos pais, dentro de sua ótica, estão de acordo com as afirmações de Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 32–33), para quem a juventude vem ocupando um lugar de relevância, em especial nas inquietações que tanto

preocupam o mundo, tanto no campo da educação como no da saúde, devido a: saúde sexual e reprodutiva, gravidez precoce, o aborto inseguro, DST's e AIDS.

Feijó (2007, p. 66) afirma que “as mães são as melhores orientadoras quando o assunto é sexo. Os pais são menos comunicativos a respeito deste tema”.

Observa-se que o desejo da manutenção da virgindade é um tópico muito debatido pelos pais, tanto com filhos, mas, especialmente, quando conversam com as filhas.

6.5.1.3 Como pais e mães abordam o tema da sexualidade com seus filhos

Afirma Feijó (2007, p. 62) que “é obrigação dos pais conhecerem o que os cientistas há muito já sabem sobre a sexualidade”, bem como o tipo de informação que deverão ser passadas para os filhos, pois o desenvolvimento harmônico da sexualidade depende em grande parte disto.

A figura 24 revela como é difícil para os pais abordarem a sexualidade. Tanto pais como mães marcaram as mesmas respostas quase de maneira semelhante. As opções oferecidas no questionário semi-estruturado, com o objetivo de conhecer a forma em que os pais abordam o tema da sexualidade, foram: 1) só respondem o necessário (N=18); 2) nunca abordam a temática (N=9); 3) de forma aberta (N=6); 4) a mãe ou pai explicam melhor (N=4); 5) levando em conta a idade dos filhos (N=7); 6) fornecendo material para leitura sobre o tema (N=5); 7) outras formas de atuar (N=5).

FIGURA 24. Como os pais e mães abordam o tema da sexualidade com os filhos. IAENE, 2007.

PAI	COMO ABORDAM O TEMA DA SEXUALIDADE
08	Respondendo somente o necessário
04	Nunca aborda o tema
03	De forma aberta
03	A mãe explica melhor
03	Leva em conta a idade dos filhos
02	Fornecendo material de leitura
02	Outras formas
MÃE	COMO ABORDAM O TEMA DA SEXUALIDADE
10	Respondendo somente o necessário
05	Nunca aborda o tema

04	Leva em conta a idade dos filhos
03	De forma aberta
03	Fornecendo material de leitura
03	Outras formas
01	O pai explica melhor

Esta figura indica que há grande dificuldade dos pais abordarem a temática da sexualidade com seus filhos. Neste caso específico, as respostas dadas pelos pais são compatíveis com aquelas dadas pelos jovens.

Para Feijó (2007, p. 58), uma das maiores dificuldades dos pais que se comunicam mal com os filhos, é aprender e praticar a comunicação empática, sempre se colocando no lugar do filho. “No diálogo empático, os pais também assumem seus erros e aprendem a ouvir os erros de seus filhos”. Quando não ocorre este tipo de diálogo, ele será substituído pela coerção, ameaças e posturas autoritárias.

A figura 23 se ajusta às considerações de Heilborn (2004, p. 80), de que “as conversas familiares sobre a sexualidade são pouco explícitas”. Além disto, a forma como o assunto da sexualidade é abordado está diretamente relacionada com o funcionamento e com o estilo educativo da família: maior proximidade ou distanciamento (HEILBORN, 2004).

Diante de uma realidade em que os pais se sentem reprimidos ou constrangidos frente às questões relativas à sexualidade de seus filhos, é pertinente saber o quanto os pais conhecem da vida sexual dos mesmos. Tal conhecimento ou ignorância pode ser uma possível evidência de como funciona a família, em especial quando o assunto é a vida sexual dos filhos.

6.5.1.5 Os pais conhecem a vida sexual dos filhos

Como já vimos anteriormente, há dificuldade de comunicação entre pais e filhos no que concerne à sexualidade. Os pais podem ter estas dificuldades devido à sua própria educação, suas crenças, tabus, medos e à visão religiosa sobre a sexualidade.

Na figura 24, apresentamos as respostas dadas à pergunta: você conhece a vida sexual de seus filhos? As alternativas constantes no questionário, para serem escolhidas, em ordem de importância, foram: 1) Não quer saber deste tema (N=20);

2) Não conhece nada da vida sexual dos filhos (N=18); 3) Conhece alguma coisa (N=8); 4) Considera que é algo privativo dos filhos (N=6); 5) Nunca se preocupou com isto (N=2).

FIGURA 24. Os pais conhecem a vida sexual dos filhos. IAENE, 2007

PAI	CONHECE A VIDA SEXUAL DOS FILHOS
10	Não quer saber deste tema
04	Alguma coisa
08	Não
02	Considera que é algo privativo deles
01	Nunca se preocupou com isto
25	
MÃE	CONHECE A VIDA SEXUAL DOS FILHOS
10	Não quer saber deste tema
04	Alguma coisa
10	Não
04	Considera que é algo privativo deles
01	Nunca se preocupou com isto.
29	

Os pais e as mães, mesmo respondendo individualmente a esta questão, responderam quase que da mesma maneira, indicando um estilo familiar diante da temática sobre a prática da sexualidade.

Como destacado por Heilborn (2004, p. 81), quando os pais são indagados se têm ciência sobre a prática da sexualidade por seus filhos, alguns respondiam que “desconfiavam do fato”. “O fato de os pais desconfiarem de que os filhos mantêm relações sexuais é uma demonstração de que a troca de informações entre gerações não se processa facilmente”, em especial quando os pais terão que administrar esta novidade íntima de seus filhos.

É comum não haver um diálogo direto com os pais, quando os jovens já têm uma vida sexual ativa. São raras as famílias que abordam o assunto com os filhos, de uma forma direta, voltada para a experiência destes jovens (HEILBORN, 2004).

Quando os pais dizem que não querem saber da vida sexual dos filhos, eles estão limitando o diálogo e a transmissão de saberes que seriam importantes nesta etapa. Se nada é perguntado, não se pode dialogar sobre os cuidados que os filhos deveriam ter em sua vida sexual: DST's, AIDS, preservativos, contraceptivos, gravidez precoce.

Sem diálogo, o jovem fica solitário em suas decisões e, entre acertos e erros, ele vai construindo sua identidade e sua autonomia. Se houvesse oportunidade de

troca de conhecimentos, a sexualidade poderia ser vista como verdadeiramente ela é: uma ciência e uma arte!

6.5.2 Síntese parcial dos achados nos questionários respondidos pelo pai e pela mãe individualmente, acerca da abordagem da sexualidade

Diante do exposto, percebe-se que há uma longa caminhada para que pais e filhos possam conversar sobre o tema da sexualidade. As respostas dadas pelos pais confirmam aquilo que é dito pelos filhos na entrevista. Eis uma pequena mostra do que foi dito:

Entrevistada 1: Minha mãe nunca havia me falado sobre a menstruação. Quando ocorreu foi horrível. Eu não queria. Chorei muito. Me desesperei, me entristeci. Me senti anormal. Meu desespero foi tão grande que tive que falar com minha mãe. Ela não me explicou nada e me levou a uma ginecologista. Ali fiquei sabendo de tudo. Até hoje não pergunto nada e eles só falam o básico, e se eu perguntar, o que é raro. Minhas amigas contam e explicam tudo para mim.

Entrevista 2: Meus pais nunca falaram nada para mim. Então fiquei menstruada. Tive vergonha de falar para eles. Falei com minha irmã mais velha, que me explicou tudo e ainda me ajudou a comprar o absorvente. Só bem mais tarde, é que minha irmã contou para os meus pais. Meus pais não falaram nada e continuam não falando. Minhas dúvidas são tiradas com minhas amigas e irmã.

Entrevista 3: Quando eu vi sangue saindo, me desesperei. Chamei minha mãe e foi assim que eu soube o que era menstruação. Ela estava muito envergonhada para explicar. A gente não fala sobre namoro, sobre sexo, sobre nada. Falo com minhas amigas, assim não deixo minha mãe e pai sem graça.

Entrevista 4: Meus pais me prepararam antecipadamente. Conversaram sobre tudo antes de começarem as transformações físicas. Quando eu tive a tal polução noturna fiquei p. da vida, mas meu pai me acalmou e explicou o que era. Legal! Cara, eu já produzia esperma! Pô, já podia até ser pai, se eu quisesse!

Entrevista 5: Quando eu menstruei, tinha 13 anos, meus peitos cresceram também. Chorei muito. Não queria deixar de ser criança. Não contei pra ninguém, porque eu morria de vergonha. Ninguém em casa falou algo para mim. Meu pai não toca neste tipo de assunto e minha mãe só fala quando eu pergunto.

Entrevista 6: Com 13 anos apareceram os pêlos e o órgão genital começou a crescer. Não conversei com ninguém. Na minha casa não temos diálogo. Nunca tivemos uma conversa sobre sexo, prevenção ou qualquer coisa desta área

As entrevistas reproduzidas acima confirmam as pesquisas conduzidas pelos estudiosos da juventude e da sexualidade, em especial no que concerne ao diálogo entre pais e filhos na área da sexualidade.

Considerando-se os achados desta pesquisa, parece possível inferir que os jovens estão formando conceitos sobre a sexualidade e tomando decisões acerca de sua prática sexual a partir de um aprendizado obtido fora do lar, junto aos seus pares.

Ao chegarem ao internato, também nada escutam acerca da temática. Portanto, até a família substituta está falhando com eles. Em meio à transição ecológica, esta pessoa terá que ambientar-se, construir díades de convivência com o seu grupo de pares. O processo de ambientação, de transição e de construção formará o contexto onde aprenderá e tirará dúvidas acerca da sexualidade com seus amigos.

Como este trabalho esteve sempre fundamentado sobre a compreensão do jovem acerca da abordagem da sexualidade, tanto na família como no internato, é possível afirmar que, em ambos macrossistemas, está havendo uma falta de diálogo, comunicação e conhecimento das necessidades desta etapa vital, e isto tem sido percebido e vivenciado pelo jovem interno.

6.6 RESUMO GERAL DOS DADOS ANALISADOS

Este trabalho constituiu-se em pesquisa de campo do tipo quantitativo (questionários semi-estruturados) e qualitativo (observações “in loco” e entrevistas), ou seja, foi um trabalho de caráter extensivo e compreensivo.

O conteúdo desta pesquisa esteve embasada em teorias desenvolvimentais, teorias sociológicas, teoria ecológica, com o objetivo de conhecer a compreensão dos jovens que vivem em um internato misto e confessional, acerca da abordagem da sexualidade tanto na família de origem como no internato.

Para a constituição deste trabalho, a pesquisadora conviveu durante 30 dias com os jovens internos, observando o dia-a-dia de moças e rapazes, levando sempre em consideração que o internato é um microssistema, que se liga a outros microssistemas, onde estes jovens compartilham intimidades, dores, lágrimas, alegrias, conquistas e suas dúvidas. Será neste microssistema que os jovens verão e sentirão um distanciamento dos valores familiares, sociais e culturais, adentrando em um novo sistema, onde o tempo não lhe pertence totalmente, onde a religião é o centro de todas as atividades, onde o estudo é uma exigência, com o conseqüente acompanhamento de perto de suas notas e, quando não corresponderem às normativas, sofrerão as sanções cabíveis a cada erro.

O primeiro contato com os jovens internos ocorreu através de um convite feito pelo grupo SOS solteiros, para que lhes falasse sobre sexualidade, e, em especial, sobre a arte da conquista. Este grupo participou deste trabalho por meio das respostas dadas às entrevistas.

Num segundo momento, a pesquisadora considerou que seria interessante comparar as respostas dadas na entrevista com respostas dadas a um questionário, sem a presença da mesma, pois a sua presença poderia ter deturpado alguma resposta na entrevista. Os questionários foram respondidos de forma individual e em ambiente fechado.

Considerando as respostas obtidas, a pesquisadora tratou de conhecer a posição da diretoria da Instituição, bem como do preceptorado, acerca da temática, se ela era considerada relevante para este grupo e se havia preocupação em se criar um espaço para a educação para a sexualidade.

Nas entrevistas, constatou-se que os jovens responderam de forma bastante sincera, pois a comparação com as respostas dadas pela direção e pais revelou congruência nas respostas.

A forma como o jovem foi trazido ao internato influi em sua percepção acerca do mesmo: ora como paraíso, ora como inferno ou prisão. Quanto aos regulamentos, os jovens manifestam-se 100% de acordo com respeito à necessidade de regras para este tipo de internato. Os próprios alunos afirmam que seus pais não os teriam trazido caso não houvessem os regulamentos. No entanto, mesmo admitindo a importância de regras, existe insatisfação por aquilo que eles percebem como uma falta de modernização das mesmas, em especial no que tange ao não contato com o sexo oposto. As demais regras consideradas inadequadas são: horário de dormir; horário de apagar as luzes; vestimentas que podem ser usadas no campus, mas que não podem ser usadas no restaurante. Todos afirmaram que gostariam de participar nas decisões em relação à criação e manutenção das regras.

Quanto à relação interno X administração X preceptorado, há uma distância entre os jovens e as figuras de poder, em especial no caso das moças. Estas não consideram suas preceptoras como amigas, pessoas confiáveis e, menos ainda, como mães substitutas. Quanto aos rapazes, há uma maior aceitação do preceptorado, considerado humano, compreensivo e amigo. Além disto, os jovens afirmam a existência de uma suposta discriminação de ordem financeira, em que os jovens que têm dinheiro obtêm mais regalias e são menos disciplinados do que os bolsistas, ou seja, aqueles que dependem financeiramente da Instituição.

A descoberta da sexualidade aparece relacionada ao tipo de educação familiar, rede social e/ou valores pessoais. Para a grande maioria, a puberdade foi algo assustador e, pior do que isto, o fato de não poderem compartilhar com os pais os seus medos e dúvidas e se o que estava acontecendo com o seu corpo era normal. Poucos jovens relataram que suas famílias abordaram o tema do sexo de forma aberta, respondendo às questões e/ou dúvidas que lhes são trazidas.

A justificativa dada para o silêncio dos pais, sem lhes atribuir culpa por tal silêncio, é que esta atitude omissa resulta da educação que os pais receberam de seus próprios pais.

Comparados aos questionários, as respostas às entrevistas foram semelhantes às dos entrevistados. Ressaltamos, porém, que, no questionário, os

jovens puderam se expressar de forma mais livre, expondo os sentimentos, medos, dúvidas e culpas que, eventualmente, enfrentaram no período da puberdade.

No que diz respeito à administração da Instituição, buscou-se a participação de todos os diretores e preceptores na pesquisa, mas, por questões operacionais, somente um preceptor masculino respondeu ao questionário. Encontrou-se um certo desconhecimento das necessidades dos jovens na área da sexualidade e a não existência de um projeto de educação sexual, havendo dificuldades em responder o que era a sexualidade. Na sua grande maioria, a diretoria e a preceptoria reconhecem que deveria haver um programa sobre o tema para os jovens, mas não houve concordância entre os mesmos acerca de como implementar tal programa.

Finalmente, os pais ratificaram o que os filhos haviam respondido, tanto nas entrevistas como nos questionários. Comprova-se que há grande dificuldade da grande maioria dos pais em dialogar sobre sexualidade com seus filhos. Não fazem perguntas, preferem a ignorância e a dúvida à certeza, pois a certeza poderia criar a necessidade de conversar sobre o tema. Existem diferenças na forma como os pais tratam os filhos homens, na hora de dialogar sobre a prática sexual, e a forma como tratam as moças. Para os homens, em primeiro lugar, está a preocupação com o uso do preservativo e, para as mulheres, o manter a virgindade.

7 CONCLUSÃO

Este estudo procurou conhecer a compreensão do próprio aluno interno acerca do estilo de vida do internato, as razões que o fizeram ali adentrar e como são abordados os temas da sexualidade tanto no lar como no internato. As conclusões que ora apresentamos se referem às suas vivências como alunos internos de 2007.

Como foi previamente avisado, este trabalho não tem por objetivo rever os motivos pelos quais os internatos surgiram, e nem discutir as vantagens e desvantagens deste tipo de instituição.

É importante manter em mente que o IAENE é uma instituição educacional “*sui generis*”, onde, em um mesmo campus, coexistem alunos de todos os níveis educacionais, residentes ou não do internato, conduzidos por uma mesma diretoria e seguindo as mesmas regras.

Pela ótica do interno, a forma como lhe foi avisado que passaria a viver em uma escola onde os alunos moram, faz com que alguns alunos se sintam entrando no inferno ou no paraíso. Cada jovem sabe as razões pelas quais se encontra no internato e este saber facilitará ou não sua adaptação a este novo sistema ou macrossistema social.

A Instituição IAENE pode ser vista como um macrossistema, quando vista como uma sociedade e, como um exossistema quando vista a partir de seu conjunto de leis e regras, podendo ser comparado com uma pequena cidade, por conter vários microssistemas dentro de seu campus, formando assim não apenas um mesossistema, mas vários.

Aqui ocorrem os processos proximais, por meio de diversificadas atividades, realizadas em conjunto ou por pequenos grupos, tais como: esporte, natação, caminhadas, corais, conjuntos, escola de música, escola de inglês, colégio do ensino básico, gincanas, festas, refeições compartilhadas, etc. Esta convivência é bastante importante para a adaptação nesta transição ecológica, pois ela fomenta a criação de vínculos afetivos e a construção de amizades, que servirão ou não de estímulo para avançar nesta nova vida.

Dentro dos vários microssistemas, os jovens (pessoas) vão deixando transparecer suas demandas, seus recursos pessoais e a sua força, pois nestes microssistemas ou o jovem se permite dar a conhecer ou ficará isolado. O

isolamento também é uma forma de se tornar conhecido, mas dificulta o reconhecimento de suas demandas, os recursos que possui para a adaptação e quanto de força ele está disposto a despende para vencer este período de transição ecológica. Aos indivíduos que vivem mais isolados, as amizades virão mais lentamente, bem como a participação em atividades que fomentem o dar-se a conhecer, permanecerão dependentes de uma solicitação, até que descubram que podem ser autônomos.

O enfoque central da pesquisa foi contextualizar a compreensão do jovem acerca do internato, da família e da sexualidade. Assim, pudemos categorizar as respostas e compará-las. Muitas perguntas e respostas não foram analisadas, não por não serem importantes, mas sim porque se encontravam fora do escopo principal deste trabalho.

Para nortear este trabalho, seguimos algumas suposições que se confirmaram ao longo da análise dos dados fornecidos pelos alunos. A primeira suposição afirmava que as formas da Instituição atuar frente às vivências da descoberta de si e do outro estavam indicando que esta não estava preparada para abordar o tema da sexualidade. Esta suposição foi confirmada pelos próprios diretores e preceptores, quando, respondendo ao questionário, assumiram: 1) não conhecer a etapa da juventude e suas necessidades; 2) não ter um projeto de programa para orientação da sexualidade; e 3) reconhecer a necessidade de preparo para tratar com os jovens que estão sob seus cuidados.

A segunda suposição afirmava que, ao deixar em aberto e sem respostas as perguntas e curiosidades na área sexual, que poderiam ser abordadas de maneira educativa, a Instituição poderia estar incentivando a busca de respostas via outros meios, sem que a mesma pudesse intermediar e medir a qualidade do aprendizado.

E, de fato, tanto os jovens afirmaram que a Instituição não oferece nenhum programa específico para orientar ou discutir o assunto da sexualidade quanto ter dúvidas na área sexual. Como a maioria das famílias não aborda a temática, e o internato muito menos, os internos entrevistados procuram os amigos para tirar as dúvidas. Como avaliar a qualidade deste ensino? Alunos que mantêm relações sexuais em locais escuros, ermos e sem prevenção; relações sexuais com orgasmos unilaterais, meninas culpadas porque podem ser pegas, envergonhadas por fazerem sexo desta forma, mas justificando de forma simplista: *“eu gosto dele e ele gosta de mim”*.

A terceira suposição afirmava que, por não tratar do tema, a Instituição poderá estar fortalecendo a idéia da sexualidade como tabu, o que aumentaria a curiosidade e um comportamento não compatível com os princípios da mesma. Isto foi também confirmado nas entrevistas, quando os jovens perguntavam: se ao manter a primeira relação sexual doía, se saía sangue, como é que se fazia para parar o sangue, se o menino transar com a garota toda vestida ainda assim ela poderia engravidar, se transar entre as pernas poderia deixar a garota grávida, se o tamanho do pênis era importante, como fazer o pênis crescer mais, como masturbar uma menina já que era por ela masturbado, se era verdade que, depois de ter mantido uma relação sexual, todo mundo reconhece pelo quadril da garota que ela já transou, se achar menina bonita era indício de ser "*sapatona*". Tantas dúvidas, simples de serem respondidas, mas que são feitas de forma velada, ansiosa, cheia de medos, indicando que muito do que geralmente é dito e dado a conhecer a estes jovens é tabu, fomenta a curiosidade e a prática da sexualidade.

Assim, concluímos que os jovens estão vivenciando uma lacuna em seu desenvolvimento como indivíduos autônomos, uma vez que suas dúvidas quanto à sexualidade, tão importante para o desenvolvimento da subjetividade, não têm sido respondidas. Os jovens percebem que a instituição tem um grande potencial na área educativa, que é um espaço para estudar e viver; no entanto, apesar de reconhecerem a necessidade de regras para o bom funcionamento da Instituição, desejam que sejam revistas algumas das normas que consideram fora de época e sem motivos reais para existirem, tais como: pegar na mão, beijar, usar bermudas no restaurante, não apagar as luzes durante a noite, permitir certa autonomia quanto à flexibilização do horário de estudos.

Ademais, quanto à abordagem da sexualidade em família, a compreensão dos jovens, em sua grande maioria, é de que não há diálogo possível entre pais e filhos referente a este assunto. Muitos jovens preferem tirar suas dúvidas com irmãos, irmãs e amigos íntimos. Eles vivenciam em seu lar um silêncio e certo constrangimento quando há alguma pergunta sobre sexo. Os pais, por seu lado, confirmaram esta visão que os filhos têm deles. Não falam sobre o tema, não demonstram interesse na vida sexual dos filhos. Os conselhos em geral são reprimendas, culpabilização, proibições e indicações de como devem proceder para não ocorrer a gravidez precoce.

Por fim, percebe-se que há grande curiosidade sobre a temática e, com isto, muitos jovens se tornam presas fáceis de jovens mais vividos e cheios de malícia. Os jovens percebem que há uma lacuna na educação que estão recebendo. Gostariam de ser ouvidos e levados em consideração na hora de organizar as atividades semestrais ou anuais que ocorrem, todas as noites, nas capelas dos residenciais.

Devido a esta lacuna, a curiosidade e os tabus que envolvem o tema da sexualidade, têm levado alguns alunos internos a fazerem experimentações sexuais, em ambientes não dignos, em posições inadequadas, sem prevenção. Nas entrevistas, os rapazes que têm uma vida sexual ativa assumiram que têm um orgasmo bem rápido, e, por seu lado, as moças realizam os desejos do parceiro por afetividade, mas todas afirmaram não conseguir obter o orgasmo, pois o medo é maior que o desejo.

Ao encerrar esta pesquisa, torna-se importante ressaltar que os jovens continuarão fazendo suas descobertas na área da sexualidade, uma vez que a mesma é constituinte da personalidade, da subjetividade e da autonomia. Diante desta realidade, cabe aos dirigentes da instituição não seguirem em silêncio, evitando o tema, como se falar sobre mesmo fosse despertar a sexualidade – ela é constituinte do ser humano, é a base do que somos, de como agimos e pensamos! Ninguém a estará despertando – ela é viva e sinônimo da própria vida, portanto, não adormece nunca. Cabe a todos que atuam diretamente com o jovem interno, buscar superar as dificuldades apresentadas, através de uma visão realista acerca das necessidades dos jovens, fechar brechas que existam e abrirem-se para a tarefa de tornar cada jovem um cidadão responsável por seus atos e por suas escolhas.

8 RECOMENDAÇÕES

A educação adventista busca, em todas as áreas de ação, a redenção do homem. Para que tal objetivo seja alcançado, procura-se oferecer uma educação equilibrada, promovendo o desenvolvimento holístico dos jovens que estudam neste sistema de educação.

Ao adentrarmos no universo dos alunos internos, percebemos que é um universo rico, aberto, franco e em desenvolvimento. A cada ano que passa aumenta o número de estudantes que escolhem o IAENE para nele estudarem e viverem. São alunos de distintos lugares, diferentes culturas e religiões. Alguns vêm por desejo próprio, porque são jovens da mesma denominação e sempre alimentaram o sonho de poder estudar no internato. Por outro lado, alguns são jovens trazidos pelos pais, por diversos motivos, menos pelo desejo pessoal.

Observamos que viver em um residencial com 250 pessoas, desconhecidas em sua grande maioria, compartilhar o quarto com mais quatro ou seis pessoas, ter que cumprir normas e horários, é algo bastante complexo de se entender e executar. Portanto, diante de um quadro da realidade que se formou a partir de tudo o que esta pesquisadora ouviu, leu e viu, consideramos importante que a Instituição reflita sobre os seguintes sugestões:

1. Qualificar todos os profissionais que atuam com estes jovens – Trabalhar com a juventude requer conhecimento da etapa vital, suas características positivas, negativas e suas dúvidas. Isto possibilitará uma aproximação mais verdadeira entre os cuidadores e os seus pupilos;
2. Tendo-se tornado uma Instituição do porte que ostenta hoje, entendemos que o IAENE poderia manter uma equipe multidisciplinar e um espaço próprio para se trabalhar as questões que interessam aos jovens, onde possam se expressar sem medo, refletir sobre seus desejos, exercer sua autonomia e contar com um ouvido neutro, porém sábio na orientação;
3. Considerando que os jovens manifestam dúvidas acerca da sexualidade, entende-se que seria interessante implementar um programa de orientação e educação para a sexualidade, dirigido não pelos preceptores, mas sim por profissionais qualificados. As dúvidas existem e, pelo fato de estarem sendo trabalhadas entre amigos, a Instituição perde uma excelente oportunidade de trabalhar o tema desde a perspectiva de seus valores e princípios.

4. Se a Instituição, segundo os valores que a norteiam, considera que a prática sexual deve ser reservada para o casamento, necessita se preocupar e pensar em como trabalhar para não favorecer os encontros fortuitos que se realizam em seu espaço, tanto para contato, conhecimento, carícias ou ato sexual, em especial, por ocorrerem em locais, que há muito tempo, conhecidos por quase todos.
5. Considera-se necessário que, dentro das possibilidades, haja uma revisão das normas que regem a vida dos alunos que estudam e vivem no internato, em especial as referentes ao namoro – Tudo que é proibido é mais interessante de ser feito. Romper regras poderia ser o sobrenome do jovem que vive 24 horas dirigido por normas.
6. A revisão de normas poderia levar em consideração as idéias dos alunos, por meio de pesquisa de opinião e formação de um grupo representativo dos jovens internos.
7. A partir do que foi recolhido por esta pesquisa, sugere-se a criação de um espaço, com horário e dias estabelecidos, onde os jovens namorados pudessem se relacionar de forma normal, sem o temor de sanções e sem uma vigilância acirrada. Com isto se pretenderia educar para uma sexualidade madura e responsável.
8. Preparar os monitores – Eles são os que estão mais próximos dos jovens; no entanto, parecem não ter conhecimento de como atuar ao verem um casal em situação suspeita. Ser monitor não é só vigiar, dedurar ou ignorar o que está acontecendo. O monitor pode ser amigo, companheiro, demarcador de limites, e pela amizade honesta, franca e sincera, levar os jovens a respeitarem estes limites.
9. Evitar fazer acepção de pessoas, em especial quando está envolvido o poder econômico dos estudantes. Os alunos percebem a diferença na forma como os bolsistas são tratados e a forma como acontecem as reprimendas com os abonados. Para os alunos regulares entrevistados e questionados, todos são iguais e merecem igual tratamento.
10. Seria interessante que a direção e os preceptores fizessem uma caminhada rumo ao mundo do jovem, e isto somente ocorrerá quando se aproximarem deste jovem. A distância tem sido sinônimo de indiferença!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

ALANIZ, M. O. **Ingênuos e libertos: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição. 1871-1895**. Campinas: Centro de Memória- UNICAMP, 1977.

ALBERTINI, P. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

ALLPORT, G.W. **Personalidade: padrões e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Herder, 1969.

ALVES, M.A. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. L. (Orgs). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ANDI/2001 - **Situação da Adolescência Brasileira**. UNICEF, 2001, Cap. II.

ANTONELI, R. M. **O Educandário e o Sítio Pau d'álho: As instituições enquanto contextos de desenvolvimento para crianças e adolescentes**. 154 p. Dissertação de Mestrado em Saúde Mental. São Paulo: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, 1997.

AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3ª. Ed. São Paulo: Summus editora, 1997.

AQUINO, Estela M. L., HEILBORN, Maria Luiza, KNAUTH, Daniela et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**, 2003, vol.19 supl. 2, p. 377-388.

ÁRIES, P. **Centuries of childhood – A social history of family life**. New York: Vintage Books; 1962.

_____. **A história social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARMSTRONG, H. **Bases da educação cristão**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

BACCELLAR, C. de A. P. Os senhores da terra: Família e sistema sucessório de Engenho do Oeste Paulista. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997; MELO, Z. C. de. **Metamorfoses da riqueza** – São Paulo, 1845-1895. São Paulo: Hucitec, 1990.

BACHMANN, D. P.; ELFINK, J.; VANAZZA, G. E-mail and snail mail face off in research, **Marketing Research**, v. 11, n. 4, p. 10-15, 1999.

BANZATO, D.S.G. **Sexualidade na escola**: um estudo sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas nas práticas educativas. Tese. São Paulo: IP, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 1977.

BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**: como discutir sexualidade em casa e na escola. São Paulo: Cortez, 1991.

BASTOS, A. C. de S.; GOMES, M. M.; GOMES, M. C. E REGO, N. Conversando com famílias: crise, enfrentamento e novidade. In: Moreira, L. & CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Família, subjetividade e vínculos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BAUD, M. **Patriarchy and changing family strategies**. Class and gender in the Dominican Republic: Mimeo, sd.

BELARDINELLI, S. A pluralidade das formas familiares e a família como insubstituível “capital social”. In: BORGES, A. e CASTRO, M. G (Orgs). **Família, gênero e gerações**: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENELLI, S. J. O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. **Psicologia em Estudo**, Maringá v. 7, nº 2, p. 19-29, jul/dez., 2002.

BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988.

BERENSTEIN, I. **Contemporary familial problems or nowadays familial situations**: invariance and novelty. *Psicologia USP* [on-line], 2002, vol.13, no.2 Acessado em 17 dezembro 2007, p.15-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

BERQUÓ, Elza e CAVENAGHI, Suzana. Mapeamento sócio-econômico e demográfico das regiões de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. IN: **Anais do XIV**. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP: Caxambu, 2004.

BÍBLIA SAGRADA – Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BILAC, E. D. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. Trabalho apresentado no Seminário Temático “Família Brasileira”. In: **Ciências Sociais Hoje** - 1991. Rio de Janeiro: Vértice/ ANPOCS, 1991.

BLEGER, J. **Psicología de la conducta**. Buenos Aires: Paidós, 1963.

BOCK, A.M.B. **As aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia**: Um estudo sobre o significado do fenômeno psicológico na categoria dos psicólogos. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social. PUC – SP. São Paulo, 1997.

BORDIEU, P. et al. (Coord.). **A miséria do mundo**. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **Ofício de sociólogo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOZON, Michel. Novas normas de entrada na sexualidade no Brasil e na América Latina. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. **Sexualidade, Família e Ethos Religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRANDÃO, E. R. Iniciação Sexual e afetiva: Exercício da autonomia juvenil. In: HELBORN, M. L. et.al. (Org.). **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRANDÃO, E. R. Revelação da gravidez na adolescência em famílias de camadas médias: tensões e dilemas. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. L. **Sexualidade, Família e Ethos Religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRANDÃO. E. R. **Gravidez na adolescência**: Um balanço bibliográfico. In: HELBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D.R. **O aprendizado da sexualidade – Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. (Série fontes de referência. Legislação ; n. 36)
<http://www2.camara.gov.br/publicacoes/internet/publicacoes/estatutocrianca.pdf> .
Acessado em 10/04/2007.

BRITO, H.S. Estresse, Resiliência e Vulnerabilidade: comparando famílias com filhos adolescentes na escola. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, nº 16(2), USP, 2006.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER,U.; MORRIS, P. The ecology of developmental process. In: DAMON, W.; LERNER,R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology**: Theoretical models of human development. Vol. 1. r. ed. New York, NY: J. Wiley & Sons, 1998.

BROWN, W. J. **Un manual para administradores de colégios de la Iglesia Adventista del Séptimo Día**. Departamento de Educación de la Asociación General de los Adventistas del Séptimo Día, 1981.

CARVALHO, I. M. M., ALMEIDA, P. H. **Família e proteção social**. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo [on-line], abr./jun. 2003, vol. 17, no.2. Acesso em 17 dezembro 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L.B.de. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CASTRO, M. G.; MIRANDA, M. B. S.; ALMEIDA, N. O. G. L. de. Juventude, gênero, família e sexualidade. Combinando tradição e modernidade. In: BORGES, A. & CASTRO, M. G. (Orgs). **Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CECCONELLO, A. M. & KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, 2003.

CHAVES, A. M. A vida e o viver em um internato: o ponto de vista de um grupo de meninos residentes. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo/Salvador: Casa do Psicólogo/EDUFBA, 2002.

CLÍMACO, A.A. de S. **Repensando as concepções de adolescência**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social. PUC – SP. São Paulo, 1991.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: Almeida, Angela (org.) **Colcha de Retalhos**. Estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Mariza- **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

COURT, P. M. Família e sociedade contemporâneas. In: PETRINI, J. C. e CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs.). **Família, Sociedade e Subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DE ANTONI, C. e KOLLER, S. H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. In: **Revista Estudos de psicologia**. Natal: vol.5, no.2, July/Dec. 2000.

DIAS, M. O. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DICIONÁRIO AURÉLIO SÉCULO XXI – **Dicionário Aurélio eletrônico da língua portuguesa** – Edição 3^o – São Paulo: Editora Nova Fronteira/Microsoft corporation, 2000.

DOMINGUES, C.M.A.S.; ALVARENGA, A.T. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, 7 (2), 32-68. 1997. Versão resumida da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da USP, 1997.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise** (2^o edição). Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERRAZ, E. A.; SOUZA, C. T.; SILVA, C. F. R.; COSTA, N. **Iniciação sexual de jovens**: análise de variáveis a partir de gênero. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

FONSECA, C. A História Social no Estudo da Família: Uma Excursão Interdisciplinar. In: **BIB**, Rio de Janeiro: ANPOCS, No. 27, 1 sem. 1989.

FORZA, C. Surveys: survey research in operations management: a process-based perspective. **International Journal of Operations & Production Management**, v. 22, n. 2, p. 152194, 2002.

FOULCAUT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 33^a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 2000.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GRANELLO, D. H.; wheaton, j. e. Online data collection: strategies for research. **Journal of Counseling and Development**, v. 82, n. 4, p. 387-393, 2004.

GRIFFA, M.C.; MORENO, J.E. **Chaves para a compreensão das idades**. Vol. I; São Paulo: Paulinas, 2001.

GUIMARÃES, E. L. Família e dinâmica da socialização. **Veritati – Revista da UCSAL**, ano II, n. 2. Salvador: Cepex, 2002

GUIRADO, M. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In. GROPPA AQUINO, J. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editora, 1997.

HARRISON, M. **O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e aids.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HEILBORN, M. L. **Família e sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HEILBORN, M. L.; EQUIPE GRAVAD. Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D. ; PEIXOTO, C.; BARRROS, M. L. **Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HEILBORN, M. L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, M. L. AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D.R. (Orgs) **O aprendizado da sexualidade.** Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HITE, S. **Relatório Hite sobre família** – crescendo sob o domínio do patriarcado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1995.

IBGE – **Estatística da população jovem do Brasil.** Em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentarios1.pdf. Acessado em 12/12/2007.

IBGE - Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. número 3. In: **População Jovem no Brasil** Rio de Janeiro,1999. Em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacaojovem.pdf. Acessado em 10/12/2007.

ISAÚ, M. Luz e sombras: internatos no Brasil. **Revista de Ciências da Educação.** São Paulo: Centro UNISAL. Ano 03, nº. 05, 2001.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.). **Juventude e sociedade.** São Paulo: Instituto Cidadania/Ed. Perseu Abramo, 2004.

KNOBEL, M. **Orientação familiar.** Campinas Papyrus, 1992

KUZNESOF, E. The role of the female – Heade household in brasilian modernization. In: **Journal of Social History**, 13:4 (1980), pp. 589-613; A Família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (SP, 1700 – 1980). In: **Revista Brasileira de História**, v. 9, n 17, São Paulo: ANPU /Marco Zero, set. 1988/fev. 1989.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil.* Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 de dez. 1996. In: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acessado em 10/04/2007.

LAING, R. D. **A política da família.** São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 1983.

LEON, A. P. de. **Juventude**: Problema ou descaso social? Porto Alegre: Organização Brasileira da Juventude, 2005. Em: <http://www.obj.org.br/site/revista/artigos.asp?id=27>. Acessado em 12/12/07.

LESSA, R. Vantagens da educação adventista. **Revista Adventista**, Tatuí, SP, ano 101, nº 9, p. 8-14, set. 2006.

LEWIN, L. Natural and Spurious Children in Brazilian Inheritance Law from Colony to Empire: a Methodological Essay. In: **The Americas**. XLVIII (3), January 1992, pp. 351-396.

MACEDO, R. M. S. de; KUBLIKOWSKI, I. BERTHOUD, C. M. E. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: Uma perspectiva dos pais. In: **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, nº 16 (2), São Paulo: USP, 2006.

MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MARCUSE, H. **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MASTERS, W. & JOHNSON, V. E. **O relacionamento amoroso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MELO, A. S. **O significado da educação sexual para pais de crianças e adolescentes**. Tese. Ribeirão Preto: EERP, 1999.

MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.de.; SILVA, L.B.da. **Avaliação por triangulação de métodos** – abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MORAES, N. B. P. **Teologia e ética do sexo para solteiros**. Engenheiro Coelho: Imprensa Adventista do Centro Universitário Adventista, 2000.

MORAIS, J. F. R de. **Violência e educação**. Campinas: Papyrus, 1993.

MORAIS, N. A. et al. Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, nº3, p. 379-387, set/dez., 2004.

NARVAZ, M. G. e KOLLER, S. H. Modelo bioecológico o desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (Org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NAZZARI, M. Parents and Daughters: Change in the Practice of Dowry in São Paulo (1600-1770). In: **HAHR**, 70:4 (1990), pp.639-665; **Disappearance of the**

Dowry. Women, Families, and Social Change in São Paulo, Brazil (1600-1900). Stanford: Stanford University Press, 1991.

NEWCOMBE, N. **Desenvolvimento infantil:** abordagem de Mussen. 8ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.) **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, R. C. R.; CARA, D. T.; SILVA, D. M.; PAPA, F. C. **Política Nacional de Juventude:** diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude: Fundação Freidrich Ebert, 2006.

OMS. In www.sbp.com.br/img/arquivos%20de%20pediatria.pdf, Acessado em 20 de abril de 2008.

OMS. In: <http://www.opas.org.br/familia/temas.cfm?id=72&area=Conceito> . Acessado em 20 de abril de 2008.

ORSI, M.J.J.S. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr – nov./2003. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a08Orsi03.pdf>. Acessado em 07 de dezembro de 2007.

ORSI, M.J.J.S. & YAEGASHI, S.F.R. **Família contemporânea:** Reflexões e repercussões na educação e na aprendizagem escolar. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr – nov./2003. 2003. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacao/sem_ppe_2003/Trabalhos%20Completos/pdf/038.pdf. Acessado em: 04 de dezembro de 2007.

OSÓRIO, L.C. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano.** 8ª ed. Porto Alegre: Arned, 2006.

PEREIRA, J.C.R. **Análise de dados qualitativos:** estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PETRINI, J. P. **Pós-modernidade e família.** Bauru: EDUSC, 2003.

PETRINI, J. P. Políticas sociais dirigidas à família. In: CASTRO, M. G. e BORGES, A. (Orgs.) **Família, Gênero e Gerações:** desafios para as políticas sociais. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, J. R. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (ORG). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs). **Juventude e sociedade** – Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, v. 12, nº 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (org). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas práticas. 3ª. ed. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, D. N. **Trajetórias no contexto de um internato**: das expectativas familiares às experiências dos internos e egressos. Dissertação de mestrado. Salvador: UCSAL, 2007.

SILVA, M. B. N. da. **Op. cit.**; Londono, Fernando T.- El Concubinato y la Iglesia en el Brasil Colonial. **Estudos CEDHAL**, n2, São Paulo, USP, 1988.

SMITH, D. S. Recent Change and the periodization of American History Family. In: **Journal of family history**. Vol. 20, n. 4, 1995, p. 329-346.

SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA PINTO, H. D, de. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: GROPPA AQUINO, J. (Org). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editora, 1997.

STEINBERG, L. **Adolescence**. New York: McGraw-Hill, 1996.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.

SUPLICY, M; EGYPTO, A.C.; BRANCO, C.C.; GONÇALVES, E.M. V.; MENOCCI, D. T.; CASTRO e SILVA, R.; SAYÃO, Y.; SILVA, M. R.; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

TIMM, A. A espiritualidade nas escolas adventistas. In: **Revista da Escola Adventista**. São Paulo: UNASP, 2001.

TUDGE, J. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs). **Família e educação**: olhares da psicologia. 1ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2008. Coleção família na sociedade contemporânea.

UNICEF/AyrtonSenna/ItaúSocial. **Adolescentes e jovens do Brasil:** participação social e política. UNICEF, 2007.

UZIEL, A. P. Homossexualidade e parentalidade: ecos de uma conjugação. In: HELBORNE, M. L. (Organizadora). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VALDÉS, T. Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D. ; PEIXOTO, C.; BARROS, M. L. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VALLE, L. E. L. R. Educação sexual para estudantes surdos. **Revista Psicopedagogia**, Minas Gerais, 2005.

VIANNA, C. Sexo e Gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. 3ª. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

VINCENTIM, M. C. G. O educador bilíngüe: nas fronteiras da sexualidade e da violência. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. 3ª. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

VITALE, M. A. F. Socialização e família. In: CARVALHO, M. C. B. de. **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC: Cortez, 2002.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAGNER, A. A construção das metas e práticas educativas na família contemporânea: estudo de caso. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e Casal** – saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

WHITE, E. G. **Educação**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

APÉNDICE

APÊNDICE A**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
LINHA DE FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Conforme Resolução n°. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde)**

Você está sendo convidado a participar voluntariamente da pesquisa:
“FAMÍLIA X INTERNATO MISTO CONFSSIONAL: COMPREENSÕES DO JOVEM INTERNO ACERCA DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA FAMÍLIA E NO INTERNATO”.

A importância desta pesquisa fundamenta-se no fato de estar relacionada com a melhor compreensão dos adolescentes que vivem no internato e sua percepção em relação à abordagem do tema da sexualidade, que pode ou não estar sendo realizada no ambiente familiar bem como no internato. Nosso objetivo é compreender como o aluno interno, pais, administradores e preceptores convivem com o despertar da sexualidade na adolescência, se existem dúvidas nesta área e, a partir disto, organizar um programa de educação para o desenvolvimento de uma sexualidade sadia, madura, responsável e que não fira os princípios que norteiam esta instituição.

Para a realização desta pesquisa, você pode participar respondendo à entrevista e aos questionários, sempre de forma pessoal, de acordo com sua idade e função, todos voltados para o tema acima proposto.

Para preservar o anonimato, os nomes de todos os participantes serão omitidos, assegurando desta forma sua privacidade. Antes de utilizar os resultados das entrevistas e questionários, para correção de eventuais erros de interpretação, os participantes poderão solicitar rever ou corrigir qualquer coisa que lhes pareça não estar clara.

Aos pais e responsáveis é facultado o direito de intervir na participação do menor, sem prejuízo para si ou para o aluno participante.

Esclarecemos que a responsabilidade por qualquer despesa ou dano causado durante a pesquisa são exclusivamente desta pesquisadora.

O local e o tempo necessários para as entrevistas e devolução dos questionários, serão combinados antecipadamente, levando em consideração a disponibilidade do dia e da hora do pesquisado.

Ademais, estaremos à disposição para esclarecer qualquer dúvida tanto do processo como do tema, a qualquer tempo. Caso ainda tenha dúvidas, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no endereço: Faculdade Adventista da Bahia – BR 101, KM 197, Vila dos Professores, nº 07. Capueiruçu, Cachoeira – BA. CEP: 44.300.000. Caixa Postal 18. Telefone residencial: 75 – 3425-8120 e do trabalho: 75 – 3425-8072. E-mail: dakiebra@yahoo.com.br.

Para assegurar o anonimato e a liberdade de expressão dos alunos participantes da entrevista, a mesma será realizada na residência da pesquisadora, em horário previamente determinado.

Este trabalho de pesquisa está sendo feito por uma docente da Faculdade Adventista da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre da Universidade Católica do Salvador, no Mestrado de Família na Sociedade Contemporânea – Linha de Família e Subjetividade, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich, elainepr@clas.com.br.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, RG _____

DECLARO para os devidos fins, que participarei desta pesquisa na condição de pesquisado(a) (sujeito/objeto da pesquisa ou seu representante legal) e que fui devidamente esclarecido(a) sobre os termos e sobre o Projeto de Pesquisa.

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) voluntário(a) ou seu representante legal

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Declaro que para os fins de realização da pesquisa proposta sobre **“FAMÍLIA X INTERNATO MISTO CONFSSIONAL: COMPREENSÕES DO JOVEM INTERNO ACERCA DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA FAMÍLIA E NO INTERNATO”**, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo as orientações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, foi obtido de forma livre por parte do(a) pesquisado(a) ou seu representante legal, após a apresentação dos devidos e suficientes esclarecimentos ao(à) declarante acima qualificado(a) e seu representante legal para a realização da pesquisa.

Nome e assinatura do (s) responsável (eis) pela pesquisa e RG

Este Termo (TCLE) foi obtido por: 1. Contato pessoal (X) 2. FAX com esclarecimentos via telefone () 3. Internet () 4. Correio com carta com os devidos esclarecimentos (X)

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA LINHA DA FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE

QUESTIONÁRIO PARA O PAI

1. Idade: _____
2. Religião: _____
3. Grau de instrução: _____
4. Número de filhos no internato: _____
5. Sexo dos filhos no internato: _____
6. Idade dos filhos no internato: _____
7. Curso dos filhos: _____
8. Pesquisado: () Responsável legal

Responda, por favor, de forma bastante franca e honesta, pois isto possibilitará que este estudo tenha relevância e possibilite mudanças positivas na forma como o internato possa vir a trabalhar o tema com os seus(as) filhos(as).

1. Como você tomou conhecimento da existência do IAENE?

2. O que o levou a decidir-se por esta forma de educação?
() Melhor educação () Proteção contra o mundo () Crescer espiritualmente () Ser mais responsável () Aprender a obedecer () Ser mais organizado () Outros motivos.

3. Como esta decisão foi recebida pelo(a) filho(a): viver e estudar no internato?

4. Que mudanças corporais você observou em seus(as) filhos(as) quando percebeu que já estavam se tornando adolescentes?

5. Quais foram as mudanças comportamentais que mais chamaram a sua atenção nesta fase?

6. O que você, como pai, entende por sexualidade?

7. Quem educou você para a uma sexualidade madura e responsável?

8. Seus pais respondiam suas perguntas e suas dúvidas?

9. Que tipo de temas você aborda com o seu filho? Razões:

Manter a virgindade Uso de camisinha Escolher bem a namorada
 Prevenir a gravidez Evitar ficar Prevenir DST's Deixa a mãe falar

10. Que temas você aborda com sua filha? Razões:

Manter a virgindade Uso de camisinha Escolher bem a namorada
 Prevenir a gravidez Evitar ficar Prevenir DST's Deixa a mãe falar

11. Em geral, de quem parte a iniciativa de falar sobre sexualidade e tudo que ela envolve?

Sua Filhos(as) Quando surge na TV Quando vê os(as) filhos(as) lendo em revistas Quando escuta algo das conversas dos(as) filhos(as) com os outros Outros:

12. Em seu lar, como são abordadas as questões relacionadas à sexualidade?

De forma aberta Respondendo somente o necessário Fornecendo material de leitura para tirar as dúvidas que houverem Não conversam sobre o tema Levando em conta a idade dos filhos A mãe explica melhor Outras maneiras. Quais?

13. Você tem dúvidas em como responder aos seus(as) filhos(as) questões sobre o tema quando ter a primeira relação sexual?

Sim Não Algumas Muitas

14. Como tenta estar atualizado para poder responder às dúvidas existentes nesta área?

Lendo sobre o tema Buscando informações com pessoas entendidas na área Levando as dúvidas para os professores Não me sinto confortável em responder a estas questões Outras formas. Quais?

15. De que forma você gostaria que o internato abordasse o tema com seus(as) filhos (as)?
() De forma franca, mas dentro dos princípios morais e espirituais () Palestras com especialistas () Grupos fechados de estudos com pessoa preparada () Respondendo somente àquilo que eles trouxessem como necessidade () Outras formas. Quais?
- _____
- _____
16. Que disciplinas você considera que deveriam abordar o tema da sexualidade no Colégio do IAENE?
- _____
- _____
17. No IAENE, quem você consideraria que deveria tirar as dúvidas de seus(as) filhos(as) nesta área, enquanto estão no internato?
() Preceptores () Diretor Interno () Orientador Pedagógico () Professores () Amigos da mesma idade () Especialista na área () Outros:
- _____
- _____
18. Como você considera as normas do internato:
() Rigorosas demais
() De acordo com o que você esperava
() Considera que são normas que seus(as) filhos(as) precisam
() Poderiam ser mais amenas
() Poderiam ser modernizadas.
19. Quais as reclamações mais constantes de seus(as) filhos(as), quando o tema é o namoro no internato?
() Não poder andar de mãos dadas () Não poder beijar () Não poder sair juntos () Toda a vigilância () Não ter explicações para as regras existentes () Outros. Quais?
- _____
- _____
- _____
20. Eles(as) já contaram se já quebraram as regras de não pegar na mão e nem beijar, dentro do internato?
() Sim () Não () Algumas vezes
21. Que conselhos você, como pai, dá aos filhos(as) quando eles quebram as normas do IAENE?
- _____
- _____
- _____

22. Você conhece a vida sexual de seus(as) filhos(as)?
 Sim Não Algumas coisas Acreditam que é algo privativo deles
 Nunca se preocupou com isto pois confia neles(as).
23. Se seus(as) filhos(as) já tivessem uma vida sexual ativa, quais seriam os sentimentos predominantes em você, como pai, ao descobrir?
 Tristeza Medo Culpa Dúvidas Satisfação Nenhum destes
 Outros:

24. Como você, pai, acredita, que seus (as) filhos(as) satisfazem seus impulsos sexuais?
 Masturbação Polução noturna Não fazem nada
Fazendo muito esporte Vocês nunca perguntaram Canalizam para o estudo
 Os filhos jamais contariam Outros como:

25. Como pai, você conhece a vida sexual de seu (sua) filho(a)?
 Não quer saber deste tema Alguma coisa Não conhece
Considera que é algo privativo deles(as) Nunca se preocupou com isto.

Obrigada por sua sinceridade, honestidade e participação! Esperamos que este trabalho possibilite uma melhora na qualidade de nosso ensino, preparando os seus filhos para a constituição de uma maturidade responsável e uma sexualidade sadia!

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA LINHA DA FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE

QUESTIONÁRIO PARA A MÃE

- 1, Idade: _____
2. Grau de instrução: _____
3. Religião: _____
3. Número de filhos no internato: _____
4. Sexo dos filhos no internato: _____
5. Idade dos filhos no internato: _____
6. Curso dos filhos: _____
7. Pesquisado: () Responsável legal

Responda, por favor, de forma bastante franca e honesta, pois isto possibilitará que este estudo tenha relevância e possibilite mudanças positivas na forma como o internato possa vir a trabalhar o tema com os seus(as) filhos(as).

1. Como você tomou conhecimento da existência do IAENE?

2. O que a levou a decidir-se por esta forma de educação? () Melhor educação
() Proteção contra o mundo () Crescer espiritualmente () Ser mais responsável
() Aprender a obedecer () Ser mais organizado () Outros motivos.
3. Como esta decisão foi recebida pelo(a) filho(a): viver e estudar no internato?

4. Que mudanças corporais você observou em seus(as) filhos(as) quando percebeu que já estavam se tornando em adolescentes?

5. Quais foram as mudanças comportamentais que mais chamaram a sua atenção
nesta fase?

6. O que você, como mãe, entende por sexualidade?

7. Quem educou você para a uma sexualidade madura e responsável?

8. Seus pais respondiam suas perguntas e suas dúvidas?

9. Que tipo de temas você aborda com o seu filho ? Razões:

- Manter a virgindade Uso de camisinha Escolher bem a namorada
 Prevenir a gravidez Evitar ficar Prevenir DST's Deixa o pai falar

10. Que temas você aborda com sua filha? Razões:

- Manter a virgindade Uso de camisinha Escolher bem a namorada
 Prevenir a gravidez Evitar ficar Prevenir DST's Deixa o pai falar

11. Em geral, de quem parte a iniciativa de falar sobre sexualidade e tudo o que ela envolve?

- Sua Filhos(as) Quando surge na TV Quando vê os(as) filhos(as) lendo em revistas Quando escuta algo das conversas dos(as) filhos(as) com os outros Outros

12. No lar, como você aborda as questões relacionadas à sexualidade, quando questionada?

- De forma aberta Respondendo somente o necessário Fornecendo material de leitura para tirar as dúvidas que houverem Não conversa sobre o tema O pai sabe explicar melhor Leva em conta a idade dos filhos Outras maneiras (). Quais?

13. Você tem dúvidas em como responder aos seus(as) filhos(as) questões sobre o tema da sexualidade?

- Não Sim Algumas Muitas. Se você marcou alguma das últimas opções, indique pelo menos 03 dificuldades:

- 14.. Como tenta atualizar-se para responder às dúvidas existentes nesta área?
 Lendo sobre o tema Buscando informações com pessoas entendidas na área Levando as dúvidas para os professores Não me sinto confortável em responder às questões Outras maneiras. Quais?

15. De que forma você gostaria que o internato abordasse o tema com seus(as) filhos (as)?
 De forma franca, mas dentro dos princípios morais e espirituais Palestras com especialistas Grupos fechados de estudos com pessoa preparada Respondendo somente àquilo que eles trouxessem como dúvidas Outras formas. Quais?

16. Que disciplinas você considera que deveriam abordar o tema da sexualidade no Colégio do IAENE?

17. No IAENE, quem você consideraria que deveria tirar as dúvidas de seus(as) filhos(as) nesta área, enquanto estão no internato?
 Preceptores Diretor Interno Orientador Pedagógico
 Professores Especialista na área Outros:

- 18, Como você considera as normas do internato:

- Rigorosas demais
 De acordo com o que você esperava
 Considera que são normas que seus(as) filhos(as) precisam
 Poderiam ser mais amenas
 Poderiam ser modernizadas.

18. Quais as reclamações mais constantes de seus(as) filhos(as), quando o tema é o namoro no internato?

- Não poder andar de mãos dadas Não poder beijar Não poder sair juntos Toda a vigilância Não ter explicações para as regras existentes Outras. Quais?

20. Eles(as) já contaram se já quebraram as regras de não pegar na mão e nem beijar, dentro do internato?

- Sim Não Algumas vezes

21. Que conselhos você, como mãe, dá aos filhos(as) quando eles quebram as normas do IAENE?

22. Você conhece o que seus(as) filhos(as) pensam sobre sexualidade e a vida sexual?

Sim Não Algumas coisas Acredito que é algo privativo deles
 Nunca me preocupei com isto, pois confio neles (as).

23. Se você descobrisse que seus(as) filhos(as) mantêm uma vida sexual ativa, quais seriam os sentimentos predominantes em você, como mãe, ao descobrir?

Preocupação Temor Culpa Medo Satisfação Nenhum destes Outros:

24. Como você, mãe, acredita que seus (as) filhos(as) satisfazem seus impulsos sexuais?

Masturbação Polução noturna Não fazem nada
 Fazendo muito esporte Vocês nunca perguntaram Canalizam para o estudo Os (as) filhos(as) jamais contaram Outros como:

25. Como mãe, você conhece a vida sexual de seus filhos(as)?

Não quer saber deste tema Alguma coisa Não conhece
 Considera que é algo privativo deles(as) Nunca se preocupou com isto.

Obrigada por sua sinceridade, honestidade e participação! Esperamos que este trabalho possibilite uma melhora na qualidade de nosso ensino, preparando os seus filhos para a constituição de uma maturidade responsável e uma sexualidade sadia!

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA LINHA DA FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE

ENTREVISTA PARA OS ALUNOS

Idade: _____ Sexo: _____

Religião: _____

1. Vinda para o internato:

- Como você tomou conhecimento da existência do IAENE?
- De quem foi a idéia de estudar no internato?
- Se você desejou vir estudar no internato, qual foi sua primeira impressão ao chegar aqui?
- Se não foi seu desejo e sim dos seus pais, como se sentiu ao chegar aqui e qual foi sua primeira impressão?
- Este seu sentimento mudou com o passar dos dias?
- Há quanto tempo está no internato?
- Deseja seguir aqui? Se sim, até quando? Se não, por quê?
- Já tem um bom grupo de amigos?
- Já conseguiu namorar alguém?
- Como é sua relação com o preceptorado?
- O que você aprecia nesta sua nova vida?

2. Regras do internato:

- Você considera que devam existir regras no internato?
- Você concorda com todas elas?
- Se sim, por quê?
- Se não, com quais não concorda? Por quê?
- Considera-as atualizadas? Se sim, por quê? Se não, por quê?
- Se você pudesse ser preceptor por um dia, que coisas você modificaria? Por quais razões?
- Quais são as regras mais fáceis de serem cumpridas?
- Quais as regras mais difíceis de serem cumpridas? Razão.
- Já quebrou algumas regras? Quais?

3. Sexualidade:

- Com que idade você percebeu que estavam ocorrendo mudanças corporais?
- Quais mudanças mais chamaram sua atenção?
- Qual foi o sentimento inicial?
- Com quem você conversou sobre estas mudanças?
- Que mudanças comportamentais acompanharam estas mudanças físicas?
- Seus pais explicaram o que estava ocorrendo com você?
- Você os buscou para falar acerca das mudanças?
- A resposta, se recebida, respondeu suas dúvidas?
- Com quem você se sente mais a vontade para conversar ou perguntar sobre dúvidas nesta área? Pai? Mãe? Amigos?

- Falando em pais, eles conversam com você sobre o tema da sexualidade?
 - Se sim, de que forma? Se não, por que você acha que eles não falam?
 - Você considera que seus pais se sentem a vontade para falar sobre o tema?
 - Quem tem abordado mais sobre o tema: família ou internato?
 - Para você, o que vem a ser sexualidade?
 - Considera que o internato busca responder as perguntas existentes nesta área?
 - Como o internato tem feito isto?
 - No internato, com quem você mais conversa sobre o tema?
 - O colégio, no período das aulas, aborda o tema?
 - Se sim, em que disciplinas?
 - Se não, qual seria sua explicação para a não abordagem do tema?
 - Considera interessante que haja uma educação sexual? Se sim, por quê? Se não, por quê?
 - Como acha que deveria ser feita esta abordagem?
 - Você considera que estudar é uma forma de controlar estes impulsos?
 - Ao conviver diariamente com o sexo oposto, como você faz para controlar o desejo de tocar e beijar?
 - Pensa que é possível canalizar os desejos sexuais? De que forma?
 - Você já quebrou alguma regra em relação à conduta com o sexo oposto?
 - Quais os melhores locais para quebrar as regras?
 - Ao quebrar as regras, quais são os três sentimentos mais fortes?
 - No internato, você já manteve relações sexuais?
 - Fora do internato, você já manteve alguma relação sexual?
 - Se sim, é de conhecimento de seus pais?
 - Se contou, qual foi a reação deles?
 - Se ainda não manteve relação sexual, quais são as razões que o impedem?
 - Como satisfaz suas necessidades sexuais?
4. Forma de tirar suas dúvidas:
- Como você gostaria de ver respondidas as suas dúvidas na área da sexualidade?
 - Quem seria a pessoa mais indicada para responder acerca deste tema?
 - Sente-se à vontade de conversar sobre o tema com os preceptores?
 - Qual seria a forma mais correta, moral e ética de abordar o tema da sexualidade?
 - Você gostaria de acrescentar algo a esta nossa entrevista?

APÊNDICE E**UNIVERSIDADE CATÓLICA DA SALVADOR
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA****QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS**

CURSO: _____ IDADE _____
TEMPO DE INTERNATO: _____ SEXO: _____
ALUNO BOLSISTA: () SIM () NÃO
ALUNO REGULAR: () SIM () NÃO
RELIGIÃO: _____

Sua identidade será mantida em sigilo, sendo relevantes apenas as suas respostas, que serão utilizadas para um estudo prévio sobre o tema de sexualidade. Responda de forma honesta!

1. O que você entende por sexualidade?

2. Que mudanças corporais você percebeu quando percebeu que já estava se transformando em adolescente?

3. Que disciplinas têm abordado o tema da sexualidade?

4. Como o internato tem trabalhado este tema com vocês?

() Palestras () Semanas especiais () Conversas com preceptor () Não trabalha

5. Você tem dúvidas em relação ao exercício da sexualidade?

() Sim () Não () Algumas () Muitas

6. Quem tem tirado suas dúvidas aqui no internato?

() Preceptor () Diretor Interno () Orientador Pedagógico () Professores () Amigos da mesma idade () Ninguém

7. Sua família aborda o tema?

() Sim () Não () Só se perguntar () Algumas vezes

8. De que forma ela o aborda?

() Restrição () Timidez () Jogo aberto () Não aborda nunca

9. Você se sente à vontade com seus pais para tirar suas dúvidas?
() Sim () Não () Algumas vezes () Com coisas simples
10. De que forma você consideraria interessante tirar suas dúvidas sobre sexo e comportamento sexual?

11. Como você acha que a instituição deveria trabalhar este tema?
() Palestras () Grupos abertos de estudo () Grupos fechados, com sexóloga
(
Semanas especiais () Outras formas, tais como:

12. Quando você se interessa por uma pessoa, que dificuldades encontra para aborda-la?

13. Se você namora no internato, que coisas o (a) incomodam?
() Não poder andar de mãos dadas () Não poder beijar () Não poder sair juntos () Toda a vigilância () Cobranças de bom comportamento () Outros:

14. Você já quebrou as regras de não pegar na mão e nem beijar aqui dentro da escola?
() Sim () Não () Algumas vezes () Sempre que possível
15. Se você rompeu estas regras, como se sentiu?

16. Se não rompeu estas regras, já pensou em fazê-lo?
() Sim () Não () Algumas vezes () Sempre
17. Você já manteve, em algum momento de sua vida, relações sexuais?
() Sim () Não
18. Se sim, que cuidados você tomou?
() Usou preservativo () A ejaculação foi fora () Anticoncepcional ()
Pílula do dia seguinte () Outros cuidados: _____

19. Já manteve relações sexuais no internato?

Sim Não

20. Se sim, qual foi o sentimento predominante?

Medo Culpa Prazer Satisfação Nenhum destes, e sim:

21. O que são as DSTs para você?

22. Se você já manteve relações sexuais no internato, como você se preveniu contra as DST's?

23. O que você faz para satisfazer seus impulsos sexuais?

Masturbação Polução noturna Não faço nada Faço outras coisas tais como:

Obrigada por sua sinceridade, honestidade e participação.

APÊNDICE F

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA LINHA DA FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE

QUESTIONÁRIOS PARA OS PRECEPTORES/DIRETORES

IDADE: _____

TEMPO DE PRECEPTORADO: _____

FORMAÇÃO ACADÊMICA: _____

Sua participação neste trabalho é de suma importância para a nossa compreensão acerca da abordagem feita sobre o tema da sexualidade no internato. Sua participação enriquecerá nossa dissertação de mestrado, ajudando-nos a construir um projeto de orientação sexual, para que os adolescentes que estejam no internato possam desenvolver uma sexualidade de acordo com os princípios éticos cristãos e, ao mesmo tempo, propiciar o desenvolvimento para a autonomia e a construção de uma identidade congruente. Seu nome será mantido totalmente em sigilo.

1. Como você descreve sua atividade?

2. Você participou de algum curso preparatório para a atividade exercida?
 Sim Não Vale a experiência Alguns encontros não preparatórios, mas para falarmos das dificuldades Outras atividades Não considera que seja necessário.

3. Você sente que está preparado para responder a todas as necessidades dos(as) jovens que estão sob seu cuidado?
 Sim Não Procura atualizar-se A experiência diária ensina o que deve fazer O que tem tido já é suficiente, mas talvez seja necessário um projeto mais abrangente.

4. Considera que seria interessante passar por algum curso de treinamento preparatório para trabalhar com adolescentes e conhecer esta etapa vital mais profundamente?
 Sim Não Considera que a convivência com eles é a melhor escola Outros:

5. Se respondeu sim, por quê?

6. Se respondeu não, por quê?

7. Os monitores de campo passam por algum tipo de treinamento?

Sim Não Algumas indicações Somente obedecem ordens recebidas.

8. Quando os(as) adolescentes são trazidos(as) por seus pais, quais são os motivos apresentados por estes, para a escolha da Instituição?

9. Vocês perguntam sobre que dificuldades o(a) adolescente poderão vir a apresentar no internato?

Sim Não Algumas vezes Quase sempre

10. Os pais respondem a este tipo de interrogante?

Sim Não Algumas vezes Quase sempre

11. Quais são as características dos(as) adolescentes mais comumente apresentadas pelos pais?

12. No primeiro encontro, com pais e filho(a), é possível perceber se existe algum problema entre eles?

Sim Não Algumas vezes Quase sempre

13. Se sua resposta foi sim, quais são os problemas mais comuns?

14. Como são preparadas as atividades para preencher o tempo dos(as) adolescentes?

15. Quais as maiores dificuldades ao ser responsável por tantos(as) adolescentes?

16. Existem programas específicos para a educação sexual?

Sim Não Algumas vezes Sempre que possível

17. Como eles são construídos?

- A partir de perguntas feitas pelos(as) adolescentes Com a participação dos adolescentes Entre preceptores, a partir daquilo que é visto e sentido Com a participação da direção, escolhendo os temas que consideram ser relevantes.

18. Quantas vezes por semestre ocorrem atividades de orientação sexual?

- Uma vez por semestre Uma vez por ano Trimestralmente Não tem um tempo certo Só quando há necessidade

19. Que regras são as mais difíceis de serem cumpridas pelos(as) internos(as)?

20. Que acontece quando as regras de não tocar no sexo oposto são quebradas e você vê?

21. Ocorrem problemas com adolescentes que optam pelo homossexualismo ou lesbianismo?

- Sim Não Alguns poucos casos

22. Como é abordada esta opção sexual?

23. Em geral, o que é feito com o(a) interno(a) que apresenta este comportamento?

- Conversa Disciplina Chamam os pais Advertência Expulsão Outros:
Quais? _____

24. Vocês são procurados para responder a dúvidas sobre como comportar-se com o sexo oposto?

- Sim Não Algumas vezes Quase nunca Quase sempre

25. Como são abordados os temas de masturbação, poluição noturna, cuidados com o corpo, dignidade e respeito pelo outro, como namorar, limites no namoro?

Individualmente Em pequenos grupos Palestras Filmes Outros - Quais?

26. Quem normalmente responde a estes temas, na Instituição?

Preceptores(as) Monitores(as) Professores Psicólogo Direção Ninguém Outros - Quais?

27. Acredita que precisa haver um programa mais direcionado a responder as questões sobre sexualidade?

Sim Não Sempre que possível Só quando for necessário

28. O que você levaria em consideração para fazer um programa sobre o tema?

29. Considera estar preparado para fazer este tipo de programa e para responder às dúvidas que porventura venham a ser levantadas?

Sim Não Algumas vezes Nem sempre Quase sempre

30. Considera que as normas vigentes estão atualizadas?

Sim Não Algumas coisas poderiam ser mudadas Pouca coisa precisa de ajustes.

31. Seja qual tenha sido sua resposta, explique o porquê dela?

32. Caso tenha respondido sim, quais delas mudaria e por quê?

33. Gostaria de acrescentar algo a este questionário, que não foi abordado?

Obrigada por sua sinceridade, honestidade e participação! Esperamos que este trabalho possibilite uma melhora na qualidade de nosso ensino, preparando os jovens que estão sob o cuidado da Instituição para a constituição de uma maturidade responsável e uma sexualidade sadia!

APÊNDICE G

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA LINHA DA FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE

CARTA AOS PAIS

Desejamos que o bondoso Deus esteja abençoando-os em todas as áreas de suas vidas, bem como aos seus demais familiares.

Antes de qualquer coisa, gostaria de me apresentar: meu nome é Daisy Kiekow de Britto Rodrigues Alves, faço parte do corpo docente da Faculdade Adventista da Bahia, como professora de Psicologia, tanto na Faculdade de Fisioterapia como no Seminário de Teologia, além de atender na Clínica-Escola. No momento, estou fazendo uma pós-graduação, mais especificamente um mestrado na Universidade Católica de Salvador, na área de Família na Sociedade Contemporânea.

Como parte de meus estudos, estou preparando minha dissertação cujo título é **“FAMÍLIA X INTERNATO MISTO CONFSSIONAL: COMPREENSÕES DO JOVEM INTERNO ACERCA DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA FAMÍLIA E NO INTERNATO”**, onde me proponho a analisar como o tema da sexualidade tem sido abordada no internato e também no lar e como ela tem sido percebida pelos adolescentes.

Vocês estão sendo convidados a enriquecer minha pesquisa, pois seu(sua) filho(a) deseja participar do estudo como entrevistado(a), respondendo as perguntas acerca da vinda para o internato, como está sendo sua adaptação, como se sentem frente às regras de conduta, como é o namoro no internato, como gostariam que fosse abordado o tema da sexualidade, que dúvidas têm e etc.

Nosso objetivo, ademais de obter um título de mestre é, com certeza, ajudar o IAENE a desenvolver um programa que atenda às necessidades de seu corpo discente, em especial dos alunos que vivem no internato, na área da sexualidade, para que nossos(as) jovens possam ter um desenvolvimento pleno, maturidade e responsabilidade com o seu corpo e com o corpo dos demais, além de desenvolver uma sexualidade responsável e sadia.

O questionário deve ser respondido de forma individual e, como puderam perceber, junto já está um envelope selado com o nosso endereço, facilitando o breve retorno das respostas. Por favor, responda e nos envie o mais rápido possível os questionários, bem como o consentimento livre e esclarecido assinado, tanto o seu como o de seu(sua) filho(a), caso ele(ela) seja menor de idade.

Enfatizamos que esta é uma pesquisa em que se respeitará o sigilo e a privacidade dos que colaborarem, não constando seu nome em nenhum material a ser divulgado e, tanto quanto possível, não se individualizarão as respostas.

Desde já sou agradecida pela participação em minha pesquisa, possibilitando assim, além da minha conquista, um melhor atendimento e entendimento das necessidades de seus(suas) filhos(as).

Atenciosamente,

Prof. Daisy Alves